





MORGAN RICE

UM TRONO
PARA IRMÃS

LIVRO 1

UM TRONO PARA IRMÃS

(LIVRO 1)

MORGAN RICE

Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; e da série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA, composta por oito livros; e da nova série de fantasia épica UM TRONO PARA IRMÃS. Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADA \(Livro n 1 da série Diários de um Vampiro\), ARENA UM \(Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência\) e EM BUSCA DE HERÓIS \(Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro\) e A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES \(Reis e Feiticeiros – Livro n 1\) estão disponíveis gratuitamente no Amazon!](#)

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis, obter as últimas notícias exclusivas, ligar se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Seleção de aclamações para Morgan Rice

“Se pensava que já não havia motivo para viver depois do fim da série O ANEL DO FEITICEIRO, estava enganado. Em A ASCENÇÃO DOS

DRAGÕES Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, fazendo-nos imergir numa fantasia de trolls e dragões, de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita.”

— *Books and Movie Reviews*

Roberto Mattos

“Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan Rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O CICLO DA HERANÇA de Christopher Paolini...Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais.”

— *The Wanderer, A Literary Journal* (referente a *Ascensão dos Dragões*)

“Uma fantasia espirituosa que entrelaça elementos de mistério e intriga no seu enredo. *A Busca de Heróis* tem tudo a ver com a criação da coragem e com a compreensão do propósito da vida que leva ao crescimento, maturidade e excelência... Para os que procuram aventuras de fantasia com sentido, os protagonistas, estratégias e ações proporcionam um conjunto vigoroso de encontros que se relacionam com a evolução de Thor desde uma criança sonhadora a um jovem adulto que procura sobreviver apesar das dificuldades... Apenas o princípio do que promete ser uma série de literatura juvenil épica.”

—*Midwest Book Review* (D. Donovan, eBook Reviewer)

“O ANEL DO FEITICEIRO tem todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: enredos, intrigas, mistério, valentes cavaleiros e relacionamentos que florescem repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades.

Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia.”

— *Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

“Neste primeiro livro cheio de ação da série de fantasia épica Anel do Feiticeiro (que conta atualmente com 14 livros), Rice introduz os leitores ao Thorgrin “Thor” McLeod de 14 anos, cujo sonho é juntar-se à Legião de Prata, aos cavaleiros de elite que servem o rei... A escrita de Rice é sólida e a premissa intrigante.”

—*Publishers Weekly*

Livros de Morgan Rice

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro #1)

UM TRONO PARA IRMÃS

UM TRONO PARA IRMÃS (Livro #1)

UMA CORTE PARA LADRAS (Livro #2)

UMA CANÇÃO PARA ORFÃS (Livro #3)

DE COROAS E GLÓRIA

ES CRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro #1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro #2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro #3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro #4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro #5)

HEROÍNA, TRAI DORA, FILHA (Livro #6)

GOVERNANTE, RIVAL, EXILADA (Livro #7)

VENCEDORA, DERROTADA, FILHO (Livro #8)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro #1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro #2)

O PESO DA HONRA (Livro #3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro #4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro #5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro #6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)

UM GRITO DE HONRA (Livro #4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)

UM REINADO DE AÇO (Livro #11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro #14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro #15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro #16)

O DOM DA BATALHA (Livro #17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)

ARENA DOIS (Livro #2)

ARENA TRÊS (Livro #3)

VAMPIRO, APAIXONADA

ANTES DO AMANHECER (Livro #1)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro #1)

AMADA (Livro #2)

TRAÍDA (Livro #3)

PREDESTINADA (Livro #4)

DESEJADA (Livro #5)

COMPROMETIDA (Livro #6)

PROMETIDA (Livro #7)

ENCONTRADA (Livro #8)

RESSUSCITADA (Livro #9)

ALMEJADA (Livro #10)

DESTINADA (Livro #11)

OBCECADA (Livro #12)



Sabia que eu já escrevi múltiplas séries? Se não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo e faça o *download* do primeiro livro de cada série!

Quer livros gratuitos?

Subscreva a lista de endereços de Morgan Rice e receba 4 livros grátis, 3 mapas grátis, 1 aplicação grátis, 1 jogo grátis, 1 história em banda desenhada grátis e ofertas exclusivas! Para subscrever, visite:

www.morganricebooks.com

Copyright © 2017 por Morgan Rice. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser partilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZASSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZASSETTE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZANOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

CAPÍTULO UM

De todas as coisas que havia para odiar na Casa dos Não Reclamados, a roda de moagem era a que Sophia mais temia. Ela gemia enquanto empurrava com força um braço ligado ao poste gigante que desaparecia no chão, enquanto ao

seu redor, as outras órfãs empurravam com impulso os deles.

Empurrá-lo magoava-a e fazia transpirar, o seu cabelo ruivo a ficar embaraçado com o trabalho, o seu vestido cinzento e gasto ainda mais manchando com o suor. O seu vestido estava mais curto do que ela queria agora, subindo involuntariamente a cada passo e mostrando a tatuagem na sua barriga da perna com a forma de uma máscara, marcando-a como ela era: uma órfã, uma coisa possuída.

As outras miúdas ali tinham coisas ainda piores. Aos dezassete anos, Sophia era pelo menos uma das mais velhas e das maiores. A única pessoa mais velha no quarto era a Irmã O’Venn. A freira da Deusa Mascarada usava o hábito negro como o azeviche da sua ordem, juntamente com uma máscara de renda através da qual, todas as órfãs rapidamente perceberam, ela conseguia ver, até ao menor detalhe da falha. A irmã segurou a correia de couro com a qual costumava punir, flexionando-a entre as suas mãos enquanto ela zumbia num barulho de fundo, proferindo as palavras do *Livro das Máscaras*, homilias sobre a necessidade de aperfeiçoar almas abandonadas como elas

“ Neste lugar, vocês aprendem a ser úteis ” entoou ela. “ Neste lugar, vocês aprendem a ser valiosas, como não vos ensinaram essas mulheres caídas em desgraça que vos deram à luz. A Deusa Mascarada diz-nos que devemos moldar o nosso lugar no mundo através dos nossos esforços, e hoje os vossos esforços rodam os pequenos moinhos manuais que moem o milho e... presta atenção, Sophia!”

Sophia encolheu-se ao sentir o impacto do cinto dela a estalar. Ela cerrou os dentes. Quantas vezes é que as irmãs já lhe tinham batido ao longo da sua vida? Por fazer a coisa errada, ou por não fazer o que é certo suficientemente rápido? Por ser suficientemente bonita ao ponto de isso constituir um pecado em si mesmo? Por ter a chama de uma ruiva que causa problemas?

E se elas soubessem sobre o seu talento. Ela estremeceu ao pensar nisso.

Se assim fosse, elas tê-la-iam espancado até a morte.

“Estás a ignorar-me, sua idiota?” a freira exigiu. Ela batia-lhe sem parar.

“Ajoelhem-se de frente para a parede, todas vocês!”

Essa era a pior parte: não *importava* se fazias tudo bem. As irmãs iriam bater em todas pelas falhas de uma miúda.

“Vocês precisam que vos recordem” disse a Irmã O’Venn, quando Sophia ouviu uma miúda gritar, “do que vocês são. De *onde* vocês estão.” Outra miúda gemeu quando a correia de couro atingiu a sua carne. “Vocês são as crianças que ninguém quis. Vocês são propriedade da Deusa Mascarada, a

quem foi dado um lar através da sua graça.”

Ela percorreu o quarto em redor, e Sophia sabia que ela seria a última. A ideia era fazê-la sentir-se culpada pela dor das outras, e dar-lhes tempo para a odiarem por ela as ter colocado naquela situação, antes de lhe dar uma tarefa.

A tarefa pela qual ela estava ali ajoelhada à espera.

Quando ela poderia simplesmente se ir embora.

Esse pensamento veio a Sophia tão sem aviso que ela teve de verificar que não era um tipo de envio da sua irmã mais nova, ou que ela não o apanhara de uma das outras. Esse era o problema com um talento como o dela: vinha quando queria, e não quando chamado. No entanto, parecia que o pensamento era realmente dela e, mais do que isso, era verdade.

Era melhor arriscar a morte do que ficar ali mais um dia.

Claro, se ela ousasse a ir-se embora, a punição seria pior. Elas encontravam sempre uma maneira de a tornar pior. Sophia tinha visto miúdas que haviam roubado ou ripostado a morrer de fome durante dias, forçadas a ficar ajoelhadas, espancadas quando tentavam dormir.

Mas ela já não se importava. Algo dentro dela tinha passado uma linha. O medo não conseguia tocar em si, porque estava submerso no medo do que aconteceria em breve, de qualquer das maneiras.

Afinal, ela hoje fazia dezassete anos.

Ela já tinha idade suficiente para pagar a sua dívida de anos de “cuidado” nas mãos das freiras - para ser treinada e vendida como gado. Sophia sabia o que acontecia as órfãs que atingiam a maioridade. Comparado com isso, nenhuma tarefa importava.

Ela andava a pensar nisto incessantemente há semanas, na verdade. A temer este dia, o dia do seu aniversário.

E agora tinha chegado.

Para seu próprio choque, Sophia agiu. Ela permaneceu calma, olhou em redor. A atenção da freira estava noutra miúda, chicoteando-a selvaticamente, pelo que rapidamente ela se escapou para a porta em silêncio. Provavelmente mesmo as outras miúdas não notaram, ou se o fizeram, ficaram muito assustadas para dizer alguma coisa.

Sophia entrou num dos corredores brancos e modestos do orfanato, movendo-se silenciosamente, afastando-se da sala de trabalho. Havia outras freiras lá fora, mas, desde que ela se movesse com propósito, tal poderia ser suficiente

para evitar que elas a parassem.

O que é que ela tinha acabado de fazer?

Sophia continuou a caminhar pela Casa dos Não Reclamados aturdida, mal capaz de acreditar que ela estava realmente a fazer isto. Havia razões pelas quais eles não se incomodavam em trancar os portões da frente. A cidade além, logo depois dos seus portões, era um lugar austero - e ainda mais austero para aqueles que tinham começado a vida coma órfãos. Ashton tinha os ladrões e bandidos de todas as cidades - mas também continha os perseguidores que recapturavam os órfãos que fugiam e as pessoas livres que lhe cuspiam para cima simplesmente pelo que ela era.

E depois, havia a sua irmã. Kate tinha apenas quinze anos. Sophia não queria arrastá-la para algo pior. Kate era dura, até mais dura do que Sophia, mas ainda assim era a sua pequena irmã.

Sophia deambulou até aos claustros e até ao pátio onde elas se misturaram com os rapazes do orfanato ao lado, tentando descobrir onde estaria a sua irmã. Ela não podia ir-se embora sem ela.

Ela estava quase lá quando ouviu uma miúda a gritar.

Sophia dirigiu-se para o som, meio suspeitando que a sua pequena irmã se tivesse metido noutra luta. Quando ela chegou ao pátio, no entanto, ela não encontrou Kate no centro de uma multidão de bruxas, mas outra miúda. Esta era ainda mais jovem, talvez com treze anos, e estava a ser empurrada e esbofeteada por três rapazes que já deviam ter quase idade suficiente para serem vendidos para treinos ou para o exército.

“Parem com isso!” gritou Sophia, surpreendendo-se a si própria tanto quanto pareceu surpreender os rapazes que ali estavam. Normalmente, a regra era que se ignorasse o que quer que fosse que estivesse a acontecer no orfanato. Era que se ficasse quieto e se lembrasse do seu lugar. Agora, porém, ela aproximou-se.

“Deixem-na.”

Os rapazes pararam, mas apenas para olharem para ela.

O mais velho colocou os seus olhos sobre ela com um sorriso malicioso.

“Bem, bem, rapazes” disse ele, “parece que temos mais outra que não está onde deveria estar.”

Ele tinha feições contundentes e o tipo de olhar morto nos seus olhos que só se tinha por passar muitos anos na Casa dos Não Reclamados.

Ele deu um passo em frente e, antes que Sophia conseguisse reagir, ele

agarrou-lhe o braço. Ela ia-lhe dar uma bofetada, mas ele foi demasiado rápido, e empurrou-a para o chão. Era em momentos como este que Sophia desejava ter as habilidades de luta da sua irmã mais nova, a sua capacidade de convocar uma brutalidade instantânea que Sophia, com toda a sua astúcia, simplesmente não era capaz.

Vai ser vendida como uma prostituta de qualquer maneira...talvez também tenha a minha vez.

Sophia ficou alarmada ao ouvir os pensamentos dele. Estes pareciam quase imorais, e ela sabia que eram dele. O seu pânico aumentou.

Ela começou a lutar, mas ele prendia-lhe os braços com facilidade.

Havia apenas uma coisa que ela podia fazer. Ela desconcentrou-se, convocando o seu talento, esperando que desta vez resultasse.

Kate, ela enviou, o pátio! Ajuda-me!

“Com mais elegância, Kate!” exclamou a freira. “*Com mais elegância!*”

Kate não tinha muito tempo para a elegância, mas ainda assim, ela fez o esforço enquanto servia água para uma taça que a irmã segurava. A Irmã Yvaine observava-a criticamente sob a sua máscara.

“Não, ainda não estás a fazer bem. E eu sei que não és desajeitada, miúda.

Eu já te vi a fazer a roda no pátio.”

No entanto, ela não puniu Kate por isso, o que sugeria que a Irmã Yvaine não era uma das piores. Kate tentou novamente, com a mão a tremer.

Ela e as outras miúdas que estavam com ela deveriam estar a aprender a servir elegantemente em mesas nobres, mas a verdade era que Kate não tinha sido feita para isso. Ela era demasiado baixa e musculada para o tipo de feminilidade graciosa que as freiras tinham em mente. Havia uma razão pela qual ela mantinha curto o seu cabelo ruivo. No mundo ideal, onde ela era livre para escolher, ela ansiava por aprender com um ferreiro ou talvez com um dos grupos de atores que trabalhavam na cidade - ou talvez até ter a oportunidade de entrar no exército como os rapazes faziam. Este servir de água gracioso era o tipo de lição que a sua irmã mais velha, com o seu sonho de aristocracia, teria gostado - não ela.

Como se o pensamento a tivesse convocado, Kate, de repente, despertou ao ouvir a voz da irmã na sua mente. Ela questionou-se, porém; o talento delas nem sempre era assim tão confiável.

Mas então voltou a acontecer, e lá, também, estava a sensação por detrás

disso.

Kate, o pátio! Ajuda-me!

Kate conseguia sentir que ela estava com medo.

Ela afastou-se da freira bruscamente, involuntariamente, e, ao fazê-lo, derramou a sua jarra de água na pedra do chão.

“Desculpa” disse ela. “Eu preciso de ir.”

A Irmã Yvaine ainda estava a olhar fixamente para a água.

“Kate, limpa isto imediatamente!”

Mas Kate já estava a correr. Ela provavelmente iria ser espancada por isso mais tarde, mas ela já tinha sido espancada antes. Isso não significava nada.

Mas ajudar a única pessoa no mundo com quem ela se importava já significava.

Ela correu pelo orfanato. Ela conhecia o caminho, porque ela tinha aprendido todas as voltas deste lugar durante todos aqueles anos desde aquela noite horrível em que a deixaram aqui. Ela também, na noite tardia, escapulia-se do interminável ressonar e fedor do dormitório quando conseguia, desfrutando o lugar na escuridão quando ela era a única levantada, quando o toque dos sinos da cidade era o único som, e aprendendo a sensação de cada recanto nas suas paredes. Ela sentia que iria precisar disso um dia.

E agora ela precisava.

Kate conseguia ouvir o som da sua irmã, a lutar e a pedir ajuda. Por instinto, ela baixou-se e entrou para uma sala apanhando um atizador da lareira e continuando. O que ela ia fazer com ele, ela não sabia.

Ela emergiu no pátio, e ficou destroçada ao ver a sua irmã a ser imobilizada no chão por dois rapazes, enquanto outro remexia desajeitadamente no seu vestido.

Kate sabia exatamente o que fazer.

Uma raiva primitiva apoderou-se de si, uma que ela não conseguia controlar se quisesse, e Kate correu para a frente com um rugido, dando balanço ao atizador para a cabeça do primeiro rapaz. Ele virou-se quando Kate atacou, pelo que o atizador não o atingiu tão bem quanto ela queria, mas ainda foi o suficiente para atirá-lo ao chão, com ele a agarrar-se ao local que ela tinha atingido.

Ela atacou outro, apanhando-o pelo joelho enquanto ele estava de pé, fazendo-o cair. Ela atacou o terceiro no estômago, até ele ficar de joelhos.

Ela continuou a bater, não querendo dar aos rapazes nenhum tempo para recuperarem. Ela havia estado em muitas lutas nos seus anos no orfanato, e ela sabia que não podia confiar no tamanho ou na força. A fúria era a única coisa que a salvava. E, felizmente, disso, Kate tinha muita.

Ela atacou sem parar, até os rapazes retrocederem. Eles poderiam estar preparados para se juntar ao exército, mas os Irmãos Mascarados do lado deles não os ensinaram a lutar. Isso tê-los-ia tornado muito difíceis de controlar. Kate bateu no rosto de um dos rapazes, depois girou para trás atingindo o cotovelo de outro com um ferro que fez um estrondo no osso.

“Levanta-te” disse ela à sua irmã, estendendo-lhe a mão. “Levanta- *te!*”

A sua irmã levantou-se entorpecida, agarrando a mão de Kate como se ela fosse a irmã mais nova por uma vez.

Kate desatou a correr, e a sua irmã correu com ela. Sophia parecia voltar a si mesma enquanto elas corriam, e alguma da velha certeza parecia regressar à medida que elas corriam pelos corredores do orfanato.

Atrás delas, Kate conseguia ouvir gritos, de rapazes ou de irmãos ou de ambos. Ela não se importava. Ela sabia que só lhe restava fugir.

“Não podemos voltar” disse Sophia. “Nós temos de deixar o orfanato.”

Kate assentiu. Algo como isto não custaria apenas um espancamento como punição. Mas então Kate lembrou-se.

“Então vamos” respondeu Kate, correndo. “Primeiro eu só preciso de...”

“Não” disse Sophia. “Não há tempo. Deixa tudo. Precisamos de *ir*.”

Kate abanou a cabeça. Havia algumas coisas que ela não poderia deixar para trás.

Então, em vez disso, ela correu na direção do seu dormitório, segurando o braço de Sophia para que ela a seguisse.

O dormitório era um lugar sombrio, com camas que eram pouco mais do que ripas de madeira a saírem da parede como prateleiras. Kate não era estúpida ao ponto de colocar qualquer coisa que importasse na arca pequena aos pés da cama, onde qualquer pessoa conseguiria roubá-la. Em vez disso, ela dirigiu-se a uma fenda entre duas tábuas do chão, enfiando lá os dedos até uma levantar.

“Kate” resmungou e soprou Sophia, recuperando a sua respiração, “não há tempo.”

Kate abanou a cabeça.

“Eu não vou deixar isto aqui.”

Sophia tinha de saber o que é que ela tinha ido buscar; a única memória que ela tinha daquela noite, da antiga vida delas.

Finalmente, o dedo de Kate enrolou-se à volta de metal, e ela levantou o medalhão completamente para este ficar a brilhar sob a fraca luz.

Quando ela era criança, ela tinha a certeza de que era ouro verdadeiro; uma fortuna à espera de ser gasta. Ao crescer, ela viria a perceber que era uma liga mais barata, mas, de qualquer das formas, à época, para ela o medalhão valia muito mais do que ouro. A miniatura lá dentro, de uma mulher sorridente enquanto um homem tinha a mão no ombro dela era a coisa mais próxima de uma lembrança que ela tinha dos seus pais.

Kate normalmente não o usava por medo de que uma das outras crianças, ou as freiras, o tirassem de si. Agora, ela aconchegou-o dentro do vestido.

“Vamos” disse ela.

Elas correram para a porta do orfanato, supostamente sempre aberta, porque a Deusa Mascarada tinha encontrado portas que estavam fechadas para si quando ela visitou o mundo e tinha condenado aqueles que estavam lá dentro. Kate e Sophia correram pelas curvas e contracurvas dos corredores, saindo no pátio da entrada, olhando em redor à procura de perseguidores.

Kate conseguia ouvi-los, mas naquele momento, apenas estava junto à porta a irmã habitual: uma mulher gorda que se moveu para bloquear o caminho exatamente quando as duas se aproximaram. Kate ficou corada ao relembrar-se imediatamente de todos os anos de espancamentos que ela havia sofrido nas mãos dela.

“Aqui estão vocês” disse ela num tom severo. “Vocês foram ambas muito desobedientes e...”

Kate não fez uma pausa; ela atingiu-a no estômago com o atizador, com força suficiente para ela se dobrar. Naquele momento, ela desejou que o atizador fosse uma das espadas elegantes que usavam os cortesãos, ou talvez um machado. Mas assim, ela teve de se contentar por simplesmente atordoar a mulher o tempo suficiente para ela e Sophia passarem a correr.

Mas naquele momento, quando Kate atravessou as portas, ela parou.

“Kate!” gritou Sophia, com uma voz de pânico. “Vamos! O que é que estás a fazer?”

Mas Kate não conseguia controlá-lo. Mesmo com os gritos dos que as perseguiam intensamente. Mesmo sabendo que tal arriscava a liberdade de ambas.

Ela deu dois passos para a frente, ergueu o atizador e bateu nas costas da

freira sem parar.

A freira grunhia e chorava a cada golpe, e cada som era música para os ouvidos de Kate.

“Kate!” implorou Sophia, à beira das lágrimas.

Kate olhou para a freira por um longo tempo, demasiado tempo, precisando entranhar essa imagem de vingança, de justiça, na sua mente. Ela sabia que isso a iria fazer aguentar quaisquer espancamentos horríveis que se pudessem seguir.

Então ela virou-se e desatou a fugir com a sua irmã da Casa dos Não Reclamados, como duas fugitivas de um navio a afundar-se. O fedor, o ruído e a agitação da cidade atingiam Kate, mas desta vez ela não abrandou.

Ela segurava a mão da sua irmã e corria.

E corria.

E corria.

E, apesar de tudo aquilo, ela respirou profundamente e sorriu amplamente.

Por muito pouco que pudesse durar, elas tinham encontrado a liberdade.

CAPÍTULO DOIS

Sophia nunca tinha tido tanto medo, mas, ao mesmo tempo, nunca se tinha sentido tão viva, nem tão livre. Ao atravessar a cidade com a sua irmã, ela ouvia Kate a gritar de emoção, e isso tanto a deixava à vontade como a aterrorizava. Tal tornava isto muito real. A vida delas nunca mais seria a mesma.

“Não faças barulho” insistiu Sophia. “Vais fazer com que eles venham atrás de nós”.

“Eles vêm na mesma” respondeu a irmã. “Pelo que é melhor desfrutarmos.”

Como se para enfatizar o ponto, ela esquivou-se em torno de um cavalo, tirou uma maçã de uma carroça e correu pela calçada de Ashton.

A cidade estava movimentada com o mercado que ocorria a cada seis dias, e Sophia olhava em volta, maravilhada com todas as vistas, sons e cheiros. Se não fosse pelo mercado, ela não teria ideia de que dia era. Na Casa dos Não Reclamados, essas coisas não importavam, apenas os intermináveis ciclos rotineiros de oração, trabalho, punição e aprendizagem.

Corre mais depressa, enviou a sua irmã.

O som de assobios e gritos algures atrás delas incitou-as a uma nova

velocidade. Sophia foi à frente por um beco, e, depois, esforçou-se para seguir Kate que trepou por cima de uma parede. A sua irmã, com toda a sua impetuosidade, era muito rápida, como um músculo sólido e em tumulto à espera de brotar.

Sophia mal conseguia trepar enquanto soavam mais assobios. Quando ela se aproximou do topo, a mão forte de Kate estava à espera dela, como sempre. Mesmo nisto, ela apercebeu-se, elas eram tão diferentes: a mão de Kate era áspera, calosa, musculada, enquanto os dedos de Sophia eram longos, suaves e delicados.

Dois lados da mesma moeda, a mãe delas costumava dizer.

“Eles convocaram os vigias” gritou Kate com descrença, como se isso de alguma forma não fosse justo.

“O que é que estavas à espera?” respondeu Sophia. “Nós estamos a fugir antes de nos conseguirem vender.”

Kate liderou o caminho por estreitos degraus de calçada abaixo, e, depois, em direção a um espaço aberto repleto de pessoas. Sophia forçou-se a abrandar quando elas se aproximaram do mercado da cidade, segurando o

antebraço de Kate para evitar que ela corresse.

Vamos misturar-nos mais se não estivermos a correr, Sophia enviou, com pouco fôlego para falar.

Kate não parecia tão certa, mas ainda assim ela acompanhou o ritmo de Sophia.

Elas caminharam lentamente, passando por pessoas que se afastavam, obviamente não querendo arriscar o contacto com alguém de origens tão humildes quanto elas. Talvez eles pensassem que as duas haviam sido libertadas para alguma incumbência.

Sophia forçava-se a parecer como se estivesse apenas a passear enquanto elas usavam a multidão para camuflagem. Ela olhou em volta, para a torre do relógio acima do templo da Deusa Mascarada, para as várias bancas e para as lojas com montras de vidro para lá delas. Havia um grupo de atores num canto da praça, representando um dos contos tradicionais em trajes elaborados, enquanto um dos censores assistia da borda da multidão circundante. Num contentor estava um recrutador para o exército, a tentar recrutar tropas para a mais recente guerra a apoderar-se desta cidade, uma batalha iminente no Canal da Faca-Água.

Sophia viu a sua irmã a olhar para o recrutador e puxou-a para trás.

Não, Sophia enviou. *Isso não é para ti*.

Kate estava prestes a responder quando, de repente, os gritos começaram novamente por detrás delas.

Ambas começaram a correr.

Sophia sabia que ninguém as iria ajudar agora. Era Ashton, o que significava que ela e Kate é que estavam mal ali. Ninguém iria tentar ajudar duas fugitivas.

Na verdade, quando ergueu os olhos, Sophia viu alguém começar a dirigir-se a elas, para as bloquear. Ninguém iria deixar duas órfãs escaparem das suas obrigações, do que elas eram.

Mãos tentavam agarrá-las, e agora elas tinham de lutar para conseguirem passar. Sophia deu uma palmada numa mão no seu ombro, enquanto Kate espetou violentamente com seu atizador roubado.

Um espaço abriu-se em frente a elas e Sophia viu a sua irmã correr para uma seção de andaimes de madeira abandonados ao lado de um muro de pedra, onde os construtores deviam ter andado a tentar endireitar uma fachada.

Mais escalada? Sophia enviou.

Eles não nos vão seguir, ripostou a sua irmã.

O que provavelmente era verdade, só porque o grupo de pessoas comuns que as percorriam não iria arriscar a sua vida assim. Todavia, Sophia temia-o.

No entanto, ela não conseguiu pensar em ideias melhores naquele momento.

As suas mãos que tremiam fecharam-se em torno das ripas de madeira dos andaimes, e ela começou a escalar.

Em questão de momentos, os seus braços começaram a doer-lhe, mas naquele momento ou continuava ou caía, e mesmo se não fosse pela calçada lá em baixo, Sophia não queria cair com a maioria da multidão a persegui-la.

Kate já estava à espera no topo, ainda a sorrir como se todo aquilo fosse algum jogo. A sua mão estava lá novamente, e ela puxou Sophia para cima.

Seguidamente, elas estavam a correr novamente - desta vez nos telhados.

Kate ia à frente em direção a um fosso que levava a um outro telhado, saltando para o colmo como se ela não se importasse com o risco de continuar. Sophia seguia-a, mordendo o desejo de gritar quando quase escorregou, saltando com a sua irmã para cima de uma secção baixa, onde uma dúzia de chaminés deitavam fumo de um forno abaixo.

Kate tentou correr de novo, mas Sophia, sentindo uma oportunidade, agarrou-a e puxou-a para dentro do colmo, escondendo-se entre o amontoado.

Espera, ela enviou.

Para sua surpresa, Kate não discutiu. Ela tentava localizar-se enquanto elas tentavam comprimir-se para baixo na secção plana do telhado, ignorando o calor que vinha das chamas abaixo, e ela deve ter percebido o quão escondidas elas estavam. O fumo encobria praticamente tudo o que estava ao redor delas, colocando-as numa neblina, escondendo-as ainda mais. Era como uma segunda cidade aqui em cima, com linhas de roupas, bandeiras e galhardetes que forneciam toda a proteção que elas poderiam querer. Se ficassem quietas, ninguém as conseguiria ver aqui. Nem mais ninguém seria tolo o suficiente para arriscar caminhar no colmo.

Sophia olhou em redor. Era pacífico aqui à sua própria maneira. Havia lugares onde as casas estavam tão próximas que os vizinhos conseguiam tocar uns aos outros, e, mais adiante, Sophia viu um penico de quarto a ser esvaziado para a rua. Ela nunca tinha tido a oportunidade de ver a cidade deste ângulo, as torres do clero e os fabricantes de tiro, os guardiões do relógio e os sábios erguendo-se sobre o resto da cidade, o palácio localizado no seu próprio anel de muralhas como carbúnculo a brilhar sobre a pele do resto.

Ela ficou ali encolhida com a sua irmã, com os seus braços envoltos em torno de Kate, e esperou que os sons da perseguição passassem lá em baixo.

Talvez, elas encontrassem uma saída.

CAPÍTULO TRÊS

A manhã desvaneceu para a tarde, antes que Sophia e Kate ousassem sair do seu esconderijo. Tal como Sophia tinha pensado, ninguém se tinha atrevido a trepar para os telhados para as procurar, e apesar dos sons da perseguição se terem aproximado, nunca chegaram suficientemente perto.

Agora, eles pareciam ter desaparecido completamente.

Kate espreitou para fora e olhou para a cidade lá em baixo. A agitação da manhã tinha desaparecido, substituída por um ritmo e uma multidão mais relaxada.

“Precisamos sair daqui” sussurrou Sophia para a irmã.

Kate assentiu. “Estou faminta.”

Sophia conseguia entender isso. A maçã roubada há muito que havia desaparecido, e a fome estava a começar a fazer barulhos no seu estômago também.

Elas desceram ao nível da rua, e Sophia deu por si a olhar em redor.

Apesar dos sons das pessoas que as perseguiam terem desaparecido, uma

parte de si estava convencida de que alguém iria saltar para cima delas no momento em que os seus pés tocassem no chão.

Elas iam escolhendo o seu caminho pelas ruas, tentando ficar longe de vista o máximo que conseguiam. Porém, era impossível evitar as pessoas em Ashton, simplesmente porque havia imensas. As freiras não se tinham preocupado muito em ensinar-lhes muito sobre a forma do mundo, mas Sophia tinha ouvido que havia cidades maiores para lá dos Estados Mercantis.

Naquele momento, era difícil acreditar nisso. Para onde quer que ela olhasse havia pessoas em todos os lugares, embora, a maioria da população da cidade tivesse que estar dentro, trabalhando arduamente, neste momento.

Havia crianças a brincar na rua, mulheres a irem e a virem de mercados e lojas, e trabalhadores a carregarem ferramentas e escadotes. Havia tabernas e casas de jogos, lojas que vendiam café das terras recém-descobertas para lá do Oceano Espelhado, cafés onde as pessoas pareciam quase tão interessadas em falar como em comer. Ela mal conseguia acreditar ao ver pessoas a rirem-se, felizes, tão despreocupadas, não fazendo nada senão fazer passar o tempo e divertindo-se. Ela mal conseguia acreditar que tal mundo pudesse existir.

Era um contraste chocante com o silêncio forçado e a obediência do orfanato.

Há tanta coisa, Sophia enviou para a sua irmã, olhando para as bancas de comida por todos os lugares, sentindo a sua dor de estômago a crescer a cada cheiro que passava.

Kate estava a olhar para tudo com um olho prático. Ela escolheu um dos cafés, indo na sua direção com cautela, enquanto as pessoas lá fora se riam de um aspirante a filósofo que tentava discutir sobre o quanto era possível realmente conhecer do mundo.

“Seria mais fácil para ti se não estivesses bêbado” interrompeu um deles agressivamente.

Outro virou-se para Sophia e Kate quando elas se aproximaram. A hostilidade ali era palpável.

“Nós não queremos pessoas como vocês aqui” chacoteou ele. “Vão-se embora!”

A enorme raiva de tal era mais do que Sophia tinha esperado. Ainda assim, ela arrastou-se de volta para a rua, puxando Kate para si, para que a sua irmã não fizesse nada de que elas se arrependessem. Ela podia ter deixado cair o atizador algures ao fugir da multidão, mas ela seguramente tinha um olhar que dizia que ela queria bater em algo.

Elas não tinham escolha, então: elas teriam de roubar a sua comida.

Sophia tinha esperado que alguém lhes pudesse mostrar caridade. No entanto, ela sabia que não era assim que o mundo funcionava.

Estava na hora de elas usarem os seus talentos, ambas se aperceberam acenando com a cabeça uma para a outra em silêncio ao mesmo tempo. Elas colocaram-se em lados opostos de um beco, assistindo e esperando enquanto uma padeira trabalhava. Sophia esperou até a padeira conseguir ler os pensamentos dela e depois contou-lhe o que queria que ela ouvisse.

Oh não, pensou a padeira. Os pãozinhos. Como é que eu me pude esquecer de eles lá dentro?

Mal a padeira teve o pensamento, Sophia e Kate entraram em ação, correndo para a frente no segundo em que a mulher virou as costas para voltar para dentro para os pãozinhos. Elas moveram-se rapidamente, cada uma arrebatando uma mão cheia de bolos, os suficientes para encherem as suas barrigas quase até rebentarem.

Ambas se agacharam atrás de um beco e mastigaram vorazmente. Em pouco tempo, Sophia sentiu a sua barriga cheia, uma sensação estranha e agradável, e uma que ela nunca tinha tido. A Casa dos Não Reclamados não acreditava em alimentar as suas custódias mais do que o mínimo.

Ela riu-se quando Kate tentou empurrar um bolo inteiro para dentro da sua boca.

O quê? perguntou bruscamente a sua irmã.

É simplesmente bom ver-te feliz, Sophia enviou de volta.

Ela não tinha a certeza quanto tempo essa felicidade iria durar. Ela mantinha-se vigilante a cada passo por causa dos perseguidores que poderiam estar atrás delas. O orfanato não queria envolver mais esforços para recuperá-las do que elas valiam, mas nunca se sabia quando se tratava da vingança das freiras. No mínimo, elas deveriam manter-se afastadas dos vigias, e não apenas porque elas tinham escapado.

Os ladrões, afinal de contas, eram enforcados em Ashton.

Precisamos parar de parecer órfãs fugitivas ou nunca seremos capazes de percorrer a cidade sem que as pessoas olhem e tentem nos apanhar.

Sophia olhou para a irmã, surpreendida com o pensamento.

Queres roubar roupas? Sophia enviou de volta.

Kate assentiu.

Esse pensamento trouxe uma nota extra de medo e, no entanto, Sophia sabia

que a sua irmã, sempre prática, estava certa.

Ambas se levantaram ao mesmo tempo, armazenado os bolos extras à cintura. Sophia estava à procura de roupas, quando sentiu Kate a tocar-lhe no braço. Ela seguiu o seu olhar e viu: um varal com roupa, no alto de um telhado. Não estava vigiado.

Claro que não estaria, ela percebeu com alívio. *Quem, afinal de contas, iria vigiar um varal?*

Mesmo assim, Sophia conseguia sentir o seu coração a bater enquanto elas trepavam para cima de outro telhado. Ambas fizeram uma pausa, olharam, e, depois, enrolaram o cordel do varal da mesma maneira que um pescador poderia ter puxado uma linha de peixe.

Sophia roubou um vestido exterior de lã verde, juntamente com um vestido interior creme que provavelmente era o tipo de coisa que a esposa de um agricultor poderia usar, mas que ainda era insuportavelmente rico para ela. Para sua surpresa, a sua irmã escolheu uma camisola interior, bermudas e gibão, o que a deixava mais parecida com um rapaz de cabelo espetado do que a miúda que ela era.

“Kate” reclamou Sophia. “Não podes andar a correr por aí com esse aspeto!”

Kate encolheu os ombros. “Não é suposto nenhuma de nós ter este aspeto.

Eu preferia ficar confortável.”

Havia uma espécie de verdade nisso. As leis sumptuárias eram claras sobre o que cada nível da sociedade podia e não podia usar, os não reclamados e os órfãos. Aqui estavam elas, a transgredir mais leis, lançando os seus trapos para o lado, a única coisa que lhes era permitido vestir, e vestindo-se melhor do que estavam.

“Tudo bem” disse Sophia. “Não vou discutir. Além disso, talvez afaste aqueles que estão à procura de duas miúdas” disse ela com uma gargalhada.

“Eu *não* pareço um rapaz” ripostou Kate com uma indignação óbvia.

Sophia sorriu ao ouvir aquilo. Elas salvaram os seus bolos, meteram-nos nos seus novos bolsos e, juntas, saíram.

Era mais difícil sorrir com a parte seguinte; estavam ali tantas coisas que elas precisavam de fazer se quisessem realmente sobreviver. Elas tinham de encontrar abrigo, por um lado, e depois descobrir o que iam fazer e para onde iam.

Um passo de cada vez, lembrou-se ela a si mesma.

Elas voltaram para as ruas, e desta vez Sophia ia à frente, tentando encontrar

um percurso através da parte mais pobre da cidade, ainda demasiado perto do orfanato para o seu gosto.

Ela viu uma série de casas queimadas lá à frente, obviamente não recuperadas de um dos incêndios que às vezes varria a cidade quando o rio estava baixo. Seria um lugar perigoso para descansar.

Mesmo assim, Sophia dirigiu-se para elas.

Kate lançou-lhe um olhar inquisitivo e cético.

Sophia encolheu os ombros.

Perigoso é melhor do que nada, ela enviou.

Elas aproximaram-se com cautela. Assim que Sophia enfiou a cabeça na esquina, assustou-se quando um par de figuras surgiu dos destroços. Elas apareceram tão enegrecidas de fuligem, por permanecerem nos restos carbonizados que, por um momento, Sophia pensou que elas tinham estado no incêndio.

“Desapareçam! Deixem o nosso pedaço de terra em paz!”

Um deles correu para Sophia, e ela gritou ao dar um passo involuntário para trás. Kate parecia como se talvez fosse lutar, mas, nesse momento, a outra figura puxou de uma adaga que brilhava muito mais do que qualquer outra coisa ali.

“Isto é a nossa reivindicação! Escolham a vossa própria ruína, ou vou pôrvos a sangrar.”

As irmãs fugiram então, pondo tanta distância entre elas e a casa quanto conseguiram. A cada passo, Sophia tinha a certeza de conseguir ouvir os passos de bandidos com facas, ou vigias, ou freiras, algures atrás delas.

Elas caminharam até as pernas lhes doerem e a tarde ficar muito escura.

Pelo menos elas ficavam consoladas por, a cada passo, estarem um passo mais longe do orfanato.

Finalmente, elas aproximaram-se de uma parte um pouco melhor da cidade. Por algum motivo, o rosto de Kate iluminou-se ao vê-la.

“O que foi?” perguntou Sophia.

“A biblioteca do centavo” respondeu a sua irmã. “Nós podemos entrar lá à socapa. Às vezes, desvio-me sorrateiramente, quando as irmãs nos mandam fazer recados, e o bibliotecário deixa-me entrar, apesar de eu não ter o centavo para pagar.”

Sophia não tinha muita esperança de encontrar ajuda ali, mas a verdade era

que ela não tinha nenhuma ideia melhor. Ela deixou Kate ir à frente, e dirigiram-se ambas para um espaço movimentado onde os prestamistas se misturavam com os defensores e havia até algumas carruagens misturadas com os cavalos e pedestres normais.

A biblioteca era um dos edifícios maiores que ali estavam. Sophia conhecia a história: que um dos nobres da cidade havia decidido educar os pobres e deixado uma parte de sua fortuna para construir o tipo de biblioteca que a maioria simplesmente mantinha trancada nas suas casas de campo.

Claro, cobrar um centavo por uma visita ainda significava que os mais pobres não a conseguiam visitar. Sophia nunca tinha tido um centavo. As freiras não viam nenhum motivo em dar dinheiro às suas custódias.

Ela e Kate aproximaram-se da entrada, e ela viu um homem de idade ali, de aparência tranquila em roupas levemente desgastadas, obviamente tanto guarda como bibliotecário. Para surpresa de Sophia, ele sorriu quando elas se aproximaram. Sophia nunca tinha visto ninguém feliz por ver a sua irmã.

“Jovem Kate” disse ele. “Já não vens cá há algum tempo.” E trouxeste uma amiga. Percorram, percorram. Não vou impedir o conhecimento. O filho de Earl Varrish pode ter colocado um imposto de um centavo sobre o conhecimento, mas o velho conde nunca acreditou nisso.”

Ele parecia genuíno acerca disso, mas Kate já estava a abanar a cabeça.

“Isso não é o que nós precisamos, Geoffrey” disse Kate. “A minha irmã e eu... fugimos do orfanato.”

Sophia percebeu o choque no rosto do homem mais velho.

“Não” disse ele. “Não, vocês não devem fazer uma coisa tão insensata.”

“Já fizemos” disse Sophia.

“Então vocês não podem estar aqui” insistiu Geoffrey. “Se os vigias vierem e vos encontrarem aqui comigo, eles podem assumir que eu tive algum papel nisso.”

Sophia teria saído naquele momento, mas parecia que Kate ainda queria tentar.

“Por favor, Geoffrey” disse Kate. “Eu preciso...”

“Vocês precisam de voltar” disse Geoffrey. “Implorem perdão. Tenho pena da vossa situação, mas é a situação que o destino vos entregou.

Regressem antes que os vigias vos apanhem. Eu não vos posso ajudar. Eu posso até ser flagelado por não alertar os vigias que vos vi. Essa é toda a gentileza que vos posso dar.”

A voz dele era severa e, ainda assim, Sophia podia ver a bondade nos seus olhos, e que lhe causava dor dizer aquelas palavras. Quase como se ele estivesse a lutar consigo mesmo, como se ele estivesse a representar que era mau apenas para fazer prevalecer o seu ponto.

Mesmo assim, Kate parecia destroçada. Sophia odiava ver a irmã assim.

Sophia puxou-a para trás, afastando-a da biblioteca.

Enquanto caminhavam, Kate, de cabeça para baixo, falou finalmente.

“E agora?” perguntou ela.

A verdade era que Sophia não tinha uma resposta.

Elas continuavam a caminhar, mas agora, ela estava cansada de andar tanto. Estava, também, a começar a chover daquela maneira pegada, o que sugeria que não iria parar tão em breve. Em poucos lugares chovia da maneira que chovia em Ashton.

Sophia deu por si a gravitar pelas inclinadas ruas de calçada em direção ao rio que atravessava a cidade. Sophia não tinha a certeza do que esperava encontrar lá, entre as barcas e os botes de fundo plano. Ela duvidava que os estivadores ou as putas lhes fossem úteis, e estas pareciam ser as principais coisas que esta parte da cidade tinha. Mas pelo menos era um destino. Se nada mais, elas poderiam encontrar um lugar para se esconderem nas suas margens e observar o pacífico navegar dos navios e sonhar com outros lugares.

Por fim, Sophia viu um beiral com pouca profundidade perto de uma das muitas pontes da cidade. Ela aproximou-se. Ela ficou atordoada com o mau cheiro, assim como Kate, e com a infestação de ratos. Mas o seu cansaço

fazia com que o pior pedaço de abrigo fosse um palácio. Elas tinham de sair da chuva. Elas tinham de se esconder. E naquele momento, o que é que mais havia ali? Elas tinham de encontrar um lugar onde mais ninguém, nem mesmo os vagabundos, ousassem ir. E era isso.

“Aqui?” perguntou Kate, com repulsa. “Não podemos voltar para a chaminé?”

Sophia abanou a cabeça. Ela duvidava que a conseguissem encontrar novamente, e mesmo se conseguissem, seria o lugar onde qualquer perseguidor começaria a procurar. Este era o melhor lugar que elas iriam encontrar antes que a chuva piorasse e antes que a noite caísse.

Ela sossegou e tentou esconder as suas lágrimas para bem da sua irmã.

Lentamente, com relutância, Kate sentou-se ao lado dela, agarrando-se aos joelhos com os braços e balançando-se, como se para afastar a crueldade e a barbárie e a descrença do mundo.

CAPÍTULO QUATRO

Nos sonhos de Kate, os seus pais ainda estavam vivos, e ela estava feliz.

Sempre que sonhava, parecia que eles estavam lá, embora os rostos fossem apenas memórias de coisas construídas, apenas com o medalhão para as guiar. Kate não tinha idade suficiente para mais do que isso quando tudo mudou.

Ela estava numa casa algures no campo, onde a vista das janelas de vitrais abrangia pomares e campos. Kate sonhava com o calor do sol na sua pele, com a suave brisa que se agitava através das folhas lá fora.

A parte seguinte nunca parecia fazer sentido. Ela não sabia o suficiente dos detalhes, ou não se lembrava deles. Ela tentou forçar o seu sonho a dar-lhe toda a história do que tinha acontecido, mas, em vez disso, o seu sonho apenas lhe deu fragmentos:

Uma janela aberta, com estrelas lá fora. A mão da sua irmã, a voz de Sophia na sua cabeça, a dizer-lhe para se esconder. À procura dos seus pais pela confusão da casa...

A esconder-se pela casa no escuro. A ouvir os sons de alguém a mover-se por ali. Havia luz além, embora fosse noite lá fora. Ela sentiu que estava perto, a ponto de descobrir o que finalmente tinha acontecido com os seus pais naquela noite. A luz da janela começou a ficar cada vez mais brilhante, e...

“Acorda” disse Sophia, sacudindo-a. “Estás a sonhar, Kate.”

Os olhos de Kate abriram-se com ressentimento. Os sonhos eram sempre muito melhores do que o mundo em que ela vivia.

Ela piscou os olhos encandeada com a luz. Por milagre, a manhã tinha chegado. O primeiro dia na sua vida a dormir uma noite inteira fora do fedor e dos gritos das paredes do orfanato, a primeira manhã na sua vida a acordar algures, num lugar qualquer, noutro lugar qualquer. Mesmo num lugar húmido e frio como este, ela estava extasiada.

Ela reparou não apenas na diferença da luz débil da tarde; era a forma como o rio em frente delas tinha surgido para a vida, com as barcas e os barcos a apressarem-se para fazer a maior distância que conseguissem pelo rio acima. Alguns moviam-se com pequenas velas, outros com varas que os empurravam ou com cavalos que os rebocavam pelas margens do rio.

Ao redor delas, Kate conseguia ouvir o resto da cidade a acordar. Os sinos do templo faziam soar as horas, enquanto, entretanto, ela conseguia ouvir a conversa das pessoas de toda uma cidade que se dirigia para o trabalho ou partia para outras viagens. Hoje era o Primeiro Dia, um bom dia para começar as coisas. Talvez isso também significasse boa sorte para ela e para Sophia.

“Eu continuo a ter o mesmo sonho” disse Kate. “Continuo a sonhar... sobre aquela noite.”

Elas pareciam sempre parar antes de o chamar mais do que isso. Era estranho, quando provavelmente elas conseguiam comunicar mais diretamente do que qualquer outra pessoa na cidade, que ela e Sophia ainda hesitassem em conversar sobre isto.

A expressão de Sophia ficou sombria, e Kate imediatamente sentiu-se mal por isso.

“Eu também sonho com isso às vezes” admitiu Sophia tristemente.

Kate virou-se para ela, concentrada. A sua irmã tinha de saber. Ela era mais velha, ela teria visto mais.

“Tu *sabes* o que aconteceu, não sabes?” perguntou Kate. “Tu sabes o que aconteceu com os nossos pais.”

Era mais uma declaração do que uma pergunta.

Kate examinou o rosto da sua irmã para obter respostas, e ela viu-o, apenas um movimento vacilante, algo que ela estava a esconder.

Sophia abanou a cabeça.

“Há coisas sobre as quais é melhor não pensar. Precisamos de nos concentrar no que acontece a seguir, não no passado.”

Não era exatamente uma resposta satisfatória, mas não era mais do que Kate tinha esperado. Sophia nunca não falava sobre o que tinha acontecido na noite em que os pais delas tinham partido. Ela nunca o quis discutir, e mesmo Kate tinha de admitir que se sentia desconfortável sempre que pensava nisso.

Além disso, na Casa dos Não Reclamados, não gostavam quando as órfãs tentavam falar sobre o passado. Chamavam-lhe de ingratidão, e era apenas mais uma coisa digna de punição.

Kate sacudiu um rato de cima do seu pé e sentou-se mais direita, olhando ao redor.

“Não podemos ficar onde estamos” disse ela.

Sophia assentiu.

“Nós vamos morrer se ficarmos aqui pelas ruas.”

Era um pensamento duro, mas provavelmente era verdadeiro também.

Havia tantas maneiras de morrer nas ruas desta cidade. O frio e a fome eram

apenas o início da lista. Com os gangues de rua, os vigias, as doenças e todos os outros riscos nas ruas, até o orfanato começava a parecer seguro.

Não que Kate alguma vez fosse voltar. Ela destruiu-lo-ia antes de voltar a passar pelas suas portas. Talvez um dia ela o destruísse, de qualquer maneira.

Ela sorriu com isso.

Sentindo uma dor de fome, Kate tirou o último pedaço do seu bolo e começou a devorá-lo. Então ela lembrou-se da sua irmã. Ela arrancou uma metade e entregou-lha.

Sophia olhou para ela esperançosa, mas sentindo-se culpada.

“Não faz mal” mentiu Kate. “Eu tenho outro no meu vestido.”

Sophia aceitou-o com relutância. Kate sentiu que a sua irmã sabia que ela estava a mentir, mas ela estava com demasiada fome para negar. A ligação delas era tão próxima, que Kate conseguia sentir a fome da sua irmã, e Kate nunca se permitiria a estar feliz se a sua irmã não estivesse.

Finalmente, ambas saíram do seu esconderijo.

“Então, irmã mais velha” perguntou Kate, “alguma ideia?”

Sophia suspirou com tristeza e abanou a cabeça.

“Bem, estou a morrer de fome” disse Kate. “Será melhor pensar de barriga cheia.”

Sophia concordou, e ambas se dirigiram para as ruas principais.

Em pouco tempo, elas encontraram um alvo - um padeiro diferente - e roubaram o pequeno-almoço como tinham roubado a sua última refeição.

Enquanto elas se esquivavam para um beco e se empanturravam, era tentador pensar que conseguiriam viver o resto das suas vidas assim, usando seu talento partilhado para levar o que precisavam quando ninguém estava a prestar atenção. Mas Kate sabia que não poderia funcionar assim. Nada bom durava para sempre.

Kate olhou para a agitação da cidade diante de si. Era esmagadora. E as suas ruas pareciam não acabar.

“Se não podemos ficar nas ruas” disse ela, “o que fazemos? Para onde vamos?”

Sophia hesitou por um momento, parecendo tão insegura quanto Kate.

“Eu não sei” admitiu ela.

“Bem, o que é que *podemos* fazer?” perguntou Kate.

Não parecia uma lista tão longa como deveria ter sido. A verdade era que órfãs como elas não obtinham escolhas nas suas vidas. Elas estavam preparadas para vidas onde eram contratadas como aprendizes ou servas, soldadas ou pior. Não havia uma verdadeira expectativa de que elas alguma vez fossem livres, porque mesmo aqueles que genuinamente procuravam uma aprendiz apenas pagariam uma miséria; nunca o suficiente para pagarem a sua dívida.

E a verdade era que Kate tinha pouca paciência para costurar ou cozinhar, etiqueta ou retrosaria.

“Nós poderíamos encontrar um comerciante e tentar aprender por nós próprias” sugeriu Kate.

Sophia abanou a cabeça.

“Mesmo se conseguíssemos encontrar alguém disposto a nos levar, ele iria quer ouvir as nossas famílias primeiro. Quando não conseguíssemos arranjar um pai para nós, nesse momento eles iriam saber o que nós éramos.”

Kate tinha de admitir que a sua irmã tinha razão.

“Bem, então, poderíamos alistar-nos como trabalhadoras nas barcas, e conhecer o resto do país.”

Mesmo enquanto o dizia, ela sabia que isso provavelmente era tão ridículo quanto a sua primeira ideia. Um capitão de uma barca ainda iria fazer perguntas, e, provavelmente, qualquer perseguidor de órfãs fugidias iria vigiar as barcas à procura daquelas que tentavam escapar. Elas certamente não podiam confiar noutra pessoa para as ajudar, não depois do que tinha acontecido na biblioteca, com o único homem nesta cidade que ela tinha considerado um amigo.

Que idiota ingénua ela tinha sido.

Sophia parecia também ter captado a enormidade do que estava diante delas. Ela estava a olhar para o longe com uma expressão melancólica no rosto.

“Se pudesses fazer alguma coisa” perguntou Sophia, “se pudesses ir a algum lugar, onde é que irias?”

Kate não tinha pensado nisso naqueles termos.

“Não sei” disse ela. “Quero dizer, nunca pensei mais do que sobreviver ao dia.”

Sophia ficou em silêncio durante bastante tempo. Kate conseguia senti-la a pensar.

Finalmente, Sophia falou.

“Se tentarmos fazer algo normal, haverá tantos obstáculos como se tentássemos fazer as coisas mais extraordinárias do mundo. Talvez ainda mais, porque as pessoas *esperam* que pessoas como nós se contentem com menos. Portanto o que é que queres, mais do que qualquer outra coisa?”

Kate pensou nisso.

“Eu quero encontrar os nossos pais” disse Kate, apercebendo disso ao dizê-lo. Ela conseguiu sentir o lampejo de dor que atravessou Sophia ao ouvir aquelas palavras.

“Os nossos pais estão mortos” disse Sophia. Ela parecia ter tanta certeza que Kate queria voltar a perguntar-lhe o que tinha acontecido naquela época.

“Lamento, Kate. Não foi isso que eu quis dizer.”

Kate suspirou amargamente.

“Eu não quero que ninguém volte a controlar o que eu faço” disse Kate, escolhendo a coisa que ela queria quase tanto quanto o regresso dos seus pais.

“Eu quero ser livre, *verdadeiramente* livre.”

“Eu também quero isso” disse Sophia. “Mas há muito poucas pessoas verdadeiramente *livres* nesta cidade. As únicas são verdadeiramente...”

Ela olhou para a cidade e, seguindo o seu olhar, Kate viu que ela estava a olhar para o palácio, com o seu mármore brilhante e as suas decorações douradas.

Kate conseguia sentir o que ela estava a pensar.

“Não me parece que ser uma serva no palácio te fosse libertar” disse Kate.

“Eu não estava a pensar em ser uma serva” disse Sophia. “E se... e se conseguíssemos lá entrar e ser uma delas? E se conseguíssemos convencê-los a todos que éramos? E se casássemos com um homem rico, e tivéssemos ligações à corte?”

Kate não se riu, mas só porque conseguiu perceber o quão séria a sua irmã estava sobre toda aquela ideia. Se ela pudesse ter qualquer coisa no mundo, a última coisa que Kate queria seria entrar no palácio e se tornar numa grande senhora, casar com algum homem que lhe dissesse o que fazer.

“Eu não quero que a minha liberdade dependa de mais ninguém” disse Kate. “O mundo ensinou-nos uma coisa, e apenas uma coisa: devemos depender de nós próprios. *Somente* de nós próprios. Dessa forma, podemos controlar tudo

o que nos acontece. E não temos que confiar em ninguém.

Temos de aprender a cuidar de nós próprios. A aguentarmo-nos. A viver da terra. A aprender a caçar. A cultivar. Qualquer coisa em que não dependamos de mais ninguém. E temos que acumular grandes armas e tornarmo-nos grandes lutadoras, de modo a que se alguém vier para nos tirar o que é nosso, os possamos matar.”

E de repente, Kate percebeu.

“Precisamos de nos ir embora desta cidade” apelou ela à sua irmã. “Está cheia de perigos para nós. Precisamos de viver fora da cidade, no campo, onde poucas pessoas vivem e onde ninguém será capaz de nos fazer mal.”

Quanto mais ela falava no assunto, mais ela percebia que era a coisa certa a fazer. Era o seu sonho. Naquele momento, Kate não queria mais do que correr para os portões da cidade, para os espaços abertos para lá da cidade.

“E quando aprendermos a lutar” acrescentou Kate, “quando nos tornarmos maiores e mais fortes e com as melhores espadas, arcos e punhais, voltaremos aqui e mataremos todos os que nos fizeram mal no orfanato.”

Ela sentiu as mãos de Sophia no seu ombro.

“Não podes falar assim, Kate. Não podes simplesmente falar em matar pessoas, como se não fosse nada.”

“Não é como se não fosse nada” disse Kate violentamente. “É o que eles *merecem*.”

Sophia abanou a cabeça.

“Isso é primitivo” disse Sophia. “Existem melhores maneiras de sobreviver. E melhores maneiras de obter vingança. Além disso, eu não quero apenas *sobreviver*, como uma qualquer camponesa na floresta. Então qual é o propósito da vida? Eu quero *viver*.”

Kate não sabia muito bem, mas ela não disse nada.

Elas caminharam em silêncio um pouco, e Kate imaginava que Sophia estivesse tão arrebatada nos seus sonhos quanto Kate. Elas caminharam pelas ruas cheias de pessoas que pareciam saber o que estavam a fazer com as suas vidas, que pareciam cheias de sentido, e para Kate, era injusto que fosse tão fácil para elas. Mas então, mais uma vez, talvez não fosse. Talvez aquelas pessoas tivessem tão pouca escolha quanto ela ou Sophia tivessem tido se tivessem ficado no orfanato.

Lá à frente, a cidade estendia-se além dos portões que provavelmente estavam ali há centenas de anos. O espaço além era agora preenchido com casas,

pressionadas diretamente contra as muralhas de uma maneira que provavelmente as tornava inúteis. Porém, havia um espaço aberto a seguir, onde vários camponeses levavam o seu gado para o abate, ovelhas, gansos, patos e até algumas vacas. Havia também vagões de mercadorias, esperando para entrar na cidade.

E a seguir a isso, no horizonte só havia floresta. Floresta para a qual Kate ansiava escapar.

Kate viu a carruagem antes de Sophia. Estava a tentar passar pelos veículos que estavam à espera, os ocupantes obviamente a assumir que tinham o direito de ser os primeiros a entrar na cidade propriamente dita.

Talvez eles tivessem. A carruagem era dourada e esculpida, com uma crista de família do lado que provavelmente teria feito sentido se as freiras tivessem pensado que valia a pena ensinar tais coisas. As cortinas de seda estavam fechadas, mas Kate viu uma a abrir-se com um puxão, revelando uma mulher lá dentro que espreitava por debaixo de uma elaborada máscara de cabeça de pássaro.

Kate sentiu-se cheia de inveja e indignação. Como é que alguns poderiam viver tão bem?

“Olha para eles” disse Kate. “Eles estão provavelmente a caminho de um baile ou de um baile de máscaras. Provavelmente nunca tiveram de se preocupar por terem fome nas suas vidas.”

“Não, nunca tiveram” concordou Sophia. Mas ela pareceu pensativa, talvez até a admirar.

Então Kate percebeu o que a sua irmã estava a pensar. Ela virou-se para ela, horrorizada.

“Nós não podemos simplesmente segui-los” disse Kate.

“Por que não?” ripostou a sua irmã. “Porque não tentarmos obter o que queremos?”

Kate não tinha uma resposta para ela. Ela não quis dizer a Sophia que não iria resultar. Que *não poderia* resultar. Que não era assim que o mundo se encaixava. Eles iriam olhar para elas e *perceber* que elas eram órfãs, *perceber* que eram camponesas. Como é que elas alguma vez poderiam esperar misturar-se num mundo como aquele?

Sophia era a irmã mais velha; era suposto ela já saber isso.

Além disso, naquele momento, os olhos de Kate caíram em algo que era igualmente tentador para si. Havia homens a formarem-se perto do lado da praça, vestindo as cores de uma das companhias mercenárias que gostavam de

se dedicar vagamente às guerras através da água. Eles tinham cavalos e armas dispostas em carroças. Alguns deles estavam mesmo a ter um improvisado torneio de esgrima com espadas de aço mal afiadas.

Kate olhou para as armas e viu o que ela precisava: armaria de aço.

Adagas, espadas, bestas, armadilhas para caça. Com apenas algumas dessas coisas, ela conseguiria aprender a colocar armadilhas e a viver da terra.

“Não” disse Sophia, observando o olhar dela, colocando uma mão no braço dela.

Kate tirou-lhe a mão, mas gentilmente. “Vem comigo” disse Kate, determinada.

Ela viu a sua irmã sacudir a cabeça. “Sabes que não posso. Isto não é para mim. Não é quem eu sou. Não é o que eu quero, Kate.”

E tentar misturar-se com um grupo de nobres não era o que Kate queria.

Ela conseguia sentir a certeza da sua irmã, ela conseguia sentir a sua própria certeza, e ela teve uma sensação repentina de para onde é que aquilo se encaminhava. Sabê-lo causou-lhe lágrimas nos olhos. Ela abraçou a sua irmã, assim como a sua irmã a abraçou.

“Eu não te quero deixar” disse Kate.

“Eu também não te quero deixar”, respondeu Sophia, “mas talvez cada uma de nós precise tentar o seu próprio caminho, pelo menos por um tempo.

És tão teimosa quanto eu, e cada uma de nós tem os seus próprios sonhos.

Estou convencida de que consigo fazê-lo e que depois consigo ajudar-te.”

Kate sorriu.

“E eu estou convencida de que *eu* consigo e que depois consigo ajudar-te.”

Kate também viu lágrimas nos olhos da sua irmã, mas, mais do que isso, ela conseguiu sentir a tristeza através da ligação que elas partilhavam.

“Tens razão” disse Sophia. “Tu não irias encaixar na corte, e *eu* não iria encaixar num ermo ou a aprender a lutar. Então talvez tenhamos de fazer isto separadamente. Talvez as nossas melhores hipóteses de sobrevivência sejam ficarmos separadas. Pelo menos, se uma de nós for apanhada, então a outra pode ir salvá-la.”

Kate queria dizer a Sophia que ela estava errada, mas a verdade era que tudo o que ela estava a dizer fazia sentido.

“Eu vou encontrar-te depois” disse Kate. “Eu vou aprender a lutar e a viver no

campo, e vou encontrar-te. Então tu verás, e virás juntar-te a mim.”

“E eu vou encontrar- *te* quando atingir o que pretendo na corte” respondeu Sophia com um sorriso. “Vais-te juntar a mim no palácio e casar com um príncipe, e governar esta cidade.”

Ambas sorriram largamente, com as lágrimas a roçarem as suas bochechas.

Mas nunca estarás sozinha, acrescentou Sophia, com as pa lavras a tocarem na mente de Kate. Eu estarei sempre tão próxima quanto um pensamento .

Kate não conseguia mais suportar a tristeza, e ela sabia que tinha de agir antes de ela mudar de ideia.

Então ela abraçou a sua irmã uma última vez, soltou-a e correu na direção das armas.

Tinha chegado o momento de arriscar tudo.

CAPÍTULO CINCO

Sophia conseguia sentir a determinação a arder dentro de si enquanto atravessava Ashton, na direção do recinto murado onde o palácio se localizava. Ela correu pelas ruas, esquivando-se de cavalos e ocasionalmente saltando para a parte de trás de vagões quando parecia que eles estavam a ir na direção certa.

Mesmo com isso, demorava tempo a atravessar a extensão do lugar, passando pelo Screws, pelo Quarteirão Mercantil, pela Colina Knotty e pelos outros distritos, um a um. Eram tão estranhos e cheios de vida para Sophia, após o seu tempo na Casa dos Não Reclamados, que ela desejava ter mais tempo para explorá-los. Ela deu por si do lado de fora de um grande teatro circular, desejando que houvesse tempo suficiente para entrar.

No entanto, não havia, porque, se ela perdesse o baile de máscaras hoje à noite, ela não sabia bem como é que ela iria encontrar o lugar que queria na corte. Um baile de máscaras, do que ela sabia, não aparecia muito frequentemente, e oferecer-lhe-ia a sua melhor oportunidade de entrar sorrateiramente.

Ela estava preocupada com Kate enquanto ia. Era estranho depois de tanto tempo, simplesmente caminhar em direções opostas. Mas a verdade era que elas queriam coisas diferentes das suas vidas. Sophia iria encontrá-la, quando terminasse o que tinha para fazer. Quando ela tivesse uma vida instalada entre os nobres de Ashton, ela iria encontrar Kate e iria fazer com que tudo ficasse bem.

Os portões para o recinto murado onde era o palácio estavam à frente.

Como Sophia esperava, eles estavam abertos para a noite, e depois deles, ela conseguia ver os jardins formais dispostos em fileiras arranjadas de sebes e rosas. Havia mesmo grandes extensões de relva, aparada mais baixa do que qualquer terreno de agricultores, e isso em si parecia um sinal de luxo quando alguém na cidade que tinha um pedaço de terra ao lado da sua casa precisava usá-lo para cultivar alimentos.

Havia lanternas montadas em postes a cada poucos passos dentro dos jardins. Elas ainda não estavam iluminadas, mas à noite, iriam transformar todo o lugar numa lâmpada de luz brilhante, deixando as pessoas dançarem no relvado tão facilmente quanto numa das fantásticas salas do palácio.

Sophia conseguia ver as pessoas a dirigirem-se para dentro, uma após a outra. Havia um servo com uma farda dourada junto ao portão, juntamente

com dois guardas no mais brilhante azul, com os seus mosquetes ao ombro numa exibição perfeita de uma parada, enquanto os nobres e seus servos passavam.

Sophia apressou-se para o portão. Ela tinha esperado conseguir perder-se numa multidão de pessoas que entravam, mas quando lá chegou, ela era a única. Isso significou que o servo conseguiu dar-lhe toda a atenção. Ele era um homem mais velho com uma peruca coberta de pó que se encaracolava até à sua nuca. Ele olhou para Sophia com algo que se aproximou do desdém.

“E o que é que *tu* queres?” ele exigiu saber, num tom tão astuto que poderia ter sido o de um ator a representar um nobre, em vez de o servo da realeza.

“Estou aqui para o baile” disse Sophia. Ela sabia que nunca poderia passar por uma nobre, mas ainda havia coisas que ela podia fazer. “Eu sou a serva de...”

“Não te envergonhes” ripostou o servo. “Eu sei perfeitamente bem quem é suposto entrar, e nenhum deles se iria incomodar em ser acompanhado por uma serva como tu. Não estamos a deixar entrar prostitutas das docas. Não é esse tipo de festa.”

“Eu não sei o que queres dizer com isso” tentou Sophia, mas a má cara que ela obteve contou-lhe que aquilo não estava nem perto de resultar.

“Então permite-me que te explique” disse o servo na porta. Ele parecia estar a divertir-se. “O teu vestido parece ter sido cortado de um de uma peixeira. Tu fedes como se tivesses acabado de sair de uma fossa. Quanto à tua voz, parece que tu nem sequer és capaz de *soletrar* elocução, quanto mais usá-la. Agora, vai-te embora, antes que tenhas de fugir e ser atirada para uma cela e passares lá a noite.”

Sophia queria discutir, mas a crueldade das palavras dele pareceu roubar tudo de si. Mais do que isso, elas haviam roubado o seu sonho, tão facilmente como se o homem se tivesse esticado e o arrancado do ar. Ela virou-se e correu, e a pior parte foi a gargalhada que a seguiu pela rua fora.

Sophia parou numa porta mais adiante, completamente humilhada. Ela não tinha esperado que fosse fácil, mas tinha esperado que alguém na cidade fosse gentil. Ela tinha pensado que seria capaz de passar por serva, mesmo se não conseguisse passar por uma nobre.

Porém, talvez tivesse sido erro seu. Se ela estava a tentar reinventar-se, não deveria ela seguir o caminho completo? Talvez não fosse tarde demais.

Ela não conseguia passar pelo tipo de serva que acompanhava a sua senhora ao baile, mas ela conseguia passar pelo quê? Ela podia ser o que quase tinha sido quando saiu do orfanato. O tipo de empregada a quem seria dado o mais inferior dos trabalhos.

Isso podia resultar.

A área ao redor do palácio era um lugar de casas nobres, mas também de todas as coisas que os seus donos poderiam desejar da cidade: costureiras, joalheiros, casas de banhos e muito mais. Tudo coisas que Sophia não podia pagar, mas tudo coisas que ela poderia conseguir de qualquer maneira.

Ela começou com uma costureira. Era a maior parte daquilo, e, talvez, quando ela tivesse o vestido, o resto fosse mais fácil. Ela entrou na loja que parecia a mais ocupada, a ofegar como se estivesse prestes a entrar em colapso, esperando que tudo corresse bem.

“O que estás a fazer aqui?” perguntou uma mulher de cabelo grisalho, olhando para cima com uma boca cheia de alfinetes.

“Perdoa-me...” disse Sophia. “A minha senhora... ela vai-me açoitar se o vestido dela se atrasar mais... ela disse... para correr todo o caminho.”

Ela não podia passar por uma serva que acompanhava a sua senhora, mas ela podia ser a serva contratada daquela nobre, enviada para recados de última hora.

“E o nome da tua senhora?” quis saber a costureira.

É esta o tipo de serva que Milady D’Angelica realmente enviaria? Talvez seja porque elas são do mesmo tamanho e ela deseja saber se lhe vai servir?

O talento de Sophia foi espontâneo. Ela teve bom senso o suficiente para não o questionar.

“Milady D’Angelica” disse ela. “Perdoa-me, mas ela disse para me apressar.

O baile...”

“Na verdade, não começará durante a próxima hora ou duas, e duvido que a tua senhora deseje lá estar até ao momento de fazer uma entrada” respondeu a costureira. O seu tom era agora um pouco menos duro, embora Sophia suspeitasse que era só por causa de quem ela estava a fingir servir. A outra mulher apontou. “Espera ali.”

Sophia esperou, embora isso fosse a coisa mais difícil de fazer no mundo naquele momento. Isso deu-lhe uma oportunidade de ouvir, pelo menos. O servo no palácio estava certo: as pessoas falavam efetivamente de maneira diferente das partes mais pobres da cidade. As suas vogais eram mais arredondadas, as bordas das palavras mais polidas. Uma das mulheres que trabalhava ali parecia ter vindo de um dos Estados Mercantis, com o seu sotaque a fazer com que os seus ‘erres’ rolassem enquanto ela conversava com os outros.

Não demorou muito para que a costureira original aparecesse com um vestido, segurando-o para que Sophia o inspecionasse. Era a coisa mais bonita que Sophia já havia visto. Brilhava de prata e azul, parecendo cintilar quando se movia. O corpete era trabalhado com fio de prata, e até mesmo os saíotes cintilavam em ondas, o que parecia um desperdício. Quem os veria?

“Milady D’Angelica e tu são do mesmo tamanho, sim?” quis saber a costureira.

“Sim, minha senhora” respondeu Sophia. “Foi por isso que ela me enviou.”

“Então ela deveria logo ter-te enviado ao início, em vez de enviar apenas uma lista de medidas.”

“Vou certificar-me que lho digo” disse Sophia.

Tal fez a costureira ficar pálida de pavor, como se só o pensamento fosse suficiente para lhe poder provocar um ataque cardíaco.

“Não há necessidade disso. Está muito perto, mas eu só preciso ajustar algumas coisas. Tens a *certeza* de que és do tamanho dela?”

Sophia assentiu. “Ao centímetro, minha senhora. Ela faz com que eu coma exatamente o mesmo que ela para que permaneçamos iguais.”

Era um detalhe doido e tolo para se inventar, mas a costureira pareceu engoli-lo. Ela acreditava que talvez fosse o tipo de extravagância que uma nobre pudesse ter. Fosse como fosse, ela fez os ajustes tão rapidamente que Sophia mal podia acreditar, entregando-lhe finalmente um pacote embrulhado num papel padronizado.

“A despesa vai para a conta de Milady?” perguntou a costureira. Havia uma nota de esperança ali, como se Sophia pudesse ter o dinheiro consigo, mas Sophia apenas pôde assentir. “Claro, claro. Eu acredito que Milady D’Angelica ficará satisfeita.”

“Eu tenho a certeza que sim” disse Sophia. Ela praticamente correu para a porta.

Na verdade, ela tinha certeza de que a nobre ficaria furiosa, mas Sophia não planeava estar por perto para essa parte.

Ela tinha outros lugares para ir, por um lado, e outros pacotes para ‘recolher’ em nome da sua ‘senhora’.

Num sapateiro, ela recolheu botas do mais fino couro pálido, realçadas com linhas gravadas que mostravam uma cena da vida da Deusa sem Nome.

Num vendedor de perfumes, ela adquiriu um pequeno frasco que cheirava como se o seu servo tivesse de alguma forma destilado a essência de tudo o que era bonito numa combinação perfumada.

“É o meu trabalho mais extraordinário!” ele proclamou. “Espero que Lady Beaufort goste.”

Em cada paragem, Sophia escolhia uma nova nobre da qual ser serva. Isso era simples pragmatismo: ela não conseguia garantir que Milady D’Angelica estivesse estado em todas as lojas da cidade. Em algumas das lojas, ela escolheu os nomes através dos pensamentos dos donos. Noutras, quando o seu talento não chegava, ela tinha de manter a conversa a pairar até eles fazerem suposições ou, num caso, até ela conseguir olhar furtivamente de cima a baixo para um livro de registo no balcão da loja.

Parecia ser cada vez mais fácil, quanto mais ela roubava. Cada peça precedente da sua roupa roubada servia como uma espécie de credencial para a próxima, porque, obviamente, aqueles outros lojistas não teriam dado coisas à pessoa errada. Quando ela chegou à loja onde vendiam máscaras, o lojista estava praticamente a pressionar as suas mercadorias para as mãos dela antes de ela atravessar as portas. Era uma meia máscara de ébano esculpido, cena após a cena da Deusa Mascarada que buscava hospitalidade realçada com penas ao redor das bordas e pontos de joias ao redor dos olhos. Elas provavelmente foram concebidas para parecer que os olhos de quem as usava estava a brilhar com a luz refletida.

Sophia sentiu um pequeno lampejo de culpa quando a levou, acrescentando-a à pilha de pacotes não negligenciáveis nos seus braços. Ela estava a roubar de tantas pessoas, levando coisas que elas haviam trabalhado para produzir, e

que outros haviam pago. Ou pagariam, ou não teriam exatamente pago; Sophia ainda não tinha considerado as formas como os nobres pareciam comprar coisas sem pagar por elas.

Porém, era apenas um breve lampejo de culpa, porque todos eles tinham tanto em comparação com as órfãs na Casa dos Não Reclamados. As joias desta máscara teriam sido suficientes para mudar as vidas deles.

Por enquanto, Sophia precisava de mudar de roupa, e não podia entrar na festa ainda imunda por dormir à beira do rio. Ela caminhou ao redor das casas de banho, esperando até encontrar uma com carruagens à espera à porta e que anunciasse banhos separados para senhoras de qualidade. Ela não tinha moedas para pagar, mas, de qualquer maneira, dirigiu-se até às portas ignorando o olhar que o proprietário grande e musculado lhe deu.

“A minha senhora está lá dentro” disse ela. “Ela disse-me para ir buscar tudo para quando ela terminasse de tomar banho, ou haveria problemas.”

Ele olhou para ela de cima abaixo. Mais uma vez, os pacotes nas mãos de Sophia pareciam funcionar como um passaporte. “Então, é melhor entrares, não é? Os vestiários ficaram à tua esquerda.”

Sophia foi até eles, colocando os seus prémios roubados numa sala que estava quente com o vapor dos banhos. As mulheres iam e vinham enroladas nas toalhas que serviam para as secar. Nenhuma delas olhou duas vezes para Sophia.

Ela despiu-se, embrulhando-se numa toalha e dirigindo-se aos balneários.

Eles tinham um estilo que favorecia a água, com múltiplas piscinas quentes, mornas e frias, com massagistas no lado e servos à espera.

Sophia estava muito ciente da tatuagem no tornozelo proclamando o que ela era, mas havia ali servas contratadas com as suas senhoras para massajá-

las com óleos perfumados ou para lhes pentear o cabelo. Se alguém notasse a marca, obviamente assumiriam que Sophia estava ali por essa razão.

Mesmo assim, ela não aproveitou o tempo para se deleitar nos banhos que ela poderia ter. Ela queria sair dali antes que alguém fizesse perguntas. Ela mergulhou sob a água, esfregando-se com sabão e tentando tirar o pior da sujidade de si. Ao sair do banho, ela certificou-se de que a sua toalha chegava até aos seus tornozelos.

De volta ao vestiário, ela juntou o seu novo ser num passo de cada vez. Ela começou com meias de seda e saiotas, depois colocou o espartilho e outras saias exteriores, luvas e mais.

“A minha senhora precisa de ajuda com o seu cabelo?” perguntou uma

mulher, e Sophia viu do outro lado uma serva a olhar para si.

“Se faz favor” disse Sophia, tentando lembrar-se de como os nobres falavam. Ocorreu-lhe que isto seria mais fácil se ninguém pensasse que ela era dali, então ela acrescentou um toque do sotaque dos Estados Mercantis que tinha ouvido na costureira. Para sua surpresa, ele apareceu facilmente, com a sua voz a ajustar-se tão depressa quanto o resto se tinha ajustado.

A miúda secou e entrançou os seus cabelos num nó elaborado que Sophia mal conseguiu seguir. Quando terminou, ela colocou a máscara no lugar, depois dirigiu-se para fora, fazendo o caminho entre as carruagens que ali estavam até encontrar uma que não estivesse ocupada.

“Tu aí!” disse ela, com a sua nova voz a parecer estranha aos seus ouvidos naquele momento. “Sim, tu! Leva-me ao palácio imediatamente e não pares no caminho. Estou com pressa. E não comeces a pedir o dinheiro. Podes enviar a conta para Lord Dunham e ele pode dar-se por satisfeito de ser tudo o que eu lhe estou a custar esta noite.”

Ela nem sabia se havia um Lord Dunham, mas o nome pareceu-lhe bem.

Ela esperava que o motorista da carruagem discutisse, ou pelo menos regateasse a tarifa. Em vez disso, ele simplesmente fez uma vénia.

“Sim, minha senhora.”

O passeio de carruagem pela cidade foi mais confortável do que Sophia poderia ter imaginado. Foi mais confortável do que saltar para a parte de trás dos vagões, certamente, e muito mais curto. Em questão de minutos, ela viu os portões a aproximarem-se. Sophia sentiu-se apreensiva porque era ainda o mesmo servo que estava lá a trabalhar. Será que ela iria conseguir? Será que ele a iria reconhecer?

A carruagem abrandou, e Sophia forçou-se a debruçar-se, esperando parecer como deveria.

“O baile já está em plena atividade?” quis ela saber com o seu novo sotaque. “Cheguei no momento certo para causar um impacto? Mais diretamente ao ponto, como é que eu estou? Os meus servos dizem-me que isto é adequado para a tua corte, mas eu sinto que pareço uma prostituta das docas.”

Ela não conseguiu resistir àquela pequena vingança. O servo do portão fez uma vénia acentuada.

“A minha senhora não poderia ter chegado em melhor altura” assegurou ele, com o tipo de falsa sinceridade que Sophia imaginava que os nobres gostassem. “E ela parece absolutamente adorável, é claro. Por favor, entra.”

Sophia fechou a cortina da carruagem quanto esta seguiu em frente, mas só porque assim escondia o seu alívio atordoado. Isto estava a resultar. Estava mesmo a resultar.

Ela só esperava que as coisas também estivessem a resultar com Kate.

CAPÍTULO SEIS

Kate estava a desfrutar da cidade mais do que ela teria pensado ser possível sozinha. Ela ainda estava a sofrer com a perda da sua irmã, e ela ainda queria sair para o campo aberto, mas, por enquanto, Ashton era o seu recreio.

Ela atravessou as ruas da cidade, e havia algo particularmente atraente em estar perdida nas multidões. Ninguém olhava para ela mais do que olhavam para os outros diabretes ou aprendizes, filhos mais novos ou aspirantes a lutadores da cidade. Com a sua roupa arrapazada e com o cabelo espetado, Kate poderia ter passado por qualquer um deles.

Havia tanto para ver na cidade, e não apenas os cavalos aos quais Kate lançava um olhar cobiçoso sempre que passava por um. Ela fez uma pausa em frente a um vendedor que vendia armas de caça num vagão, as bestas leves e os mosquetes ocasionais que pareciam impossivelmente grandiosos.

Se Kate conseguisse ter roubado uma, ela teria, mas o homem mantinha um olhar atento a todos os que se aproximavam.

No entanto, nem todos eram tão cuidadosos. Ela conseguiu arrebatrar um pedaço de pão de uma mesa de café, uma faca de onde alguém a tinha usado para fixar um panfleto religioso. O seu talento não era perfeito, mas saber onde os pensamentos e a atenção das pessoas estavam era uma grande vantagem quando se tratava da cidade.

Ela continuou, à procura de uma oportunidade para apanhar mais do que ela precisaria para a vida no campo. Era primavera, mas isso significava apenas chuva em vez de neve na maioria dos dias. Do que é que ela precisaria? Kate começou a verificar as coisas nos seus dedos. Um saco, um torçal para fazer armadilhas para animais, uma besta se ela conseguisse obter uma, um oleado para se proteger da chuva, um cavalo. Definitivamente, um cavalo, apesar de todos os riscos que o roubo de cavalos trazia.

Não que nada disso fosse verdadeiramente seguro. Havia forcas em alguns dos cantos que seguravam os ossos de criminosos mortos há muito tempo, preservados para que a lição pudesse durar. Sobre um dos portões antigos, arruinado na última guerra, havia três crânios em espigões que eram supostamente do chanceler traidor e dos seus conspiradores. Kate indagou-se como é que qualquer pessoa sabia mais.

Ela cedeu um olhar para o palácio ao longe, mas só porque esperava que Sophia estivesse bem. Esse tipo de lugar era para os gostos da rainha viúva e dos seus filhos, dos nobres e dos seus servos a tentarem ignorar os problemas do mundo real com as suas festas e as suas caças, não pessoas reais.

“Ei, rapaz, se tiveres uma moeda para gastar, eu dou-te um bom momento”

disse uma mulher na porta de uma casa cujo propósito era óbvio, mesmo não tendo nenhum letreiro. Um homem que poderia ter lutado com ursos estava à porta, enquanto Kate conseguia ouvir os sons das pessoas a divertirem-se demais, mesmo ainda não estando escuro.

“Eu não sou um rapaz” ripostou ela.

A mulher encolheu os ombros. “Eu não sou exigente. Ou entra e ganha algumas moedas. Os velhos libertinos gostam das arrapazadas.”

Kate prosseguiu, não dignificando isso com uma resposta. Essa não era a vida que ela tinha planeado para si mesma. Nem era roubar para ganhar tudo o que queria.

Havia outras oportunidades que pareciam mais interessantes. Para onde quer que ela olhasse, parecia que havia recrutadores para uma ou outra das companhias livres, declarando o seu alto salário em relação às outras, ou as suas melhores rações, ou a glória a ser conquistada nas guerras por toda a Água-Faca.

Kate aproximou-se mesmo de um deles, um homem de aparência amável nos seus cinquenta anos, usando um uniforme que parecia mais adequado à ideia de guerra de um jogador do que à coisa real.

“Ei aí, rapaz! Estás à procura de aventura? De arrojo? Da possibilidade de morte nas espadas dos teus inimigos? Bem, vieste ao lugar errado!”

“Ao *lugar errado*?” perguntou Kate, nem sequer se importando que ele também tinha pensado que ela era um rapaz.

“O nosso general é Massimo Caval, o mais famosamente cauteloso dos homens lutadores. Nunca se envolve a menos que possa ganhar. Nunca desperdiça os seus homens em confrontos infrutíferos. Nunca...”

“Então estás a dizer que ele é um covarde?” perguntou Kate.

“Um covarde é a melhor coisa para se ser numa guerra, acredita” disse o recrutador. “Seis meses a correr à frente das forças inimigas enquanto elas ficam entediadas, com apenas saques ocasionais para animar as coisas. Pensa nisso, a vida, a ... espera, tu não és um rapaz, pois não?”

“Não, mas eu ainda posso lutar” insistiu Kate.

O recrutador abanou a cabeça. “Não para nós, tu não podes. Desaparece daqui e não me chateies!”

Apesar da sua defesa de covardia, o recrutador parecia estar pronto a segurar Kate pela cabeça se ela ficasse ali, pelo que ela continuou a andar.

Muitas coisas na cidade faziam pouco sentido. A Casa dos Não Reclamados tinha sido um lugar cruel, mas pelo menos tinha possuído um tipo de ordem. Frequentemente, na cidade, parecia que as pessoas faziam o que queriam, com pouca contribuição dos governantes da cidade. A própria cidade certamente parecia não ter nenhum plano para isso. Kate atravessou uma ponte que tinha sido construída com tendas e estrados e até pequenas casas até mal haver espaço para usá-la para o propósito pretendido. Ela deu por si a andar pelas ruas que se enrolavam em si mesmas, em becos que de alguma forma se tornavam os telhados das casas que estavam numa elevação mais baixa e que depois davam lugar às escadas.

Quanto às pessoas nas ruas, toda a cidade parecia insana. Parecia haver alguém a gritar em todos os cantos, declarando os elementos da sua filosofia pessoal, exigindo atenção pelo desempenho que estavam prestes a colocar, ou denunciando o envolvimento do reino nas guerras por toda a água.

Kate baixou-se ao entrar pelos portões quando viu as figuras mascaradas de sacerdotes e freiras a ocupar-se do negócio inescrutável da Deusa Mascarada, mas depois da terceira ou quarta vez ela continuou a andar. Ela viu um a agitar uma corrente de prisioneiros, e ela deu por si a questionar-se sobre qual parte da piedade da deusa tal representava.

Havia cavalos por toda a cidade. Eles puxavam carruagens, eles erguiam cavaleiros, e alguns dos maiores puxavam carroças cheias de tudo desde pedra a cerveja. Vê-los era uma coisa; roubar um era outra coisa bem diferente.

No final, Kate escolheu um lugar ao pé de uma loja de estrebaria, aproximando-se e esperando pelo seu momento. Para roubar algo tão grande como um cavalo, ela precisava de mais do que apenas um momento de falta de atenção, mas, em princípio, não era diferente de roubar uma tarte. Ela conseguia sentir os pensamentos dos trabalhadores da estrebaria enquanto vagueavam de um lado para o outro. Um estava a trazer para fora uma égua com bom aspeto, pensando na mulher nobre para a qual ela estava destinada.

Maldição, ela vai precisar de uma sela lateral, não disto.

O pensamento era todo o convite que Kate precisava. Ela avançou quando o rapaz da estrebaria correu de volta para dentro, provavelmente pensando que ninguém conseguiria levar um cavalo no breve espaço de tempo em que ele se

ausentasse. Kate abriu caminho entre os pedestres que desarrumavam a rua, imaginando o momento em que as suas mãos finalmente agarrassem as rédeas...

“Apanhei-te!” disse uma voz quando uma mão se agarrou ao ombro dela.

Por um momento, Kate pensou que alguém tivesse adivinhado o que ela pretendia fazer, mas, quando a figura que apanhou Kate a virou para ele, ela reconheceu a verdade: era um dos rapazes do orfanato.

Ela contorceu-se para fugir, e ele bateu-lhe com força no estômago. Kate caiu de joelhos e viu dois outros rapazes a chegarem rápido.

“Eles mandaram-nos atrás de ti quando tu fugiste” disse o mais velho.

“Disseram que as miúdas iam por mais do que os rapazes, e que eles poderiam enviar perseguidores para todos nós, se necessário.”

Ele parecia amargurado com isso, e Kate não o culpava. A Casa dos Não Reclamados era um lugar maléfico, mas também era o único lar que os órfãos tinham.

Mas ela culpou-o *efetivamente* pelo soco seguinte, que lhe abanou a cabeça para trás.

“Isto é por nos teres batido com aquele teu atiçador” disse ele. “E isto é pelos sacerdotes nos terem batido a seguir.”

Ele pontuava aquilo com estaladas que abanavam Kate no lugar onde ela estava ajoelhada.

“Já estou aqui fora há mais de um dia” disse o mais velho. “Estou com fome, cansado e quero voltar. Vou entrar para o exército em breve, e tu não vais estragar isso. Portanto, eu vou arrastar-te de volta para lá, mas não sem antes me dizeres onde está a cabra da tua irmã.”

Kate abanou a cabeça e ele bateu-lhe novamente. Ela silenciosamente prometeu vingança por este momento, mesmo não conseguindo sequer naquele momento levantar-se, e muito menos fazer qualquer coisa acerca daquilo. Ela enrolou o seu ódio, acomodando-o dentro de si com raiva das irmãs que a tinham educado com tanta crueldade, e do mundo que, logo para começar, lhe tinha roubado os seus pais.

Porém, o seu ódio não fazia nada para evitar os golpes, ou para desviar as questões que se intercalavam como setas.

“Onde está a tua irmã?” quis ele saber. “Onde?” Ela é que eles vão vender por mais moeda.”

“Eu não sei” insistiu Kate. “E não te diria se soubesse.”

Ela conseguia ver pessoas a passar agora. Alguns faziam-no com expressões fixas, outros olhavam para o outro lado, desviando o olhar ao decidirem que não se queriam envolver. Kate viu um jovem que vestia um avental de aprendiz de carpinteiro a passar, e os pensamentos dele tremularam pela sua mente.

Eu queria poder ajudar, mas eles são maiores do que eu, e talvez ela o mereça, e se...

“Se queres ajudar, ajuda!” gritou Kate para ele do outro lado.

Ele virou-se surpreendido, e, na verdade, começou a andar em direção a eles sem o mais pequeno constrangimento.

“Mantem-te fora disto” disse o mais velho dos rapazes, mas Kate não precisava mais do que aquele único momento de distração.

Ela afastou-se dele como um nadador que se afasta da costa, depois levantou-se e fugiu. Atrás dela, Kate ouvia os gritos dos rapazes a seguirem-na, mas ignorou-os e continuou, sem sequer se importar com a direção que estava a tomar. Ela dirigiu-se para as partes mais espessas da multidão, pensando que poderia esgueirar-se enquanto os outros ficariam mais lentos.

Depois partiu para um beco ao acaso, esperando perdê-los.

Não resultou. Kate não teve de olhar ao redor para saber disso. Ela conseguia sentir os pensamentos deles sobre ela, afiados aguçadamente da mesma maneira que um cão de caça poderia. O único sinal promissor era que uma das névoas noturnas de Ashton estava a descer, tornando mais difícil ver qualquer coisa, muito menos uma miúda a fugir.

Kate corria em direção ao rio, com base de que a névoa sempre estava mais espessa naquele local quando chegava. Efetivamente, engrossou-se em nevoeiro, pelo que Kate dificilmente conseguia ver o comprimento das ruas que percorria a correr.

Ela chegou a um conjunto de docas em ruínas, onde abundavam pequenas embarcações ancoradas para a noite. Outras estavam a desafiar o nevoeiro, remando através dele ou içando pequenas velas enquanto guiadas pela luz de lâmpadas a óleo.

Kate começou à procura de um lugar para se esconder. Ela não podia fugir para sempre dos rapazes que a perseguiam, mas talvez ela pudesse esperar até que eles tivessem passado. Ela já não os conseguia ver no nevoeiro; ela só conseguia ouvi-los a aproximarem-se. Ela dirigiu-se para um dos cais em ruínas usados para amarrar os barcos.

Ela vai esconder-se num barco. Precisamos de procurar nos barcos.

Esse pensamento fez com que o medo percorresse Kate. Ela tinha tido tanta certeza de que isto resultaria, mas agora... não se poderia esconder, não poderia voltar para trás. O que é que ela *poderia* fazer?

Desta forma, uma voz disse-lhe na sua mente, e não era como ler os pensamentos dos rapazes. Era mais como os momentos em que a sua irmã a contactava. *Salta para mim.*

Kate virou-se e viu uma barcaça a passar, cheia com os detritos da cidade, iluminada por lâmpadas vermelhas e verdes para mostrar aos que se aproximavam para que direção se dirigia. Uma miúda da sua idade estava na parte de trás, usando uma longa vara de madeira para o guiar. Quando Kate olhou, ela levantou a vara da água, estendendo-a.

Kate ficou parada em estado de choque por um momento ou dois. Ela sempre pensou que ela e Sophia eram únicas; que estavam sozinhas no mundo nesse sentido, bem como em todos os outros. O pensamento de que poderia haver alguém que poderia enviar os seus pensamentos para Kate era suficiente para a fazer congelar, tentando entender isso.

Do que é que estás à espera? Salta!

Kate lançou-se para a frente, e, mesmo na primavera, a água era suficiente para lhe tirar a respiração. Eles não se haviam incomodado em ensinar as miúdas a nadar no orfanato, pelo que Kate passou um momento a agitar-se antes da sua mão se fechar ao redor da vara que a outra miúda estava a segurar.

Ela era mais forte do que parecia, recolhendo Kate com a vara da forma que alguém poderia ter puxado um peixe para dentro. Kate ofegava enquanto ia para a barcaça.

“Toma” disse a miúda, dando-lhe um cobertor. “Parece que precisas disto.”

Kate agarrou-o, com gratidão. Enquanto ela a envolvia em torno de si própria, ela olhava para a outra miúda, pequena, loira e manchada com a sujidade das coisas que ela seguia pelo rio. Ela usava um avental de couro sobre um vestido que provavelmente já tinha sido azul alguma vez, embora agora estivesse mais perto do castanho.

“Sou Kate” conseguiu dizer ela.

A outra miúda sorriu. “Emeline. Silêncio agora. Quem quer que seja que está atrás de ti, não nos vai ver na névoa.”

Kate comprimiu-se na popa do barco, observando as docas ou, pelo menos, o

que conseguia ver delas. Eles estavam rapidamente a desaparecer atrás de uma parede de nevoeiro enquanto a barcaça continuava a deslocar-se.

Quando eles desapareceram completamente de vista, Kate ousou dar um suspiro de alívio. Ela tinha conseguido.

Ela tinha escapado deles.

CAPÍTULO SETE

Sophia mal podia acreditar que estava dentro do palácio. Comparado à Casa dos Não Reclamados, parecia um lugar mágico; outro mundo que os gostos dela só podiam esperar lá entrar se ela fosse contratada pelos nobres certos por causa de alguma habilidade especial.

Agora, ela estava lá, graças a pouco mais do que a vontade de enganar aqueles que queriam acreditar nela e à coragem de verdadeiramente tentar.

Sophia não conseguia evitar uma nota de espanto sobre isso, e com o espaço à sua volta.

Era lindo, era elegante, e estava tão distante do orfanato quanto qualquer edifício poderia esperar estar. Em vez de apertado, havia tetos altos e quartos espaçosos que pareciam ter sido projetados mais como exposições de opulência do que simplesmente como lugares para viver. Havia cadeiras e *chaise-longues* macias e esculpidas no estilo elaborado que tinha vindo do outro lado da água, tapetes grossos dos teares da água dos Estados Mercantis e até algumas estatuetas de prata trabalhadas de mais longe, nas terras onde se dizia que os homens nunca sequer tinham ouvido falar da Deusa Mascarada.

Este palácio era tudo o que Sophia sempre tinha querido.

Não, não tudo. Este era um lindo lugar para estar, mas não era suficiente simplesmente chegar aqui. Sophia tinha de encontrar uma maneira de ficar.

Ela tinha vindo aqui com a esperança de que haveria uma maneira de encontrar uma vida entre os nobres. Uma maneira de ficar segura.

Sophia não se sentia muito segura naquele momento. Havia pinturas nas paredes de mulheres bonitas e homens de aparência forte, provavelmente representando diferentes facetas das linhas nobres do reino. Naquele momento, Sophia provavelmente parecia uma das mulheres, mas ela sentia como se aquela fachada fosse tão fina quanto uma das telas, fácil de destruir e provavelmente de desaparecer a qualquer momento.

“Foco” disse ela a si mesma, tentando agir da forma que ela pensava que uma nobre estrangeira agiria ao chegar ao palácio. Ela atravessou as multidões de pessoas que ali estavam, sorrindo debaixo da sua meia máscara e balançando a cabeça, fazendo uma pausa para admirar pinturas e esculturas.

Havia nobres ali - outros nobres, Sophia corrigiu-se a si mesma - que estavam em grupos e a rirem-se entre eles enquanto esperavam que o baile começasse. Ela viu um grupo de mulheres jovens da sua idade, com vestidos que provavelmente tinham levado algumas semanas de trabalho a alguém para produzir. Uma, resplandecente num delicado vestido azul que parecia concebido para realçar a sua figura, estava-se a queixar-se aos outros por debaixo da sua máscara oval de marfim.

“Eu enviei a minha serva lá, e nem vos passa pela cabeça o que aconteceu.

Alguém tinha *levado* o meu vestido. *O meu vestido!* ”

Sophia susteve a respiração, sentindo-se certa de que, a qualquer momento, a miúda se viraria e a veria; vislumbraria o vestido que ela estava a usar e denunciá-la-ia não apenas como uma fraude, mas como uma ladra.

Sophia imaginava que fosse ‘Milady D’Angelica’, como a costureira a chamara.

“Eu nunca cheguei a ver meu vestido” continuou a miúda, e Sophia ousou dar um suspiro de alívio. “Eu tive de me conformar com um que a costureira tinha pronto para a filha de um burguês qualquer.”

Uma das outras, cuja máscara formava um bico de pássaro elaborado, riu-se.

“Pelo menos isso significa que haverá menos ralé aqui.”

As outras riram-se juntamente com ela, e a miúda que se tinha estado a queixar do seu vestido assentiu.

“Vamos lá” disse ela. “Está quase na hora de dançar, e eu quero a minha maquiagem retocada, no caso de algum jovem bonito me tirar a máscara.

Talvez um dos filhos da viúva me queira beijar.”

“Angelica, tu estás *atrevida*” disse uma das outras.

Sophia não tinha pensado nisso. Ela tinha vindo aqui com algum pensamento meio formado de poder entrar na corte e se casar com um homem rico, mas não pensou o suficiente para considerar o que ela faria se tivesse de tirar a máscara dela. Presumivelmente, algures entre a sua chegada à festa e viver felizes para sempre, alguém iria querer ver o seu rosto?

Então, ela seguiu-os, tentando não o fazer parecer demasiado óbvio enquanto caminhava, fazendo uma pausa para olhar para a estátua que ali estava.

“Ah, estás a admirar o último Hollenbroek” disse um homem gordo.

Uma coisa verdadeiramente horrível, mas é o que é suposto eu dizer.

“Eu acho que é horrível” disse Sophia, com a leve inclinação do sotaque que ela tinha escolhido para deixar que os nobres perdoassem qualquer erro seu. “Com licença, porém, eu ainda preciso de ir fazer a minha maquiagem para o baile.”

“Então, talvez possamos dançar mais tarde” sugeriu ele. “Se tiveres o teu cartão de dança...”

“O meu cartão de dança?” perguntou Sophia, intrigada. Ela pode ver o homem a franzir a testa sob a sua máscara, mas pode sentir a confusão dele.

“Sim, claro. Acho que não o tenho aqui comigo de momento.”

Ela afastou-se rapidamente, embora soubesse que isso era rude. Era melhor do que ser descoberta porque não conhecia as regras que estas pessoas tinham. Além disso, ela estava quase a perder de vista as miúdas nobres.

Sophia seguiu-as até uma pequena antecâmara. Ela olhou lá para dentro e viu uma miúda talvez um par de anos mais velha do que ela a usar o cinza de uma serva contratada, ali parada, cercada por espelhos e pincéis, enquanto as miúdas se sentavam em cadeiras com costas altas à frente de si. A serva tinha cabelos escuros que ficavam aquém dos seus ombros, e características que poderiam ter sido bonitas se ela tivesse sido autorizada a usar qualquer uma das ferramentas do seu negócio em si mesma. Mas assim, ela parecia principalmente sobrecarregada.

“Bem, então” disse a primeira miúda nobre. “Estás à espera de quê?”

“Se a minha senhora não se importasse de remover a sua máscara?”

sugeriu a miúda.

A nobre fê-lo com má cara, murmurando algo sobre servas grosseiras, enquanto as outras faziam o mesmo. Elas colocaram as suas máscaras ao lado delas, como se fossem rostos voltados para cima, mas Sophia estava mais interessada em observar as suas feições verdadeiras. Algumas delas eram bonitas, algumas com feições mais simples, mas ainda assim com a pele macia em consequência de loções caras e a confiança que vinha por saberem que poderiam comprar a metade da cidade se quisessem. Provavelmente, apenas Milady D’Angelica era verdadeiramente bonita, com feições que poderiam ter vindo de uma das pinturas que adornavam as paredes, e um ar de uma superioridade aguçada que dizia que ela sabia exatamente como era linda.

“Despacha-te” disse ela. “E tem cuidado. Hoje tive um dia muito difícil.”

Presumivelmente, não tão difícil quanto o de uma serva a ter de a servir, ou quanto alguém a ter de arriscar a sua liberdade tentando entrar sorrateiramente

nas festividades. Ainda assim, Sophia não disse nada. Em vez disso, ela observou a serva a começar a trabalhar com pós e tintas, subitamente transformando as feições de cada uma das nobres nas quais ela trabalhava.

“Trabalha mais depressa!” disse uma delas de repente. “Honestamente, estas miúdas da orfandade são tão *preguiçosas*.”

“Isso não é tudo o que elas são” respondeu outra. “Ouviram que Henine Watsworth apanhou uma na cama com o seu noivo? Sem moral, nenhuma delas.”

“E o aspeto delas” acrescentou Angelica. “Consegue-se ver a grosseria das suas feições. Eu nem sei porque é que nos incomodamos a marcá-las como o que elas são. Conseguem-se detetar a milhas de distância.”

Elas não se pareciam incomodar por a sua serva estar mesmo ali, ou por ela não poder ripostar dada a sua posição. Sophia odiava aquela crueldade.

Na verdade...

“Com licença, minha senhora” disse uma serva que passava. “Mas estás perdida?”

Sophia demorou um pouco a lembrar-se que elas podiam estar a falar com ela. “Não, não, eu estou bem.”

“Então gostarias de entrar para a tua maquiagem? Tenho a certeza de que poderíamos encontrar mais uma cadeira.”

A última coisa que Sophia queria era ter de se sentar lá com as outras, sem máscara, onde ela tinha a certeza de que alguém iria adivinhar o que ela era.

Ou, mais precisamente, o que ela não era.

Sophia ouviu um trecho dos pensamentos da mulher, e isso não contribuiu nada para tranquilizá-la.

Ela está bem? Não a reconheço. Talvez eu deva...

“Achas que eu preciso de tais coisas?” perguntou Sophia exigiu na sua voz mais altiva. “Mais diretamente ao ponto, achas que eu quero ficar ali presa com tanta tagarelice? Já consigo sentir uma das minhas dores de cabeça a começar. Vai buscar-me água, miúda. Vai.”

Parecia que ela estava a representar um papel em momentos como este, com a rispidez da situação a servir como os picos de um arbusto espinhoso para evitar que as pessoas se aproximassem demais. A serva apressou-se, e Sophia também. Ela não podia dar nas vistas assim.

Em vez disso, ela encontrou um recanto onde ela se podia esconder, fingindo

olhar para os quadros ali, ouvindo o tempo todo e esperando que a sala além ficasse vazia. Sophia nem sequer queria arriscar que a serva a visse.

Como as nobres tinham dito, era muito fácil detetar uma das órfãs.

Então ela ouvia com os seus ouvidos e com a sua mente, aguardando o momento em que ficasse silêncio, e, depois, voltou para a sala com toda a cautela de uma ladra. Sophia sentou-se à frente dos espelhos ali, removendo a sua máscara e considerando a grande variedade de pigmentos e pós que ali estavam.

Ela percebeu naquele momento que não tinha propriamente uma ideia do que fazer. Ela sabia o que era a maquiagem, até tinha visto algumas mulheres a usarem-na, mas não tinha sido algo permitido no orfanato. As irmãs mascaradas provavelmente ter-lhe-iam batido só de perguntar sobre isso.

Porquê decorar o rosto quando a deusa delas tinha escondido o rosto dela do mundo? Para elas, apenas as prostitutas usavam tais coisas.

Mesmo assim, Sophia tentou. Ela concentrou-se no que ela pensava que as mulheres nos quadros tinham parecido, e agarrou nos pós com maior probabilidade. Em menos de um minuto ela percebeu o seu erro, quando ela passou de se parecer consigo própria e passou a parecer-se com algum tipo de palhaço demente, apenas capaz para o menos subtil teatro de rua.

“Olá?”

Sophia girou com o som da voz da serva, apercebendo-se da sua figura e pegando na sua máscara. Para sua surpresa, a serva foi mais rápida, pegando na sua mão e afastando-a gentilmente.

“Não, não, não faças isso. Isso vai piorar as coisas. Deixa-me ver, minha senhora...”

Quem é ela? Tenho a certeza de que a conheço.

“Ficará tudo bem” disse Sophia, levantando-se. Foi apenas quanto o fez que ela se apercebeu que ela havia deixado escorregar o seu leve traço de sotaque. Ela tinha voltado à sua voz normal, e até mesmo ela conseguia ouvir o quão grosseiro e sem cultura tal soava comparando com os nobres.

“Quem és tu?!” perguntou a serva. Ela deslocou-se para olhar para Sophia.

“Espera, eu conheço-te, não conheço?”

“Não, não, estás enganada” disse Sophia. Ela dever-se-ia ter afastado naquele momento. Ela deveria ter empurrado a serva e correr. No entanto, ela não o fez.

“Sim, eu conheço-te” disse a miúda. “És a Sophia. Lembro-me de ti e da tua irmã da Casa dos Não Reclamados. Eu sou a Cora. Eu só tinha mais dois anos que vocês, lembras-te?”

Sophia começou a abanar a cabeça, mas a verdade era que ela se lembrava da outra miúda, e, naquele momento, parecia que não fazia sentido negá-lo.

“Sim”, disse ela. Sim, eu lembro-me!

“Mas o que é que estás a fazer *aqui*?” perguntou Cora. “Vá, senta-te. Deve haver uma história nisto tudo.”

Sophia tinha esperado que ela chamasse guardas ali e naquele momento, pelo que ela se sentou quase tanto por surpresa como por qualquer outra coisa. Enquanto ela estava ali sentada, Cora começou a limpar-lhe a maquiagem do rosto com as suas mãos experientes.

Sophia contou-lhe o que tinha acontecido. Ela contou-lhe sobre ter fugido com a sua irmã, e sobre ter dormido em más condições na cidade. Ela contou-lhe sobre se ter separado de Kate para tentar encontrar a felicidade e a segurança da forma que parecia fazer mais sentido para elas.

“E tu estás aqui porque achas que podes entrar e encontrar um lugar na corte?” perguntou Cora. Sophia esperou que a outra miúda lhe dissesse o quão estúpido tal era. “*Pode* funcionar, acho eu, se conseguires encontrar as pessoas certas para se tornarem teus amigos, ou mais do que amigos. Se conseguires persuadir algum nobre a levar-te como sua amante... ou sua esposa.”

Ela riu-se disso, como se tal fosse absurdo, mas para Sophia, essa era a opção que parecia fazer mais sentido. Era a opção que a deixava segura. A verdade era, no entanto, que ela faria o que tivesse de fazer. Ela se tornaria uma parasita de um nobre qualquer, ou amiga, ou cortesã, se fosse isso o que era preciso.

“Então não achas que é estúpido?” perguntou Sophia. “Não achas que é uma coisa má tentar fazer isto?”

“Má?” ripostou Cora. “Mau é eles poderem levar-nos e vender-nos como mercadorias, sem qualquer oportunidade real de pagar as dívidas que eles dizem que nós devemos. Mau é a parte em que as miúdas nobres conseguem tratar-me como se eu fosse nada, sendo que tudo o que elas fazem é apenas ficarem por ali, à espera do marido certo. Tu fazes o que tens de fazer para sobreviver, Sophia. Desde que isso não magoe ninguém, fá-lo e não penses duas vezes. Quem me dera ter a coragem para fazer o que tu estás a fazer.”

Sophia não se sentia muito corajosa naquele momento. “Não me respondeste

sobre isso ser estúpido. Quero dizer, se uma pessoa descobrir e me entregar...”

“Não serei eu” prometeu Cora. “E sim, pode ser estúpido, mas só se o fizeres mal. Estares aqui significa que tens pensado nisso, mas pensaste em tudo? Quem estás destinada a ser?”

“Eu pensei que seria uma miúda dos Estados Mercantis” disse Sophia, caindo no vestígio de um sotaque que ela escolhera. “Aqui...”

A verdade era que ela não tinha pensado numa razão.

“Ser do outro lado da água é bom” disse Cora. “Mesmo o sotaque está próximo o suficiente para enganar a maioria das pessoas. Diz que estás aqui por causa das guerras. O teu pai era um nobre inferior de Meinhalt; é uma cidade na antiga Liga. Eu já ouvi pessoas a falar sobre as batalhas lá a devastá-la, para que ninguém possa verificar. Isso também explicará porque não tens nada contigo.”

Sophia de Meinhalt. Soava bem.

“Obrigada” disse Sophia. “Eu nunca... como é que tu sabes tudo isto?”

Cora sorriu. “As pessoas esquecem-se que eu estou lá enquanto estou a trabalhar nelas. Eles falam e eu escuto. Por falar nisso, senta-te ali, e eu...

bem, não te ponho bonita, tu já és bonita, mas ponho-te como eles esperam.”

Sophia sentou-se e a outra miúda começou a trabalhar, escolhendo a base, o rouge, a sombra de olhos e a cor dos lábios.

“O que é que sabes sobre a etiqueta aqui?” perguntou Cora. “Sabes quem são as pessoas?”

“Eu não sei o suficiente” admitiu Sophia. “Antes, um homem gordo pediu-me o meu cartão de dança, e eu nem sequer sei o que isso é. Ele começou a falar de alguém chamado Hollenbroek, e eu *acho* que fiz o que era correto, mas não tenho a certeza.”

“Hollenbroek é um artista” explicou Cora. “O teu cartão de dança é um pedaço de osso, marfim ou ardósia para escrever os nomes dos parceiros de dança prometidos. E se há um homem gordo a perguntar sobre ambos, as hipóteses são que seja Percy d’Auge. Evite-a, ele é um libertino sem dinheiro.”

Ela continuou a falar sobre os outros, os nobres e as suas famílias, a viúva e os seus dois filhos, o Príncipe Rupert e o Príncipe Sebastian.

“O Príncipe Rupert é o herdeiro” disse ela. “Ele é... bem, tudo o que esperas que um príncipe seja: afoito, bonito, arrogante, inútil. Sebastian é diferente,

dizem. Ele é mais sossegado. Mas não precisas de te preocupares com eles. Tu precisas de um nobre inferior, Phillipe van Anter, talvez.”

Cora continuava e tornava-se cada vez mais óbvio para Sophia que ela nunca se conseguiria lembrar de tudo aquilo. Ao dizer tudo aquilo, Cora abanou a cabeça.

“Não te preocupes. Sendo do outro lado da água, ninguém esperará que saibas tudo. Na verdade, seria suspeito se soubesses. Bem, acho que estás quase pronta.”

Sophia olhou para si no espelho. Era ela, e, porém, de alguma forma, também não era ela. Era certamente uma versão mais bela de si do que qualquer coisa que ela conseguisse ter imaginado. Estava impossivelmente longe do que ela conseguiria ter feito a si mesma.

“Mais uma coisa” disse Cora. “Eu gosto das botas, mas ambas sabemos o que está por baixo. Tire-as, e eu vou disfarçar a tua marca. Ninguém vai saber.”

Sophia tirou as botas e as meias, revelando a marca na sua barriga da perna. Cora esfregou uma base grossa sobre o local, misturando-a até desaparecer completamente.

“Bem” disse ela. “Agora, se seduzires algum nobre inferior, não terás de manter as tuas botas na cama.”

“Obrigada” disse Sophia, abraçando-a. “Muito obrigada por fazeres isto.”

Cora sorriu. “Tenho sorte. Tenho um trabalho que faço realmente bem, num lugar que não me importo demasiado. Mas se eu conseguir ajudar outro como eu, eu ajudo. E quem sabe? Talvez, quando fores uma nobre rica, irás precisar de uma serva que sabe como fazer para que tu pareças o teu melhor.”

Sophia assentiu com a cabeça; ela não se iria esquecer disso. Ela ficou à frente dos espelhos, sentindo-se agora como se ela fosse um cavaleiro antiquado, blindado para a batalha. Quando ela colocou a máscara, era como se estivesse a puxar a viseira.

Ela estava pronta para a batalha.

CAPÍTULO OITO

Os sonhos de Kate eram sobre o orfanato, o que significava que eram de violência. Ela estava numa sala de aula. Figuras cercavam-na, vestidas com as vestes das freiras ou com as túnicas simples dos rapazes que ali estavam.

Faziam-lhe perguntas que não faziam sentido, sobre coisas estúpidas: a maneira correta de bordar um travesseiro, as principais exportações da Issettia do Sul. Coisas que Kate não poderia esperar responder.

Eles batiam-lhe sempre que ela falhava. As irmãs atacaram com cintos ou bastões, enquanto os rapazes simplesmente usavam seus punhos. Durante o tempo todo, eles cantavam a mesma coisa.

“Não estás apta a ser uma miúda livre. Não estás apta a ser uma miúda livre.”

Kate sentiu umas mãos sobre si e tentou contorcer-se e contra-atacar. Ela virou-se para arranhar, esmurrar e morder, e foi só quando ela voltou a si mesma que ela percebeu que as mãos que a agarravam não eram as dos rapazes ou das Irmãs Mascaradas. Em vez disso, Emeline, estava sobre si, com um dedo nos seus lábios.

“Não faças barulho” disse ela. “Demasiado barulho e vais acordar os tripulantes da barça.”

Kate conseguiu deter-se a tempo de não gritar de contrariedade e pânico.

“Eu pensei que tu eras um tripulante da barça” conseguiu dizer Kate.

Ela viu Emeline abanar a cabeça. “Eles estão a dormir lá na frente.

Disseram que me levariam rio cima se eu guiasse o barco enquanto eles dormiam.”

Kate não se sentiu assim tão segura então. A sua nova amiga havia-a salvado, e Kate tinha assumido que eram apenas elas as duas no barco, a percorrerem o largo rio. Agora, havia homens ali algures que ela não conhecia. Uma parte de Kate queria ir até eles e expulsá-los do barco apenas pelo crime de terem a ousadia de estarem ali.

Na verdade ela não queria. Era apenas que ela precisava de bater em *algo* naquele momento, e os habitantes do orfanato não estavam à mão. Ela queria voltar para lá e destruí-lo, apenas para que ela pudesse ter a certeza de que ele desaparecia da sua vida. Ela queria se vingar de todas as humilhações e golpes que lhe tinham sido dados ao longo dos anos que ela lá tinha estado.

“Ei, estás a salvo agora” disse Emeline. “Não há necessidade de te preocupares. Aqueles que te estavam a perseguir não te vão apanhar agora.”

Kate assentiu com a cabeça, mas havia uma parte dela que ainda não acreditava nisso. A Casa dos Não Reclamados não era um lugar que se deixasse para trás. Em vez disso, era um lugar que os órfãos transportavam consigo, sempre presente independentemente do quão para longe se fugisse.

Talvez fosse uma das razões pelas quais eles não se incomodavam em fechar as portas.

Num esforço para ignorar tudo, Kate olhou em volta para a cidade. O nevoeiro que tinha envolvido a luz da noite estava a começar a dissipar-se,

revelando a vasta extensão do rio que se estendia de cada lado, iluminado por lâmpadas de marinheiros e cortado com pequenos bancos de areia e correntes de redemoinhos, pedaços de água mais rápida e extensões lentas e sinuosas.

A cidade de cada um dos lados parecia igualmente variada. Havia edifícios de madeira misturados com os de pedra, alguns em filas ordenadas, outros muito próximos do espaço pertencente ao fluxo da água. Alguns dos edifícios obviamente usavam o rio para os seus negócios, com sistemas de molinete ou cais que mostravam os lugares onde os bens eram carregados e descarregados. Outros estavam simplesmente ali com vistas sobre a água para os habitantes ricos.

Kate viu um homem sentado lá, a tentar pintar a cena do rio à luz da lâmpada, e ela indagou-se porque é que alguém se daria ao trabalho. Não era bonito lá fora, pois não? A cidade impunha demais a si mesma para que fosse bonita. A água tinha o cheiro de esgoto e de sedimentação da terra numa via navegável para a qual as pessoas simplesmente lançavam coisas lá para dentro. A superfície do rio estava cheia de barcos e barcaças para ver os juncos nas bordas, ou os pássaros que flutuavam entre eles. Não seria em qualquer lugar que ela teria querido pintar.

“Cuidado” disse Emeline quando Kate se começou a levantar. “Há pontes à frente. Não vais querer bater com a cabeça.”

Kate obedientemente sentou-se outra vez, olhando adiante para onde havia uma longa ponte que atravessava o rio, tão baixa que provavelmente apenas barcaças baixas como esta conseguiam passar.

“Eles têm de ter docas separadas do outro lado” disse Emeline. “Somente as barcaças conseguem passar sem bater com os seus mastros nela.”

Ela empurrava com a sua longa vara de direção à medida que se aproximavam, alinhando a barcaça com um dos arcos da ponte. Kate conseguia ver picos lá, com as cabeças de criminosos preservadas no cume para não apodrecerem tão rapidamente. Ela indagou-se quais seriam os crimes deles. Roubo? Traição? Algo no meio?

Havia espaços abertos nas margens do rio, bem como edifícios. Nesses espaços, Kate viu homens a treinar para a guerra, trabalhando com mosqueteiros e bestas de madeira porque ninguém queria gastar dinheiro com coisas reais para meros recrutas. Alguns deles estavam a treinar em quadratura com lanças, enquanto alguns, provavelmente oficiais, cercavam a frente dos outros com espadins.

“Tu pareces com vontade de nadar e de te juntares a eles” disse Emeline.

“E tu não?” perguntou Kate. “Para ser assim tão forte, sem ninguém para te dizer o que fazer outra vez.”

Emeline riu-se daquilo. “Numa das tripulações mercenárias? Tudo o que eles têm é pessoas a darem-lhes ordens. Além disso, quererias atravessar o Água-Faca e arriscar a tua vida por uma causa qualquer que não significa nada?”

Kate não tinha a certeza. Colocada da forma como Emeline a tinha dito, a ideia soava como uma loucura, mas também soava como uma oportunidade de aventura.

“Além disso, talvez não precises de ir para o estrangeiro se os rumores forem verdadeiros” disse Emeline.

Com a maioria das pessoas, Kate teria lido os seus pensamentos para tentar entender o que eles queriam dizer, mas quando ela se aproximou da outra miúda, ela não conseguia ver para dentro.

Kate, enviou Emeline, não sabes que isso é falta de educação?

“Desculpa” disse Kate. Ela não queria aborrecer a sua nova amiga. “Mas o que é que querias dizer?”

“Simplesmente que as guerras têm o hábito de não ficar onde as pessoas as querem” respondeu Emeline. “As pessoas falam como se a Água-Faca fosse um espaço inatacável, ao invés de apenas vinte milhas de mar calmo.”

Kate não tinha pensado nisso dessa maneira. Quando ela ouvia falar das guerras por todas as águas entre os estados fragmentados, parecia sempre como algo que acontecia do outro lado do mundo. Na verdade, partes das terras ali estavam provavelmente mais perto de Ashton do que os moinhos de água do norte ou os espaços de granito da montanha que ficavam depois disso.

“Portanto, não estás a planear fugir e juntar-te a uma das companhias”

disse Kate. “Então o que é que vais fazer? Porque é que estás à procura de boleias para te levarem rio acima?”

Emeline semicerrou os olhos e Kate sabia que havia um sonho acordado ou outro que cintilava atrás daquelas pálpebras.

“Para Stonehome” disse Emeline com uma voz que pareceu arrebatada por aquilo durante um momento.

“Stonehome?” disse Kate. “O que é isso?”

Ela viu os olhos da outra miúda arregalarem-se com surpresa. “Tu não sabes? Mas tu... tu és como eu. Tu consegues ouvir pensamentos!”

Ela provavelmente disse isso um pouco mais alto do que pretendia.

Certamente, era a coisa que ela tinha dito mais alto desde que Kate havia acordado.

“Stonehome é um lugar para pessoas como nós” disse Emeline. “Dizem que é um lugar onde podemos estar seguros, e outros não nos vão atacar pelo que podemos fazer.”

Kate não tinha a certeza se acreditava que tal lugar pudesse existir. Ela mal acreditava que outras pessoas com o mesmo dom que ela existissem no mundo. Ela tinha tido tanta certeza de que era só ela e a sua irmã, por tanto tempo.

“Tens a certeza de que este lugar existe?” perguntou Kate. Mal parecia possível.

“Eu... ouvi rumores” disse Emeline. “Não tenho certeza de onde é exatamente. Se fosse ao ar livre, seria demasiado perigoso. Dizem que é depois dos Ridings algures. Achei que poderia concentrar-me em sair da cidade, e depois encontrar o lugar. Quero dizer, se as pessoas vão lá, não pode ser impossível de encontrar.”

Parecia ser demasiado para a outra miúda depositar a sua esperança, mas pelo menos o barco era uma boa maneira de sair da cidade. E talvez tentar encontrar um lugar onde aqueles como elas pudessem estar seguros não fosse um sonho assim tão mau de ter.

“Como é que era, no orfanato?” perguntou Emeline.

Kate abanou a cabeça. “Pior do que possas imaginar. Eles tratavam-nos como se nós nem sequer fôssemos pessoas, mesmo. Apenas coisas inconvenientes a serem moldadas e vendidas.”

Era o que elas tinham sido, de certa forma. A Casa dos Não Reclamados fingia ser um lugar seguro para as crianças abandonadas, mas, na verdade, era uma espécie de fábrica de servos contratados, que existia para lhes proporcionar competências que os tornariam úteis quando atingissem a idade para serem vendidos.

“E tu?” perguntou Kate. “Como é que vieste parar a um barco como este?”

Emeline encolheu os ombros. “Eu vivi nas ruas durante um tempo. Foi... difícil.”

Kate sabia o quanto a dor podia se encaixar numa pausa como aquela. Ela aproximou-se para envolver um braço ao redor da outra miúda.

“Eu costumava vigiar... bem, eles eram ladrões, basicamente” disse Emeline.

“Eles iam para restaurantes e pousadas, e saíam vestidos com roupas de outras pessoas, com tudo o que estava nos bolsos. Eu dizia-lhes quando é que havia pessoas a prestarem-lhes atenção.”

Kate pensou nas maneiras que teve para usar os seus próprios poderes para roubar. “O que aconteceu?”

Emeline encolheu os ombros. “Eu apanhei alguns dos seus pensamentos.

Eles estavam a pensar livrarem-se de mim. Eles achavam que eu era muito branda.”

Kate podia imaginar o quão difícil isso deveria ter sido. Ela estava prestes a oferecer compaixão à sua nova amiga quando ouviu passos. *Isto* era o que ela odiava sobre o seu talento: era tão ocasional. Porque é que o seu talento não a poderia alertar sobre todos os problemas potenciais?

Ela virou-se a tempo de ver uma grande mão de um tripulante da barçaça sobre elas, com o seu peito de barril a pressionar até ao limite a sua camisa manchada de cerveja, e com as mãos a cerrarem-se em punhos.

“Uma criança bruxa! Eu deixei uma criança bruxa entrar na minha barçaça? E agora vocês são duas? Não, não vou ter isso! Sai da minha barçaça.”

“Espera um minuto” disse Kate.

“Sai da minha barçaça, já disse” disse ele bruscamente. Ele tirou repentina e facilmente a vara de direção de Emeline, segurando-a como um dos soldados nas margens do rio poderia ter empunhado uma lança. “Eles dizem que as bruxas não conseguem nadar. Vamos descobrir!”

Ele atingiu Emeline primeiro, fazendo com que ela caísse na água e fizesse um pequeno som de surpresa. Kate levantou-se, enfrentando o homem, desejando ter uma espada para o esfaquear.

No entanto, ela não tinha e não havia nada na barçaça para ela se esquivar quando a vara se aproximou a balançar em arco. Ela sentiu-se a ficar sem ar com o impacto quando a vara a atingiu no abdómen, e, por um momento, Kate sentiu-se a ir pelos ares.

A água do rio atingiu-a como uma bofetada fria em todo o seu corpo. Kate foi ao fundo, e, por um momento, ela deu por si a pensar que talvez o tripulante da barçaça estivesse certo quanto a ela não conseguir flutuar. Então ela deu aos pés, indo à superfície como uma rolha e arfando.

Não demorou muito. Havia outro barco a vir diretamente na sua direção.

Kate conseguiu afastar-se a tempo, mas o movimento atirou-a de volta para baixo de água novamente. Ela deu por si a olhar para cima para os cascos dos

barcos que passavam, tentando encontrar um espaço livre para subir.

A água estava gelada, mesmo no calor do dia. Fria o suficiente para que o corpo de Kate desejasse ficar sem ar com isso, mas ela resistiu ao impulso.

Ela nadou para a superfície, conseguindo surgir entre dois barcos que se deslocavam com grandes remos.

“Ajudem-me!” gritou Kate, mas os homens que estavam nos barcos riram-se.

“Vais ter de nadar para isso, miúda” gritou um de volta. “Não há lugar para o teu tipo aqui.”

Kate desejava poder apunhalá-los a todos naquele momento, mas ela mal conseguia manter a sua cabeça fora de água. Ela olhou em volta, tentando encontrar Emeline, mas não havia sinal dela ali. Se ela tivesse sido afastada pelas correntes do rio, ou... não, ela não iria pensar assim.

Emeline? enviou Kate, ou tentou enviar. Os seus poderes não eram consistentes quando mais faltam lhe faziam, e afogar-se no meio de um rio não era o melhor que lhe podia acontecer. Ela pareceu-lhe ter vislumbrado uma cabeça fora de água algures entre mais barcos, e tentou nadar nessa direção.

As correntes não a deixavam. O que antes tinha parecido redemoinhos suaves, quando ela estava no barco, revelava-se agora ser algo mais forte que apanhava os membros de Kate e ameaçava puxá-la para baixo a qualquer momento. Não havia como conseguir nadar na direção que Emeline havia estado. Tudo o que ela conseguia fazer era nadar para os lados, atravessando a corrente, apontando para o banco de areia enquanto o rio a levava corrente abaixo.

Ela tentou agarrar-se à ponte enquanto o rio a puxava por ela, mas a alvenaria era muito lisa, com musgo e limo. Ela continuou a nadar no lado do outro lado, esperando que, se conseguisse chegar a um dos bancos, conseguiria correr ao longo do rio, descobrir Emeline, e talvez atirar uma corda ou algo assim. Ajudá-la, de alguma forma.

Este lado da ponte era, quanto muito, ainda mais agitado. Havia remos que atravessavam a água, e varas e quilhas, pelo que Kate tinha de se esquivar a cada braçada que dava a nadar. *Finalmente*, ela chegou a águas mais calmas, e os seus músculos doridos conseguiram aproximá-la do banco de areia do outro lado. Kate sentiu as mãos em cima de um pontão, e conseguiu dar impulso lá para cima.

Durante um minuto ou mais, ela ficou deitada na madeira da coisa, inspirando o ar. Os braços ardiam-lhe de lutar contra a corrente. As suas roupas estavam

encharcadas e sujas da imersão na água fria do rio. Ela sentiu, naquele momento, como se pudesse simplesmente enrolar-se e morrer ali.

Em vez disso, Kate sentou-se, obrigando-se a procurar sinais de Emeline no rio.

Estás aí? ela enviou, esperando uma resposta da outra miúda, mas os seus poderes nunca eram tão simples quanto isso. Kate tinha acabado de saber que conseguia comunicar com alguém para além da sua irmã; as hipóteses de conseguir ligar-se a Emeline novamente pareciam remotas. O melhor que Kate poderia esperar era vislumbrar a outra miúda a flutuar pelo rio, levada pelas correntes.

No entanto, ela tinha entrado na água primeiro. Ela já podia ter sido levada pela corrente abaixo. Kate tentou correr ao longo do banco de areia à procura dela, mas não tinha forças para isso e, de qualquer forma, era inútil. Ela não viu nenhum sinal da outra miúda. Na melhor das hipóteses, ela havia sido levada para terra a quilómetros de distância. Na pior das hipóteses, ela estaria morta algures sob a água.

Esse pensamento fez com que o estômago de Kate desse um nó, mas a verdade era que não havia nada que ela pudesse fazer.

Ela parou e olhou à volta. Ela não sabia onde é que ela estava em Ashton agora. Ela tinha tentado sair da cidade, mas o rio tinha-a levado muito para trás. Ela estava sozinha novamente, molhada, cansada, fria e sozinha.

Kate pôs-se de joelhos e chorou.

Sophia, ela enviou. Onde estás ?

Ela esperou, demasiado tempo, no silêncio, até que ela finalmente percebeu que a sua irmã não a conseguia ouvir.

CAPÍTULO NOVE

Sophia voltou para o palácio, tentando parecer mais confiante do que se sentia. Pelo que ela tinha visto das nobres miúdas por ali até agora, elas nunca admitiam um único momento de incerteza.

Ajudava que ela conseguia ver as multidões começarem a formar-se, atravessando o castelo com um grupo de outras. Ela apanhou alguns dos olhares que lhe davam a ela, e, por um momento ou dois, ela ficou preocupada que a vissem através do disfarce. Quando uma das mulheres mais velhas chegou até ela, Sophia teve a certeza de que a iam desmascarar e a enviariam de volta para o orfanato. O seu talento dava-lhe alguma segurança.

Quem é ela? Deve ser nova. Todos teríamos reparado numa miúda tão bonita, tenho a certeza. Lembra-me um pouco de mim mesma naquela idade.

Tenho certeza de que haverá rumores.

“Bem-vinda” disse a mulher mais velha, oferecendo-lhe a mão. “Sou Lady Olive Casterston.”

“Sophia... de Meinhalt” disse Sophia, pegando a mão da mulher, lembrando-se da sua voz e nome adotados mesmo a tempo. “Muito prazer em conhecerte.”

Oh, dos Estados Mercantis. Não admira que eu não tenha ouvido falar dela. Suponho que isso também explique a maneira como ela pegou na minha mão sem fazer uma vénia.

Sophia prolongou os seus talentos enquanto conversava, lendo o que conseguia da mulher. Ela não parecia desconfiada. Quanto muito, parecia determinada a ser amigável. Eles conversaram sobre nada, e Sophia usou isso como um momento para continuar a observar a sala.

“Perdoa-me se os meus hábitos não são os que estás acostumada” disse Sophia. “As coisas são... muito diferentes aqui, parece-me.”

“Espero que não demasiado diferentes” disse Lady Olive. “Mas eu suponho, com a guerra... oh, coitada. Foste apanhada em tudo isso? Vem, vem comigo. Vou apresentar-te às pessoas. Sir Jeffrey, esta é Sophia de Meinhalt, simplesmente *tens* de a conhecer.”

Tão simples quanto isso, Sophia deu por si a conhecer uma série de pessoas tão rapidamente que era impossível controlar quem era quem. Lady Olive ficou com ela durante as primeiras pessoas, apresentando uma imagem de uma miúda que fugia das guerras do continente, o que significava que Sophia nunca tinha de contar uma mentira absoluta, apenas... deixar que as pessoas continuassem a pensar o que estavam a pensar.

Mas claro, ela *sabia* o que elas estavam a pensar, e os seus poderes eram a única razão pela qual ela continuava a flutuar no mar das pessoas que ela tinha de conhecer. Os poderes dela deixavam-na vislumbrar o que essas pessoas esperavam, e apanhar fragmentos de informações que os deixavam pensar que ela tinha pelo menos *ouvido* falar sobre a política de Ashton.

Ela deixou a maré das pessoas que ela tinha acabado de conhecer a levasse para o salão de baile, e lá, Sophia teve de lutar contra o desejo de se mostrar deslumbrada com tamanho espetáculo.

“Está tudo bem, querida?” perguntou-lhe um oficial reformado, claramente desejando uma oportunidade de ser galante. Obviamente, ela não tinha feito um trabalho assim tão bom a disfarçar o seu choque.

Mas, como é que ela o poderia ter feito? Todas as paredes do salão de baile eram espelhadas, os espelhos cercados por molduras douradas. O chão era uma obra-prima de madeira embutida, formando um mapa do mundo conhecido que até continha algumas das terras descobertas para lá do oceano.

Havia lustres acima, que pareciam ter milhares de velas entre eles, enquanto um trio de músicos revestidos de ouro ocupava um pequeno espaço de um lado. Não havia espaço nas paredes para quadros, mas os arquitetos haviam compensado isso com um fresco acima deles em estilo moderno, fazendo com que parecesse que o salão de baile se abria numa grande paisagem pastoral.

“Senhorita?”

“Sim, estou bem” assegurou-lhe Sophia. “É que nunca pensei que viria uma ocasião como esta... novamente.” Sophia de Meinhalt teria frequentado estas coisas antes, é claro. “Mas obrigada por perguntares.”

A dança ainda não tinha começado. Em vez disso, aqueles que participavam comiam ovos de codornizes e maçãs escalfadas em vinho, bebiam vinhos delicados em cálices ou levavam-nos para o que parecia ser uma pequena fonte num canto, fluindo com o seu vermelho escuro.

No entanto, eles pareciam principalmente estar a manipular como as pessoas nos mercados à procura das melhores pechinchas, ou como exércitos à procura do terreno mais alto. Talvez ambos, porque certamente parecia haver um pouco de cada coisa na sala. Os fragmentos de pensamento que Sophia agarrava deixavam claro que havia mais do que apenas dançar.

Certamente não me posso classificar abaixo dele?

Como é que o Conde de Charlke conseguiu pagar a nova casa de que está a falar?

Será que a minha filha vai encontrar um marido esta noite? Ela tem quase vinte!

Sophia tinha mantido uma imagem dessas coisas como assuntos majestosos e graciosos, mas os pensamentos cintilantes daqueles à sua volta deixavam claro o quanto estava a acontecer sob a superfície. Parecia que cada gesto, cada palavra, fazia parte de um jogo maior de posição e avanço. Todas as pessoas pareciam estar presentes porque queriam algo, mesmo que fosse apenas para mostrar o poder e a posição que já possuíam.

Havia graciosidade ali, porém. Algumas das miúdas ali pareciam tão elegantes quanto cisnes nas suas fantasias, enquanto todos pareciam ter dado o seu melhor com as suas roupas e as suas máscaras. Era o tipo de ocasião que noutro lugar qualquer poderia ter tornado todos anónimos, mas aqui

servia mais para mostrar o seu gosto e a sua capacidade de pagar as melhores coisas.

Ou roubá-las, no caso de Sophia.

Ela atravessou a sala com passos delicados, ouvindo quer os mexericos que os nobres trocavam entre si quer os seus pensamentos. Ela ouviu rumores sobre quais homens e mulheres que haviam perdido a jogar às cartas ou a apostar em cavalos, juntamente com preocupações mais profundas daqueles que suspeitavam que desta vez poderiam não conseguir pagar as suas dívidas.

Ela ouviu as histórias de relações amorosas e de infidelidades, e o seu talento permitiu-lhe distinguir as que eram verdadeiras das que estavam a ser espalhadas deliberadamente para causar problemas.

Talvez, se Sophia fosse um tipo diferente de pessoa, ela poderia ter tentado fazer fortuna ao negociar esses segredos. Isso não era o que ela queria, no entanto. Ela queria ser feliz, não odiada. Ela queria ser uma parte deste lugar, não uma predadora nos seus limites. Ela queria ser mais do que apenas o dom que ela tinha.

Isso significava encontrar uma maneira mais permanente de se ligar a esta corte. Isso significava encontrar um marido aqui. Sophia engoliu em seco ao pensar nisso. Era um grande compromisso a fazer e, colocado assim, parecia incrivelmente mercenário. No entanto, seria pior do que os nobres ali a tentarem arranjar bons casamentos para si, uns com os outros, ou para os seus descendentes?

Definitivamente, era melhor do que ser da orfandade, independentemente do que acontecesse.

E, de certo modo, Sophia tinha uma vantagem sobre os outros que ali estavam: ela conseguia pelo menos ver que tipo de pessoas os homens que a rodeavam realmente eram. Ela conseguia olhar para dentro deles e ver que o homem íntegro à sua esquerda era cruel, ou detetar o jovem homem a pensar na cortesã que iria visitar novamente esta noite.

Sophia olhou ao redor da sala, sentiu os olhos em si, sentiu a esperança de alguns dos homens que olhavam para si. Alguns deles sentiram-se predadores, como lobos a rodear um veado. Alguns claramente queriam usá-

la e descartá-la.

Havia um jovem com uma máscara de sol e um pano de fantasia dourado que só servia para enfatizar as belas linhas das suas feições. Ele estava no centro de um grupo de parasitas, e Sophia soube mesmo antes de olhar para dentro dos pensamentos que era Rupert, o filho mais velho da viúva e herdeiro do

reino.

Uma olhada para os *seus* pensamentos fez Sophia desviar o olhar. Para ele, ela não passava de um pedaço de carne. Pior, por baixo daquela fachada de brincadeira, havia um toque de violência. Sophia tinha ouvido que o Príncipe Rupert era um bom soldado que gostava de treinar ao lado dos outros oficiais nobres. Porém, havia mais do que isso, e isso foi o suficiente para fazer com que Sophia tivesse a certeza de que não queria se aproximar dele.

Ela começou a concentrar-se em procurar o nobre que Cora recomendara: Phillipe van Anter. Mas tentar escolher uma pessoa específica no meio de uma multidão mascarada era difícil, mesmo com um talento como o dela. Ela olhou para um jovem alto, com um cabelo tão vermelho quanto o dela. Não, não era ele. Nem era um homem vestido com um traje de arlequim ou aquele que achava que o seu uniforme militar dava um traje perfeito.

Ela virou-se e congelou no lugar quando viu um jovem à beira das multidões ali. Ele estava muito bem vestido, com um traje que parecia evocar a água corrente e o clima passageiro do reino da ilha. Ele usava uma túnica cinza e prateada sobre uma camisa azul e calções, com botas com algumas joias que, de alguma forma, conseguiam ser elegantes e não exageradas.

A máscara escondia metade do seu rosto, mas mesmo assim, Sophia conseguia ver que ele era bonito. Ele não tinha a constituição de alguns dos soldados na sala, mas ainda assim parecia forte e atlético.

Ele não era um daqueles que olhavam para ela, nem as outras jovens da sala, maliciosamente. Sophia não teve a sensação de violência com ele que tinha tido do Príncipe Rupert, e nenhum dos problemas que ela tinha visto em tantos outros pensamentos por ali. Havia algo calmo sobre ele, quase pacífico.

Não era assim que Sophia se sentia, no entanto. Ela sentiu-se a respirar mais rápido ao vê-lo, e os seus olhos ficaram presos a ele enquanto ele se movia pela sala. Foi apenas quando um homem se curvou diante dele que ela percebeu uma única coisa que não tinha percebido: Este era o príncipe Sebastian, filho mais novo da viúva. Não o herdeiro, mas muito mais do que ela poderia esperar.

Sophia começou a desviar o olhar, mas encontrou o seu olhar novamente atraído para ele como se não o conseguisse evitar. No caminho, ela vislumbrou Lady D'Angelica e os seus amigos, e mesmo não tendo sido capaz de ler os seus pensamentos, Sophia teria visto o olhar faminto que a nobre deu ao príncipe.

Quando conseguiu efetivamente ver os pensamentos de Angélica, Sophia congelou.

Uma bebida, e ele logo ficará suficientemente ensonado.

Sophia abriu caminho até à outra miúda através da multidão que tagarelava. Sophia viu-a tocar numa bolsa que trazia à sua cintura.

Só espero que o alquimista não me engane. Se isto não funcionar rápido o suficiente, nunca serei eu a levá-lo para a cama.

Sophia poderia adivinhar o plano dela agora. Angélica estava a planear dar ao príncipe Sebastian algum tipo de sedativo e depois sair do salão de braço dado com ele. Ela iria enganá-lo para o levar para a cama com ela, independentemente dos desejos dele.

Quando estiver grávida, ele terá de se casar comigo.

Esse pensamento intercetado tirou Sophia do sério. Ela tinha de deter isso.

Ela aproximou-se por atrás da outra miúda, usando o seu talento da mesma maneira que usava para roubar na rua, procurando o momento em que a atenção de Angélica se dispersasse, e, depois aproximando-se tão calmamente como se estivesse a abanar um leque para tirar a bolsa do cinto dela.

Sophia poderia ter atirado fora o sedativo, mas naquele momento, sentiu que a nobre merecia mais do que isso - pelo que ela tinha sido com Cora, pelo menos. Sophia pegou num copo de vinho, acrescentando calmamente um pouco de pó lá dentro e misturando-o na bebida. Ela aproximou-se de Angélica novamente, à procura do melhor momento em que ela colocaria o seu vinho por um momento numa das pequenas mesas ao redor da sala.

Era uma questão de alguns segundos no máximo, mas Sophia estava à espera por isso, e isso facilitou a troca do vinho. Ela afastou-se, dando um gole na bebida de Angélica, enquanto a jovem nobre bebia da bebida que Sophia que havia adulterado.

Demorou um tempo para se ver qualquer efeito. Por um minuto ou dois, na verdade, Sophia não esteve certa de ter conseguido fazer alguma coisa.

Então ela viu Angélica a balançar ligeiramente, afastando a tentativa de ajuda de um dos seus amigos.

O que está a acontecer? Cometi algum erro?

Sophia viu-a a segurar no seu cinto, à procura da bolsa agora perdida.

Angélica tropeçou então, e, desta vez, um dos seus companheiros apanhou-a mesmo. Ela parecia como se quisesse lutar, ou discutir, mas todo aquele grupo restrito rapidamente a arrastou da sala, presumivelmente procurando algum lugar para descansar.

Sophia sorriu para si mesma ao pensar que a outra miúda estava a ter o que

ela merecia. Ela olhou para Sebastian.

Agora, pela parte que *ela* merecia.

Porque a verdade era que não havia mais ninguém na sala para quem ela tivesse olhos a não ser para ele.

CAPÍTULO DEZ

Kate sentia-se pior do que tinha estado antes de entrar no barco. Ela tremia enquanto atravessava a cidade, a luz em falta nem de perto nem de longe suficientes para secar as roupas encharcadas que ela tinha vestidas.

Ela também estava com fome, com tanta fome que já estava a pensar em roubar para encher o estômago. Kate deu por si a olhar para todas as lojas e barracas de comida, procurando por uma oportunidade, mas não havia oportunidades no momento, mesmo com o seu talento a deixá-la ver quando não estava ninguém por perto.

Ela quase se viu a desejar estar de volta ao orfanato, mas esse era um desejo estúpido. Mesmo antes de ela fugir, tinha sido um lugar pior do que isto. Pelo menos nas ruas, não havia freiras para lhe bater por ela ter cometido erros, não havia horas sem fim a trabalhar em tarefas inúteis para evitar o pecado da preguiça.

Isto estava perto, e Kate deu por si a desejar que a sua irmã estivesse melhor do que isto. Porém, as suas tentativas de se conectar com Sophia não estavam a funcionar. Ou isso, ou ela estava apanhada em algo que exigia a sua atenção, e, por isso, ela não conseguia responder. Ela também se tentou conectar com Emeline novamente. Novamente, não houve resposta.

Kate continuava a andar.

Ela não tinha certeza de onde ela estava na cidade agora, mas, pela aparência, ela não tinha ido parar a um bairro nobre. Lá, ela imaginava que a calçada fosse de mármore branco brilhante, em vez de tijolos e granitos partidos cobertos por uma camada de esterco de cavalo. As casas em volta dela pareciam mais baratas do que aquelas em torno da Casa dos Não Reclamados, e de dentro delas, Kate podia ouvir gritos, berros e gargalhadas ocasionais.

Ela passou por uma estalagem, onde as luzes das velas lá dentro iluminavam os festins dos tripulantes das barcaças e trabalhadores. As palavras de uma canção obscena chegavam à rua e, contra a sua vontade Kate deu por si a corar. Um dos homens acenou para ela, e Kate acelerou o passo.

À luz do dia, Ashton era um lugar movimentado e difícil na periferia. Na escuridão crescente, este canto parecia muito menos amigável. Num beco nas proximidades, Kate estava certa de que tinha ouvido os sons de violência. Ao

passar por outro, ela apanhou um homem e uma mulher pressionados juntos contra uma parede e ela desviou o olhar.

Kate sabia que tinha de se aquecer. À luz do dia, ela poderia ter ficado suficientemente quente para se secar simplesmente caminhando, mas à noite, com a luz da lua a fluir sobre si numa névoa de prata e o vento a cortar em si sempre que ela não se mantinha perto de uma parede?

Ela iria morrer congelada se não encontrasse fogo.

Havia fogo ao redor da cidade em fogueiras e grelhas. As chaminés das casas em torno de si deitavam fumo para o céu noturno enquanto os seus habitantes cozinhavam neles e mantinham-se aquecidos. Porém, não era como se ela pudesse simplesmente entrar numa das suas casas.

Ela poderia tentar uma estalagem, mas as estalagens custam dinheiro e, se ela andasse por ali à volta de uma, Kate não tinha dúvidas de que alguém iria querer saber o que ela estava a fazer ali. Então, ela continuou a andar, olhando ansiosamente para as pousadas próximas e tentando ignorar os sons dos habitantes mais perigosos da cidade enquanto eles faziam os seus negócios noturnos.

Finalmente, Kate sentiu como se não conseguisse continuar mais. Na estalagem seguinte ela entrou para o pátio que cercava. Ela podia não ser capaz de pagar um quarto, mas esta tinha um estábulo, e ela poderia pelo menos aquecer-se ali entre os cavalos se fosse cuidadosa. Haveria trabalhadores da estrebaria em algum lugar, e os proprietários dos cavalos ali dentro deviam sair pela manhã para os levar. Por enquanto, Kate não conseguiu detetar nenhum pensamento que indicasse que as pessoas estavam próximas demais.

Havia três cavalos nos estábulos no momento. Um era um garanhão escuro, grande e com um aspeto agressivo. Outro era um dócil pônei branco que parecia muito magro e mal cuidado. A terceira era uma égua castanha, que brincou quando Kate se aproximou, entrando no seu estábulo para se acomodar entre a palha. Ela pegou num cobertor que estava a cobrir as costas do cavalo, que não pareceu importar-se quando Kate se envolveu nele.

Não era muito, mas era muito melhor do que andar pela rua a tentar secar-se. Ela não tentou dormir, porque não queria arriscar que alguém a espreitasse furtivamente enquanto ela o fazia. Ela ficou ali enquanto, lenta e gradualmente, ela começou a aquecer um pouco.

Ela também começou a pensar. Ela tinha estado a planear sair da cidade quando os rapazes a encontraram e ela tinha sido forçada a correr. O seu plano tinha sido roubar tudo o que ela precisava, desde comida até armas, roupas

para... bem, um cavalo. Havia alguma razão pela qual ela já não poderia fazer isso?

Kate correu para a frente do estábulo, olhando para fora ao mesmo tempo que aumentava os seus outros sentidos. Ela não tinha ilusões sobre o que aconteceria com ela se fosse apanhada a roubar algo tão caro como um cavalo. Seria, pelo menos, a marca de um ferro e provavelmente a corda.

Mas naquele momento, quando a alternativa era ter uma morte lenta na cidade, tal parecia mais do que valer o risco.

Na verdade, fazê-lo era a parte mais difícil. Kate conseguia ver algum material para um cavalo colocado na parede. A égua castanha permanecia imóvel enquanto Kate colocava o seu cobertor no lugar e colocava uma sela no topo. Estava obviamente habituada a pessoas estranhas que lhe colocavam a sela para o seu dono. Ela encontrou mais material, e as lições meias lembradas no orfanato em como ser uma boa serva lhe tinham ensinado algumas das coisas que ela precisava de saber acerca de para onde tudo aquilo ia. O resto, Kate supôs, e uma vez que o cavalo não se afastou dos esforços dela, ela suspeitou que ela tivesse razão.

Ela abriu a porta do estábulo tão silenciosamente quanto conseguiu, e a madeira a ranger ou o parafuso a chiar soavam incrivelmente barulhentos contra o silêncio da noite. Ela não se atreveu a andar de cavalo dos estábulos, e então, em vez disso, ela conduziu-o silenciosamente, passo a passo, até chegar ao portão que levava à rua.

“Ei, tu! O que pensas que estás a fazer?”

Kate não hesitou. A sua subida na sela não foi graciosa, mas era rápida.

Ela espetou os calcanhares nos flancos do cavalo e gritou bem alto. Ao mesmo tempo, ela enviou, tão poderosamente quanto conseguiu, o anseio de correr.

Kate não sabia como é que levava o cavalo ao galope, mas naquele momento tal não importava. A única coisa que importava *verdadeiramente* era que ela se encontrava agarrada ao cavalo enquanto ele corria pelas ruas da noite. Soaram gritos atrás de si, mas eles rapidamente desapareceram na distância.

A verdadeira dificuldade era segurar-se ao cavalo. Kate não havia cavalgado antes. O orfanato assumia que os únicos a cavalgar ao redor dela seriam aqueles que a comprariam. Certamente não a ela, e certamente não tão depressa.

Isso significou que ela se agarrou ao pescoço do cavalo pela sua querida vida, nem sequer tentando dirigi-lo enquanto ele escolhia o seu próprio

caminho atrás de carroças e dos poucos pedestres ainda lá fora. Ela segurou-se até a força do cavalo começar a desaparecer, depois puxou as rédeas, tentando fazê-lo parar.

Ela conseguiu abrandá-lo até uma caminhada, pelo menos, tentando orientar-se. Ela não sabia exatamente onde ela estava na cidade, mas tinha a sensação de onde o rio estava, porque ela tinha-se afastado dele não assim há tanto tempo. Se ela continuasse a ir na direção oposta, eventualmente, ela sairia da cidade.

Kate apontou o cavalo para a direção que ela esperava fosse a certa e continuou a cavalgar. Ela talvez não tivesse cavalgado antes, mas ela rapidamente lhe apanhou o ritmo, agarrando-se com as pernas e continuando enquanto a sua nova montada a levava pelas lojas e pousadas, bordéis e salões de jogos.

Ela passou por um dos espaços nas velhas muralhas. Houve um tempo em que ela teria de atravessar um portão fechado, passando por guardas que teriam querido saber onde ela tinha conseguido o cavalo. Porém, esses dias já haviam desaparecido, os portões tinham sido destruídos por um canhão numa das guerras civis. Agora, Kate foi capaz de passar com facilidade, viajando para o grandioso silêncio fora da cidade.

Ainda havia gritos algures atrás dela, mas Kate duvidava que alguém a conseguisse apanhar agora. Apenas para ter garantias, ela manteve-se fora das estradas principais, de modo a que quem a perseguisse a tivesse de procurar.

Por aqui, isso significava ir além de fileiras de construções de madeira, a maioria com os seus próprios pequenos jardins para tentar cultivar alguma comida extra.

Pela primeira vez na sua vida, Kate sentiu-se realmente livre. Ela poderia simplesmente continuar, sair para os Ridings com seus campos abertos e as suas pequenas aldeias, e ninguém a impediria. Ela poderia encontrar o que ela precisava lá fora, fosse comida, ou armas, ou apenas a liberdade de viver da terra.

Ela respirou fundo, resistindo ao impulso de esporear o cavalo num galope novamente. Já tinha corrido o suficiente por uma noite. Por enquanto, ela queria continuar com um ritmo que o castanho conseguisse manter até de manhã, e, então, ela deixou que ele continuasse a sua caminhada rápida para o exterior da cidade.

Foi só quando viu uma loja de ferragens que Kate parou novamente. Era o único conjunto de edifícios construídos em pedra num mar de construções de madeira e tijolos de barro, com um aspeto tão sólido que pareciam estar lá

desde sempre. Havia exemplos do trabalho do dono no espaço lá fora à sua volta, desde portões de ferro forjado até foices a aguardarem serem afiadas, barris com flechas, apenas à espera que as pontas das setas fossem encaixadas.

Tal chamou a atenção de Kate. Se havia setas, podia haver outras coisas para as acompanhar lá dentro. Podia haver arcos de caça curtos, apenas à espera do tipo de acessórios de metal elaborados que algumas pessoas adoravam. Podia haver facas. Podia até haver espadas.

Kate sabia que deveria continuar. Seria mais seguro não arriscar mais roubos até que estivesse afastada da cidade. Mesmo o cavalo tinha sido um grande risco. No entanto, tinha sido um risco que a deixara muito melhor, não tinha?

E talvez fosse melhor fazer isso agora, tudo de uma vez. As pessoas já estavam a persegui-la, então talvez fosse melhor assumir todos os riscos esta noite, em vez de arriscar arruinar as coisas quando ela estivesse no campo.

De alguma forma, Kate tinha a sensação de que era melhor deixar todos os seus pequenos crimes para trás na cidade assim que ela deixasse Ashton. Isto ainda era parte da vida que ela estava a tentar deixar para trás; ela não queria estragar a sua nova vida fazendo inimigos nas aldeias em Ridings ou em Shires a seguir.

Ela decidiu-se. Kate prendeu o seu cavalo na cerca ao lado da loja de ferragens. Ela saltou sobre essa cerca e, ao fazê-lo, ela sentiu que tinha feito algo irrevogável. Ela aproximou-se da loja de ferragens, mantendo-se baixa.

Havia três edifícios. Um deles era claramente a loja principal, outro parecia ser a casa do ferreiro, enquanto o terceiro provavelmente era algum tipo de área de armazenamento e oficina. Foi por esse que Kate deslizou pela escuridão, com base de que era menos o provável que estivesse bem fechado e o mais provável que contivesse armas completas.

Com certeza suficiente, quando Kate olhou através de uma das pequenas janelas, ela pode ver barris com punhos de espada e arcos que saíam delas, misturadas com ferragens ornamentais e longas pregos projetados para a construção de barcos.

Agora, ela só precisava encontrar uma maneira de entrar. Kate dirigiu-se até a porta, mas havia uma grande fechadura de ferro forjado e a tranca não se moveu quando ela tentou. Ela voltou para a janela, olhando para o vidro. Será que ela se iria caber? Era apertado, mas Kate pensava que conseguiria fazê-lo.

Ela teria de partir a janela para fazê-lo, mas com tantos objetos espalhados

pelo quintal, isso seria fácil. Ela simplesmente pegou num espigão de ferro torcido e deu balanço.

O vidro partiu-se fazendo muito barulho contra o silêncio, e Kate ficou quieta, tentando ouvir se havia atividade. Como não houve, ela partiu o resto do vidro e atravessou a janela.

Kate procurou nos barris. Ela não sabia muito sobre as armas que queria, mas Kate podia ver que algumas das criações aqui eram melhores do que outras. Havia algumas espadas que pareciam leves e flexíveis, enquanto outras pareciam cópias baratas delas. Mesmo algumas das lâminas com punhos que pareciam mais elaborados tinham lâminas sem flexão, e tinham apenas um brilho esbatido, em vez do metal com formas onduladas dos melhores.

O mesmo acontecia com os arcos. Alguns eram apenas teixos lisos e cinzas, enquanto outros pareciam ser compósitos de muitas camadas de madeira e chifre, ligados ao metal. Kate agarrou no melhor que pôde encontrar. Se ela o ia fazer, ela ia fazê-lo como devia ser. Não havia nenhuma maneira de ela conseguir trepar para sair pela janela de novo com aquilo amarrado a si, e, então, ela atirou-os à sua frente, depois subiu novamente, caindo para o chão na escuridão e agachando-se.

Uma mão agarrou-lhe o ombro, grande o suficiente e forte o suficiente para que Kate não tivesse oportunidade de escapar. Ela girou, tentando afastar-se, e braços fortes enrolaram-se à sua volta.

Kate engoliu em seco, sabendo que ela estava acabada.

CAPÍTULO ONZE

Sophia forçou-se a ficar de pé e a contemplar o baile quando a dança começou, com grupos de pessoas a deslocarem-se através de danças da corte formais que ela simplesmente não conhecia as etapas. Ela queria precipitar-se na direção do príncipe Sebastian, mas naquele momento, era difícil conseguir que os seus pés se movessem na direção certa.

Porque é que vieste até aqui, então? perguntou Sophia a si mesma.

Essa era a questão. Ela não podia ser tímida em relação a isso. Se ela não conseguisse sequer conversar com o príncipe, então ela tinha de se dirigir a um dos outros homens da sala. Se ela não conseguisse fazer isso, então ela precisava sair, vender o que ela tinha e esperar que fosse suficiente para mantê-la fora das ruas por uma noite ou duas.

Não seria melhor ir ter com o príncipe do que fazer qualquer uma dessas coisas? Não era melhor falar com um jovem que ela gostava? Sophia deu por si capaz de se deslocar novamente com esse pensamento, e ela começou a

escolher o caminho através da multidão.

Nem todos estavam a dançar, mesmo agora. Os nobres mais velhos ali, maioritariamente assistiram pelos lados, conversando uns com os outros sobre que filho, ou filha ou sobrinha dançava mais elegantemente, sobre as guerras em toda a Água-Faca, sobre os últimos artistas apadrinhados pela viúva ou sobre a filha de Lord Horrige tinha sido eleita para se tornar uma freira da Deusa Mascarada. Apenas a menção a isso suficiente para afastar Sophia da conversa.

Ela continuou a caminhar em direção ao príncipe. Ele ainda não estava a dançar, embora o seu irmão estivesse, trocando de parceira para parceira com a gargalhada efusiva de um homem que sabia que poderia escolher as mulheres. Sophia garantiu que o evitava. Ela não tinha interesse em fazer parte do redemoinho da diversão dele.

Enquanto caminhava em direção ao príncipe Sebastian, ela teve a certeza de o ter apanhado a olhar na direção dela. Era difícil dizer com certeza absoluta com a máscara a obscurecer a expressão dele, mas o talento dela pareceu apanhar a sua surpresa.

Ela está a vir até mim? Eu assumi que aquela miúda adorável tivesse um cartão de dança completo.

“Sua Alteza” disse Sophia ao chegar até ele, fazendo uma reverência porque tinham ensinado às miúdas a fazê-lo pelo menos na Casa dos Não

Reclamados. “Espero que não te importes que eu tenha vindo ter contigo desta forma.”

Importar? Só se ela começar a falar sobre o quão perfeito este baile é.

Odeio o quão artificial são essas coisas.

“Não, não me importo”, disse ele. “Desculpe, não consigo adivinhar quem está sob essa máscara.”

“Sophia de Meinhalt” disse ela, lembrando-se da sua falsa identidade.

“Desculpa, não sou muito boa com festas. Não tenho a certeza do que deveria estar a fazer.”

“Eu também não sou muito bom com festas” admitiu Sebastian.

Elas são mercados de carne.

“Não precisas de te esconder de mim” disse Sophia. “Eu consigo ver que não gostas muito delas. São muitas pessoas a procurar vantagens num só lugar?” Ela fez uma pausa. “Desculpa, foi muito atrevimento da minha parte.

Se queres que eu vá...”

Sebastian estendeu a mão na direção do braço dela. “Por favor, não vás. É refrescante conhecer alguém que está preparada para ser sincera sobre o que está a acontecer aqui.”

Sophia, na verdade, sentiu-se um pouco culpada por isso, já que ela estava mais do que ciente de que ela estava lá sob falsos pretextos. Ao mesmo tempo, ela sentia-se mais próxima de Sebastian, enquanto ele estava ao lado dela, do que de qualquer outro ali. Ele parecia verdadeiro enquanto muitos dos outros pareciam simples fachadas.

A verdade era que ela gostava dele, e parecia que ele gostava dela. Sophia conseguia ver os pensamentos dele tão claramente como peixe no fundo de um rio. Eram coisas brilhantes, sem a ponta de crueldade que o irmão dele tinha. Mais do que isso, ela podia ver como ele se sentia e pensava quando olhava para ela.

“Porque é que vieste ao baile se os odeias tanto?” perguntou Sophia. “Eu teria pensado que um príncipe poderia escolher não o fazer.”

Sebastian abanou a cabeça. “Talvez funciona assim em Meinhalt. Aqui, são só obrigações. A minha mãe deseja que eu esteja presente, e então eu estou.”

“Ela provavelmente espera que tu conheças uma boa miúda” disse Sophia.

Ela olhou em volta com intenção. “Tenho certeza de que deve haver uma algures.”

Ela conseguiu levá-lo a rir com isso.

“Eu pensei que tinha acabado de conhecer” ripostou Sebastian. Ele parecia perceber o que acabara de dizer. “E tu, Sophia? Porque é que estás neste baile?”

Sophia descobriu que não lhe queria mentir sobre isso; pelo menos, não mais do que precisava.

“Eu não tinha outro lugar para onde ir” disse ela, e Sebastian deve ter percebido a sua tristeza ao dizê-lo. Obviamente, ele não podia saber o motivo, mas mesmo que ele pensasse que isso era sobre uma nobre estrangeira que tinha tido de fugir das guerras, a simpatia nas suas palavras seguintes foi importante.

“Sinto muito. Não queria trazer à tona assuntos difíceis” disse Sebastian.

Ele ofereceu-lhe a sua mão. “Gostarias de dançar?”

Sophia agarrou na mão dele, surpreendida por descobrir que não havia nada

que ela quisesse mais naquele momento. “Gostaria.”

Eles foram para a área de dança juntos. Ocorreu então a Sophia que havia um problema óbvio ao fazer isso.

“Provavelmente devo avisar-te que não sou a melhor das dançarinas. Eu nem conheço os passos para todas as danças aqui.”

Ela viu Sebastian sorrir. “Pelo menos tens a desculpa de um conjunto diferente de danças da corte de Meinhalt. Eu simplesmente não sou muito bom, e já tive tutores a dizerem-mo, pelo que deve ser verdade.”

Sophia colocou uma mão no braço dele. Ela sabia em primeira mão como era ter professores cruéis. Ela duvidava que algum dos do príncipe lhe tivesse espancado, mas havia maneiras de ser cruel sem nunca encostar um dedo.

“É horrível dizer isso a alguém” disse ela. “Tenho a certeza que danças melhor do que pensas.”

“Pelo menos, podemos aprender juntos” disse Sebastian.

Durante os primeiros passos da nova dança, Sophia vacilou, sem saber o que fazer. Então, o óbvio ocorreu-lhe: havia uma sala cheia de pessoas ao seu redor que sabiam *efetivamente* os passos para a dança, e que teriam de pensar sobre eles a fim de serem capazes de os executar.

Ela escutou, usando o seu poder, esperando que ele apanhasse tudo o que ela precisava, usando os seus olhos para apanhar o resto enquanto observava os ritmos dos outros bailarinos. Uma miúda, um pouco mais longe, parecia estar a pensar nos seus passos com a concentração de alguém que havia sido treinada por um tutor de dança há muito tempo atrás.

“Estás a apanhar isto rapidamente” disse Sebastian quando Sophia se começou a mover.

“Também não te estás a sair nada mal” ela garantiu-lhe.

Ele não estava. Apesar das suas afirmações de que ele não conseguia dançar bem, o único problema que Sophia podia ver com a dança de Sebastian era uma espécie de rigidez autoconsciente. Isso parecia ir e vir, dependendo se ele se lembrava de que as pessoas o estavam a observar, pelo que Sophia decidiu distraí-lo.

“Conta-me sobre ti” disse ela enquanto eles giravam entre os outros casais ali.

“O que é que há para dizer?” respondeu Sebastian. “Eu sou o filho mais novo da viúva, tecnicamente senhor de um ducado menor no oeste, e em grande parte sem importância no que respeita à sucessão. Eu faço o que o dever exige de mim, o que inclui estar presente em bailes.”

Sophia passou a mão pelo ombro dele. “Fico feliz por teres vindo. Mas não estou interessada em tudo isso. Quero saber sobre *ti*. O que é que te faz sorrir? O que é mais gostas no mundo? Quando estás com amigos, eles tratam-te como se ainda fosses um príncipe, ou és apenas o Sebastian para eles?”

Sebastian ficou quieto por tanto tempo que Sophia suspeitava que tivesse errado, apesar das vantagens que os seus poderes lhe davam.

“Não sei” disse ele finalmente. “Não tenho certeza se tenho amigos, na verdade. Na melhor das hipóteses, sempre fui o que estava no precipício do grupo social do meu irmão. Perante a maioria deles, talvez isso não seja tão mau assim. Em qualquer caso, o meu trabalho enquanto príncipe mais novo é não ser embaraçoso. Isso é mais fácil se eu evitar o tipo de emaranhados que Rupert gera. E para ser sincero, os livros são mais interessantes do que a maioria deles.”

Sophia segurou-o um pouco mais perto. “Parece solitário. Espero que eu seja mais interessante do que um livro, pelo menos.”

“Muito mais interessante” disse Sebastian, e então pareceu aperceber-se do que havia dito. “Desculpa, eu não deveria...”

Mesmo que seja verdade.

“Tudo bem” disse Sophia. Ela podia ver o seu constrangimento por pisar o risco, mas o seu talento mostrava-lhe o quão satisfeito ele estava por ela não se importar e no que ele estava a começar a pensar cada vez que olhava para ela. Era estranho, ver a sala parecer iluminar-se para alguém apenas porque Sophia estava lá.

Sebastian parecia estar prestes a dizer outra coisa, mas outra miúda escolheu esse momento para chegar até eles, com o braço estendido como para lhe pedir a ele para dançar. Sophia podia ver como isso iria terminar, com o príncipe a passar de uma linda miúda para outra, esquecendo-se completamente dela.

Para sua surpresa, porém, Sebastian deu um passo atrás afastando-se da miúda.

“Talvez mais tarde” disse ele, embora o fizesse gentilmente. “Como podes ver, tenho uma parceira para esta dança.”

“Eu tenho o meu cartão de dança...” começou a miúda, mas Sophia já estava a dançar com Sebastian na direção oposta.

Ela não precisava de se preocupar. Os olhos de Sebastian estavam exclusivamente sobre ela enquanto eles continuavam a dançar. Sophia adorava a voz dele enquanto ele falava sobre as coisas que o entusiasmavam,

não as guerras insignificantes em que os mais nobres poderiam estar interessados, mas a arte e o mundo, as pessoas da cidade e as coisas que ele podia fazer enquanto príncipe para tornar as coisas melhores.

“Claro” disse ele, “que não é como nos dias antes das guerras civis, quando os reis e as rainhas podiam simplesmente fazer o que queriam. Agora, tudo passa pela Assembleia dos Nobres.”

“Deixando-te a sentir como se não pudesses fazer nada?” imaginou Sophia. Sebastian assentiu.

“Ashton é uma cidade cruel” disse ele, “e o resto do país não é muito melhor. Pior, em algumas das partes sem leis. Seria bom poder ajudar.”

Sophia tinha sempre assumido que os nobres apenas cuspiam sobre aqueles abaixo deles, sem se preocupar com a dureza das suas vidas. No que dizia respeito a Sebastian, pelo menos, parecia que ela estava errada.

Mesmo assim, ela não queria dizer-lhe a verdade sobre quem ela era.

Aquele momento era demasiado precioso para isso. Estava tão bem tecido quanto uma teia de aranha e tão frágil. Um movimento errado e tudo podia se desmoronar.

Sophia não queria que se desmoronasse. Ela gostava de Sebastian, e um olhar para os pensamentos dele disse-lhe que ele mais do que gostava dela.

Naquele momento, parecia como se ela pudesse ficar e dançar com ele, conversar com ele, a noite toda.

E foi o que ela fez.

Ela girou nos braços de Sebastian enquanto outra música tocava. Ela falou com ele sobre a vida no palácio, sobre os lugares que ele tinha visto e as pessoas com quem ele tinha falado. Ela afastou as partes dele que brilhavam como diamantes nos pensamentos dele, tirando-o dos dias mundanos e das pressões da vida da corte.

Quando chegou à vida de Sophia, ela manteve as coisas tão gerais quanto conseguiu. Ela podia admitir ter uma irmã, mas não podia contar histórias sobre as vidas delas, exceto nos detalhes mais vagos, porque isso significaria falar sobre o orfanato. Ela só podia acompanhar as menções das últimas notícias porque podia levantar os detalhes da mente do príncipe. O melhor que ela podia fazer era dirigir a conversa de volta a Sebastian, ou falar sobre coisas que não denunciariam de onde ela havia vindo, nem o que tinha feito para chegar ali.

Em determinado momento daquilo, simplesmente parecia natural que ela

devesse beijá-lo. Sophia recuou por um momento, e depois inclinou-se deliberadamente para mais perto, ignorando a aparência de algumas das jovens nobres nos lados da sala. Isto não era sobre elas. Era sobre ela, e Sebastian, e...

Quando os relógios deram as horas, o clamor dos seus sinos cortou a música, e cortou tudo o que tinha ligado Sophia a Sebastian toda a noite. O

susto fez com que ambos desviassem o olhar, e, naquele momento, o que quer que estivesse prestes a puxá-los para um beijo, despedaçou-se.

Sophia olhou para cima e viu alguns dos lados a observarem os dois, falando em tons baixos. As mulheres mais jovens definitivamente não pareciam felizes e começaram a afastar-se, tirando as suas máscaras no caminho.

“A festa já acabou?” perguntou Sophia. “Parece... parece que não passou uma hora desde que começou.”

“Três” disse Sebastian, mas apenas depois de um olhar para um relógio refletido para confirmar. Sophia podia ver que o tempo também passara a voar para ele. “É um sentimento estranho. Normalmente, essas coisas parecem se esticar por uma eternidade.”

“Deve ser da companhia” disse Sophia com um sorriso.

“Eu acho que provavelmente é” disse Sebastian. Ele tirou a sua máscara naquele momento, e se o coração de Sophia não estivesse a bater com força por ele, isso teria acontecido então. Ele era mais bonito do que ela tinha pensado, não simples e fácil de esquecer como o seu irmão, como ele tinha parecido nos pensamentos de tantos outros.

“Posso?” perguntou Sebastian, estendendo a mão para a máscara dela. “Dá má sorte manter uma máscara após o fim de um baile de máscaras, e eles acharão que não conheces os nossos costumes se a usares de volta até à tua carruagem.”

Sophia sentiu medo naquele momento. Atrás da sua máscara, ela era Sophia de Meinhalt, uma estranha que não podia ser identificada. Sem ela...

seria suficiente?

Ela sentiu os dedos de Sebastian enquanto ele delicadamente tirou a meia máscara que ela escondia atrás. Ele olhou para ela naquele momento e Sophia conseguiu ouvir os seus pensamentos tão claramente como se ele os tivesse gritado.

Meu Deus, ela é ainda mais perfeita do que eu poderia ter acreditado! É assim... é assim que é o amor?

Sophia estava a fazer a si própria a mesma pergunta, e isso trazia um problema. Sophia tentou esconder isso quando Sebastian começou a andar com ela de volta para a frente do palácio, deslizando os dois entre a multidão de pessoas.

Sophia conseguia ver algumas das miúdas ali observando-a com uma hostilidade mal disfarçada.

Quem é ela? O que é que ela está a fazer aqui?

Sophia conseguia sentir a raiva delas por não serem quem ia pelo braço do príncipe, mas naquele momento, ela só queria concentrar-se em Sebastian.

“Quando é que eu te volto a ver?” perguntou Sebastian.

Sophia não tinha a certeza do que responder. Como é que ela conseguiria responder, quando a única razão pela qual ela havia entrado lá era uma mentira? A grande falha no seu plano estava escancarada à sua frente naquele momento: ganhou a sua entrada no palácio uma vez, mas não lhe deu nada para além disso. Mostrou-lhe este mundo e depois afastou-a dele.

Sebastian estendeu a mão para tocar no rosto dela.

“O que foi?”

Sophia não pensara que a sua preocupação transparecia tão claramente.

Ela pensou o mais rápido que conseguiu.

“A carruagem que me aguarda...” começou ela, tentando tanto não mentir, mas sabendo que não tinha alternativa, “... vai levar-me de volta para...”

“O navio?” tentou ele, com ar de preocupado. “De volta para casa, do outro lado do mar?”

Ela assentiu com a cabeça, aliviada por ele ter dito isso e por ela não ter tido de pronunciar a mentira.

“Seria” disse ela, “mas... não tenho casa, na verdade” disse ela. “A minha casa não é o que era. Está tudo em ruínas.” Essa parte, pelo menos, era fácil de fingir, pois havia alguma verdade nela. “Naveguei pelas águas para escapar da minha casa. Não tenho vontade de voltar. Especialmente, logo a seguir a te ter conhecido.”

Ela viu o rosto de Sebastian a mostrar-se confuso, e depois determinado.

“Fica aqui” disse Sebastian. “Isto é um palácio. Há tantos quartos de hóspedes que eu nem sei quantos são.”

Sophia não respondeu. Ela descobriu que não queria mentir-lhe mais do que precisava. Isso era uma coisa tola, quando cada pedaço dela era uma mentira

naquele momento, mas ainda assim, Sophia não queria dizer as palavras.

“Estás a oferecer-te para me deixares ficar?” disse ela. “Assim, sem mais nem menos?”

Sophia mal podia acreditar nisso. Sebastian preencheu o silêncio. Ele só precisava de duas palavras para o fazer, estendendo-lhe uma mão quando a última das outras saiu em fila do salão.

“Ficas?” perguntou ele novamente.

Sophia deu-lhe a mão e, lentamente, sorriu.

“Não há nada que eu mais adorasse” disse ela.

CAPÍTULO DOZE

Kate estremeceu quando o ferreiro fechou a martelar uma volta de corrente em torno do seu pulso, ancorando-a à cerca de ferro forjado. Kate tentou libertar a sua mão, mas o metal não cedeu.

Também não parecia haver muito a ceder no homem que a forjara. Parecia tão forte como o ferro com quem ele trabalhava, entroncado e poderoso. A sua esposa era estreita e tinha ar de preocupada.

“Fica assim, Thomas? Vais simplesmente deixá-la onde ela se poderá libertar?”

“Tranquila, Winifred” disse o ferreiro. “A miúda não vai se libertar. Eu conheço o meu trabalho.”

A sua esposa ainda não parecia convencida. Ela deveria ter tentado estar onde Kate estava. Naquele momento, era como se um torno estivesse apertado em torno do seu pulso. Ela queria atacar, lutar, mas as armas que roubara tinham desaparecido, e ela nem se conseguia libertar.

“Ela é um pouco melhor do que um animal” disse a mulher. “Devíamos entregá-la a um magistrado, Thomas, antes que ela nos mate a todos.”

“Ela não nos vai matar” disse o ferreiro, abanando a cabeça perante tal drama. “E se a entregarmos a um magistrado, eles vão enforcá-la. Ela é apenas uma miúda. Queres ser responsável por ela ser enforcada?”

O medo rastejou até Kate ao pensar nisso. Ela tinha conhecido os riscos de roubar enquanto ela o tinha feito, mas conhecê-los era diferente da ameaça de que a sua morte poderia realmente acontecer. Ela fez o melhor para parecer tão inocente e inofensiva quanto possível. Kate não tinha a certeza de que fosse boa nisso. Era o tipo de coisa em que Sophia tinha sido sempre melhor.

Às vezes, no orfanato, ela tinha conseguido evitar ser espancada apenas

porque as irmãs mascaradas que lá estavam haviam gostado dela.

Não muito frequentemente, no entanto. A Casa dos Não Reclamados tinha sido um lugar difícil, afinal de contas.

“Desculpem” disse Kate.

“Mal consigo acreditar *nisso*” disse a esposa do ferreiro. “Há um cavalo ali no qual eu duvido que ela tenha vindo honestamente, e ela estava a roubar *armas*. Porque é que uma miúda como esta iria querer armas? O que é que ela estava a planear fazer? Tornar-se uma bandida?”

E se eles vêm o cavalo? E se acharem que estamos a abrigar uma ladra?

Kate podia ver que os receios da mulher eram mais sobre o que aconteceria se eles não entregassem Kate, do que propriamente um verdadeiro ódio por ela.

“Eu não ia ser uma bandida” disse Kate. “Eu ia viver em liberdade e caçar a minha comida.”

“Ser uma ladra é *melhor*?” exigiu saber Winifred. “Isto é um disparate.

Faz o que quiseses, Thomas, mas vou voltar para dentro de casa.”

Ela cumpriu a sua declaração, dirigindo-se com determinação para o edifício principal. O ferreiro observou-a a ir, e Kate aproveitou a oportunidade para tentar escapar de novo. Não fez qualquer diferença.

“Bem que podes parar de tentar” disse o ferreiro. “Eu forjo o meu metal bem.”

“Eu poderia gritar por ajuda” disse Kate. “Eu poderia dizer às pessoas que me raptaste e que me estás a prender aqui contra a minha vontade.”

Ela viu o homem grande a estender as mãos. “Eu mostrar-lhes-ia a janela partida, as coisas que tentaste roubar. Depois *estarias* a olhar para o magistrado.”

Kate imaginava que isso fosse verdade. O ferreiro provavelmente estava no coração da comunidade nesta pequena seção da cidade, enquanto ela era uma miúda que tinha aparecido na rua. Depois, havia o cavalo e as pessoas que iriam saber que ela o roubara.

“Isso está melhor” disse Thomas. “Talvez possamos conversar agora.

Quem és tu? Tens um nome?”

“Kate” disse ela. Ela descobriu que não conseguiu olhar diretamente para ele naquele momento. Na verdade, ela sentia-se envergonhada por tudo isso, e

isso era algo que Kate não havia pensado que iria sentir.

“Bem, Kate, sou Thomas.” A sua voz era mais gentil do que Kate tinha esperado. “Agora diz-me, de onde vens?”

Kate encolheu os ombros. “Isso importa?”

“Importa se tiveres uma família à tua procura. Pais.”

Kate resmungou com essa ideia. Os seus pais já haviam morrido há muito, numa noite que... ela abanou a cabeça. Tal recusava-se a aparecer-lhe até mesmo agora. Sophia podia saber, mas Sophia não estava lá.

“O que deixa várias possibilidades” disse Thomas. Ele agarrou na perna das calças que ela havia roubado, levantando-a e revelando a tatuagem que a marcava como uma das Não Reclamadas. Kate tentou soltar-se dele, mas naquele momento já era tarde demais.

“Estás a fugir da tua orfandade?” perguntou Thomas. Ele abanou a cabeça.

“Não, tu és muito jovem. De um dos orfanatos então? Tens perseguidores atrás de ti?”

“Eles mandaram alguns dos rapazes do orfanato” admitiu Kate.

Ela tentou ler o que o ferreiro estava a pensar naquele momento, e descobriu o que ele ia fazer a seguir. Se ele a entregasse, ela não tinha dúvidas de que haveria algum tipo de recompensa para ele, e, da sua experiência, as pessoas faziam o que melhor servia os seus interesses. Ela tentou alcançar a mente dele, e deu por ele a olhar fixamente para ela.

“És um deles, não és?” disse Thomas.

“O que é que queres dizer com isso?” Kate questionou. Ela sabia, de experiência dolorosa, que qualquer um que soubesse o que ela era, iria reagir mal. Não tinham os tripulantes da barça a atirado para o rio para ela se afogar por causa disso?

Ela viu Thomas abanar a cabeça. “Não vale a pena tentares escondê-lo.

Um dos filhos do nosso vizinho... ele era como tu. Ele parecia sempre saber o que estávamos a pensar, mesmo quando não o dizíamos. Eu aprendi a ter uma ideia de quando ele estava a ouvir os pensamentos. Nós não sabíamos o que ele era até ouvimos alguns dos sacerdotes mascarados a darem os seus sermões.”

“Eu não sei... eu não sei do que é que estás a falar” disse Kate.

Thomas aproximou-se, soltando o pulso dela.

“Podes fugir se quiseres” disse ele, “mas eu não te vou fazer mal.”

Kate não fugiu. Ela tinha a sensação de que o ferreiro tinha mais que queria dizer.

E ele fê-lo. “Eu não me importo com o que tu és capaz de fazer. No que me diz respeito, tu não és amaldiçoado, nem má, nem qualquer outra coisa que eles digam. Ouve... o meu filho Will partiu para uma das companhias.

Quer ser um grande soldado. Bem, eu tenho precisado de ajuda na forja desde então.”

Kate franziu a testa, tentando entender o que o ferreiro estava a dizer.

“Estás a oferecer-me um trabalho?”

Não tinha sido para isso que ela havia fugido da Casa dos Não Reclamados. Também não tinha sido isso que ela tinha querido quando tinha tentado sair da cidade. No entanto, ela tinha de admitir que havia algo atraente na perspetiva.

“Tu estás a fugir” disse Thomas. “Mas eu imagino que tu não tenhas propriamente um plano. Eles perseguem os do orfanato que fogem. Se eles te apanharem, eles vão te magoar, e depois vão te vender. Desta forma, tu ficas a trabalhar em algo que me parece que irias gostar. Tu ficas em segurança e eu recebo ajuda. Podes ter comida e abrigo, e aprender sobre o meu negócio.”

Ele olhou expectante para Kate. “O que dizes?”

Kate não tinha esperado isto quando ele a tinha apanhado. Ela não esperava nada além de violência, e provavelmente a corda do carrasco. Ela sentia como se tudo estivesse a acontecer demasiado rápido, deixando-a estonteada.

Ele estava certo. Ela ficaria segura assim, e ela estaria a aprender algo que ela queria saber como fazer. Ela não estaria no campo, mas talvez houvesse tempo para isso no futuro.

“Por onde começamos?” perguntou ela.

A oficina do ferrador era um espaço escuro enquanto entravam, e Kate sentiu uma certa preocupação ao sentir a mão de Thomas no seu ombro, guiando-a enquanto entravam. E se tudo isto fosse um tipo de truque? Para o quê, porém? Kate não podia imaginar o que ele poderia querer.

Ele queria algo. Todas as pessoas queriam *alguma coisa*.

Ela esperou enquanto ele acendeu uma lâmpada e depois se dirigiu para a forja, colocando carvão em algo que parecia muito mais cuidadoso do que apenas uma mistura aleatória.

“Observa cuidadosamente” disse ele. “Um dos teus trabalhos será ajudar a

acender a forja pela manhã, e há uma arte para fazê-lo bem.”

Kate observou a forma de o fazer, tentando entender.

“Porquê fazê-lo dessa maneira?” ela perguntou. “Porque não apenas atirar o carvão?”

Ela viu Thomas encolher os ombros. “O calor é a melhor ferramenta do ferreiro. Deve ser tratado com cuidado. Demasiado combustível, ou muito pouco, demasiado ar, ou muito pouco, tudo isso pode arruinar o ferro.”

Kate ficou surpreendida quando ele lhe entregou uma pederneira e aço, apontando para um lugar que ele tinha acendido.

“Começamos com madeira, depois construímos.”

Kate começou a trabalhar com a pederneira e o aço, fazendo faíscas até as chamas piscarem ao acender.

“Porque fugiste?” perguntou Thomas.

“Sabes como é o orfanato?” Kate ripostou. Era difícil manter uma voz severa ao pensar nisso.

“Eu não estava lá, portanto acho que não” disse o ferreiro. “Ouvi rumores.”

Rumores. Não eram o mesmo que a versão real. Nem de perto. Um rumor era algumas palavras, rapidamente esquecidas. A realidade tinha sido dor, violência e medo. Tinha sido um lugar onde todos os dias lhe tinham dito que ela era menos do que todos os outros, e que ela deveria estar agradecida apenas pela oportunidade de lhe o dizerem.

“Era assim tão mau?” perguntou Thomas, e foi só quando ele o disse que Kate imaginou o quanto o seu rosto o devia ter mostrado.

“Era assim tão mau” concordou Kate.

“Sim, há alguns lugares malévolos neste mundo” disse Thomas. “E muitas vezes não são onde os sacerdotes nos dizem que são.” Ele fez sinal na direção de um grande conjunto de foles. “Eu vou fazer-te trabalhar muito aqui, Kate, se quiseres ficar. Vamos ver se consegues atirar um pouco de ar para o fogo para que fique quente o suficiente.”

Kate foi até aos foles, esperando que eles se movessem facilmente. Em vez disso, era tão difícil quanto qualquer uma das manivelas das rodas de moagem do orfanato havia sido. A diferença era que, enquanto ela esticava os foles, podia vê-los a fazer a diferença. O fogo da forja cresceu, mudando de cor quando ela o alimentou com ar e carvão. Ela observou as chamas a mudarem de amarelo para laranja, para um calor branco que poderia mover aço.

Thomas pegou num pedaço de ferro, colocando-o dentro da forja.

“Continua Kate. O ferro só muda lentamente. Há coisas que não podemos apressar.”

Ele disse isso com a paciência de alguém que tinha trabalhado muito com metal. Kate continuava a trabalhar, ignorando o suor que se acumulava na sua pele. Ela deu por si a querer impressionar o ferreiro. Depois do que ele lhe tinha oferecido, ela queria mostrar-lhe que ela valia a pena. Era um sentimento estranho; no orfanato, ela não se teria importado. Talvez fosse só porque elas não se tinham importado com ela, exceto como uma mercadoria.

“Vês a tonalidade com que o ferro ficou?” perguntou Thomas. “Quando tirarmos o metal da forja, teremos que o trabalhar rapidamente. Quando ele começar a esmorecer temos de voltar a colocá-lo na forja.”

Kate entendeu, e correu para agarrar um par de pinças, alcançando o metal e agarrando-o depressa. Ela não queria perder um único instante na sua forja.

O movimento foi rápido demais, e Kate sentiu o momento em que o metal escorregou das suas mãos, caindo no chão de pedra da forja.

O metal roçou a perna de Kate ao cair, e ela gritou. O calor branco passou por ela, sendo o seu mais leve roçar pura agonia. Thomas chegou lá num instante, atirando uma tina de água para cima dela e do metal. Kate ouviu o metal a partir-se, mas naquele momento, não havia tempo para se importar.

Simplesmente doía demais.

“Fica quieta” disse Thomas, agarrando numa jarra de unguento pungente.

Provou ser suave e refrescante, entorpecendo a perna de Kate para que a agonia recuasse. De onde ela estava, Kate conseguia ver as rachas no lingote de ferro que ela tinha agarrado demasiado rápido.

“Desculpa” disse ela. Ela esperou que Thomas lhe batesse pela sua falta de jeito, como as freiras haveriam feito. Em vez disso, ele estendeu a mão, levantando-a.

“O principal é que não estás mais ferida” disse ele. “É uma queimadura má, mas vai curar-se.”

“Mas o ferro...” começou Kate.

Thomas acenou para lá. “Rachas de ferro. O importante é que aprendas a ser paciente. Não te podes tornar num mestre ferreiro em um dia, nem mesmo em uma centena. Não te podes precipitar em torno de uma forja. É um lugar para a paciência e calma, porque a alternativa é a pele queimada e o metal partido.”

“Vou fazer melhor” insistiu Kate.

Ele assentiu. “Eu sei que vais.”

CAPÍTULO TREZE

Sophia caminhava ao lado de Sebastian, entrando cada vez mais no palácio com ele. Ela tinha a sua mão na dele enquanto eles caminhavam, com os seus dedos delicados a entrelaçarem os dele, muito mais fortes. Ela nunca tinha pensado que um momento tão simples de contacto humano pudesse ser sentido de uma forma tão importante.

“Porque é que concordaste em dançar comigo?” perguntou Sophia.

Sebastian olhou para ela como se não entendesse. “Pareces surpreendida.”

“Não deveria estar?” disse ela com uma inclinação da cabeça. “Quero dizer, eu não sou ninguém, na verdade. E tu és... bem, *tu*.”

Isso provavelmente estava mais perto de toda a realidade do que até onde Sophia deveria ter ido, mas naquele momento era difícil evitar dizer mais do que ela queria dizer. Ela poderia ter ido ao baile com a intenção de fazer algo assim, mas a ideia de que ela poderia ter sucesso com alguém tão amável, tão bom e tão bonito quanto Sebastian era mais do que ela poderia ter esperado.

Ela é mais incrível do que todas as pessoas que já conheci, e está a questionar-se porque é que eu quis dançar com ela?

Sophia sorriu ao apanhar aquele pensamento, embora ela não dissesse nada sobre isso. Ela imaginava que nada fosse arruinar o estado de espírito tão depressa quanto deixar Sebastian saber o que ela realmente era.

“Estou só feliz por *tu* teres aceitado dançar *comigo*” disse Sebastian, como se ele não fosse um príncipe, nem bonito, nem tudo o que Sophia imaginava que qualquer pessoa pudesse querer. Será que ele realmente não sabia disso?

Não, Sophia conseguia perceber que ele não sabia e, isso só o fazia mais desejável.

Sophia tinha ido lá com a intenção de seduzir alguém, mas agora ela estava a começar a pensar que essas coisas funcionam nos dois sentidos.

Esse pensamento trazia consigo uma sensação de nervosismo que Sophia não esperava sentir, mesmo quando olhava para Sebastian, imaginando os músculos sob as suas roupas. Ela sentia-se um pouco culpada também, porque, naquele momento, ela não passava de uma mentira, e por causa de tudo o que ela tinha ido lá para fazer.

Parecia tão cínico agora, ir à corte para enganar algum homem rico e captar as suas atenções, ou encaminhar-se para as boas graças de algum amigo nobre.

Comparado com o que ela estava a sentir agora, tudo aquilo parecia ordinário e de mau gosto.

“Estás a pensar em quê?” perguntou Sebastian, estendendo a mão para cima para lhe tocar no rosto. Sophia teve um breve momento para refletir que deve ser estranho, viver a vida a ter de perguntar isso. Principalmente, ela pensava em quão perfeita a pele dele era contra a sua.

“Apenas que ainda não consigo bem acreditar que isso esteja a acontecer” disse Sophia. “Quero dizer... eu não tenho nada. Eu não *sou* nada.”

Ela viu Sebastian a abanar a cabeça. “Nunca digas isso. A guerra pode ter levado a tua casa, mas tu ainda... tu és incrível, Sophia. Eu vi-te na festa, e era como se tu fosses o sol entre ténues estrelas.”

“Não era o teu irmão que deveria ser o sol?” brincou Sophia, mas depois colocou uma mão no braço de Sebastian para detê-lo quando ele começou a responder. Em parte porque ela não queria ir para ali, e em parte porque ela conseguia sentir que Sebastian também não. “Não, não respondas. Eu não quero falar sobre o Príncipe Rupert. Eu prefiro ouvir falar de ti.”

Sebastian, na verdade, riu-se então. “Normalmente, é ao contrário. O número de vezes que eu tive mulheres a virem ter comigo só porque queriam aproximar-se do meu irmão, tu irias pensar que eu era o seu proxeneta ou o seu alcoviteiro”

Sophia sentiu ali uma ponta de amargura. Ela imaginava que seria difícil ser o irmão a quem ninguém prestava atenção. Eles continuaram a caminhar por corredores forrados com painéis de madeira e troféus de caça, cada nicho pendurado com tapeçarias e pinturas que faziam Sophia querer parar e observar a grande qualidade do trabalho envolvido.

“Eu acho difícil acreditar que as mulheres te ignorassem” disse Sophia.

“São cegas?”

Era demais, mas naquele momento, ela não conseguiu evitar.

“Há algumas” admitiu Sebastian. “Elas aglomeram-se às vezes, e eu consigo vê-las a planear quem dará o próximo passo.”

“Milady d’Angelica?” perguntou Sophia.

Isso provocou um sorriso. “Entre outras.”

Naquele momento, Sophia não conseguiu evitar. “Ela é muito bonita. E disseram-me que ela tem um excelente gosto para vestidos.”

Isso valeu-lhe um pequeno olhar de perplexidade, mas que desapareceu rapidamente.

“Eu acho que estou à procura de mais do que isso” disse Sebastian. “E ... bem, eu tenho a sensação de que elas estão à espera de me apanharem num casamento. Eu quero ser mais para alguém do que apenas um objeto num jogo.”

A culpa de antes atingiu Sophia novamente, pois, à sua maneira, ela era tão má quanto as outras. Bem, talvez não tão má quanto uma miúda que planeava drogar Sebastian e tirar proveito disso, mas ainda assim ela estava a ser tudo menos honesta com ele.

“Eu queria poder dizer que as minhas intenções eram inteiramente puras” disse Sophia. Ela não deveria estar a avisar o príncipe, mas naquele momento ela sentiu como se o devesse fazer. Ela conseguia ver que tipo de homem ele era. Precisamente o tipo de honestidade e gentileza que o tornavam tão atraente para ela significavam que Sophia sentia que não deveria estar a fazer isso. “Eu queria que isto fosse *apenas* porque eu gostava de ti.”

“Mas gostas de mim?” perguntou Sebastian.

Não havia mais ninguém ali, e, então, Sophia fez o que queria fazer desde o salão de baile, e beijou-o.

Era uma experiência estranha. A única vez que isso tinha acontecido no orfanato foi quando um rapaz mais velho empurrou Sophia contra uma parede, forçando a sua boca contra a dela até que uma das freiras acabou com aquilo. Sophia tinha sido espancada por isso, como se tivesse tido alguma escolha naquilo tudo. Isso foi difícil, breve e desagradável.

Este beijo não era nada disso. Sebastian, ela constatou, beijava gentilmente, e a sua boca encontrou-se com a de Sophia no que parecia ser uma união perfeita de duas metades num todo. Sophia podia sentir a preocupação nele, não querendo afastá-la, e querendo mesmo beijá-la mais profundamente. Ela envolveu os seus braços ao redor dele, encorajando-o, e, por um momento ou dois, Sophia deixou-se levar por isso.

“Espero que isto responda à tua pergunta” disse Sophia. “É só que...”

“Que tu és uma sem-abrigo que *precisa* de fazer o que uma miúda nobre precisa para sobreviver?” sugeriu Sebastian. “Eu entendo, Sophia. Vamos encará-lo, a maioria das miúdas lá não teriam sido, nem metade, tão sinceras.”

Provavelmente não, Sophia supunha, mas naquele momento, ela não queria que Sebastian pensasse nas outras miúdas que tinham estado no salão de

baile.

“Estamos bem?” perguntou ela. Ela não pensou que seria tão difícil para si seduzir alguém. Talvez ela devesse ter ido com outra pessoa. Alguém com quem ela poderia ter feito isso sem se sentir culpada.

A verdade era que Sophia não queria mais ninguém.

“Eu acho que estamos mais do que bem” disse Sebastian, oferecendo-lhe o seu braço.

Sophia aceitou-o, saboreando a sensação de estar tão perto dele. Só por estar ali o seu coração batia um pouco mais rápido, e ela deu por si a perder metade das coisas bonitas pelas quais eles passavam no palácio, simplesmente porque passava o tempo a olhar para Sebastian.

O palácio era impressionante, no entanto. Parecia não acabar, repleto de mármore e ouro que devia ter custado uma fortuna para construir.

“Deve ter sido incrível, crescer num lugar como este” disse Sophia, pensando em como tudo era tão diferente do orfanato. Aqui havia a coisa mais preciosa de todas: espaço. Espaço sem pessoas a gritar ou a darem-lhe ordens. Espaço sem uma centena de outras miúdas, todas forçadas a se odiarem porque tinham que competir por cada pedaço de gentileza e comida.

“É um edifício impressionante” disse Sebastian, “mas, honestamente, não foi nesse que eu passei mais tempo quando era criança. A minha mãe mandou educar-me numa das propriedades mais pequenas que possuímos, porque havia momentos em que a cidade parecia demasiado perigosa.”

Sophia não tinha pensado nisso. Claro que a viúva teria uma dúzia de castelos e casas espalhadas pelo reino.

“Foste só tu?” perguntou Sophia. “Não foste tu e o teu irmão, ou tu com a tua mãe?” Ela apanhou um pouco de tristeza nos pensamentos de Sebastian, então, e estendeu a mão para fazer uma festa no maxilar dele com os seus dedos. “Desculpa, eu não queria estragar o clima.”

“Não, está tudo bem” respondeu Sebastian. “É realmente bom ter alguém que queira saber. Mas não, eu estava a maior parte do tempo separado de Rupert e da Mãe. A ideia era que não estívéssemos todos no mesmo lugar, quando muito acontecesse.”

Em outras palavras, para que um deles pudesse sobreviver se houvesse um ataque ou um incêndio, uma praga ou algum outro desastre. Sophia podia entender isso de certa forma, mas mesmo assim, parecia uma maneira dura de viver. Kate tinha sido a única a dar-lhe a força para continuar quando eram mais jovens.

“Bem, estou feliz que você esteja aqui agora”, disse Sophia.

“Então eu sou”, assegurou Sebastian.

Eles abriram caminho para um conjunto de quartos fechados do resto do palácio por uma sólida porta de carvalho. Sophia estava esperando um quarto além, mas, em vez disso, era como uma casa inteira abarrotada no espaço.

Havia uma sala de recepção com divãs antigos, mas confortáveis, e tapetes, e havia portas que iam dar ao espaço que Sophia supunha que fosse até aos quartos ou vestiários.

Sebastian segurou-a à distância de um braço. “Sophia, há um segundo quarto aqui se quiseres. Eu... eu não quero que sintas que tens de fazer qualquer coisa, apenas para obter a minha ajuda.”

Tal era uma das coisas mais gentis que alguém tinha feito por Sophia. Ela tinha assumido que todos queriam algo. Ela tinha assumido que, mesmo para os nobres, a segurança era uma espécie de transação. No entanto, aqui estava o príncipe, a dar-lhe uma oportunidade para obter tudo o que ela queria sem ter sequer que se aproximar da cama dele.

“Tu és um bom homem, Sebastian” disse ela, agarrando nas mãos dele.

“Um homem gentil.”

Ela beijou as mãos dele, e depois puxou-o para mais perto.

“E é por isso que eu *não* quero simplesmente dormir no quarto ao lado.”

Eles beijaram-se novamente naquele momento, e houve muito mais paixão nesta tentativa do que tinha havido na anterior. Talvez parte disso fosse porque Sophia tinha muito mais confiança uma vez que sabia o que fazer agora. Talvez parte disso fosse porque Sebastian não se sentia como se tivesse de se conter.

Eles agarraram-se um ao outro, beijando-se enquanto as suas mãos começaram a explorar-se mutuamente. Sophia sentiu um momento de nervosismo naquele momento, e Sebastian olhou para ela.

“Estás bem?” perguntou ele.

Ela assentiu. “É só que... eu não...”

“Eu entendo” disse Sebastian. “Mas não precisas de ter medo de mim.”

Sophia beijou-o novamente. “Não tenho.”

De alguma forma, entre eles, eles atravessaram o chão da sala de recepção sem se soltarem. Sophia atrapalhou-se com o corpete do seu vestido, e, depois, suspirou quando Sebastian começou a desatá-lo por ela.

Ele abriu a porta para um dos quartos, e Sophia viu uma cama de dossel com seda azul antes de Sebastian a levantar, deitando-a lá com tanta suavidade quanto uma pena.

“Sim?” perguntou ele.

Sophia sorriu para ele. “Sim, Sebastian. Muito mesmo.”

Depois, Sophia ficou deitada no escuro, enrolada contra Sebastian e a ouvir a sua respiração enquanto ele dormia. Ela conseguia sentir a pressão dos seus músculos contra as suas costas, e o movimento quando ele se movia durante o seu sono fazia com que ela quisesse acordá-lo e começar de novo tudo o que já tinham acabado.

No entanto, ela não o fez, apesar de tudo o que tinha acontecido antes ter sido mais bonito, mais deleitante, simplesmente... mais do que ela poderia ter imaginado. Ela queria aproveitar tudo o que conseguisse agora, mas a verdade era que Sophia esperava que houvesse tempo suficiente para não ter de o fazer. Ela esperava que houvesse mais uma dúzia de noites como esta, uma centena.

Uma vida inteira.

Ela sentiu o peso do braço dele cobri-la enquanto ele dormia, e naquele momento, Sophia sentiu como se tivesse tudo o que poderia ter desejado.

CAPÍTULO CATORZE

Amanheceu, e Kate não tinha a certeza de alguma vez ter trabalhado tanto na sua vida. Não em nenhuma das rodas ou tarefas do orfanato, certamente não desde então. A parte mais estranha era que ela estava mais feliz do que nunca. Feliz em fazer este trabalho, a bater metal e a trabalhar foles.

Thomas ser um professor paciente ajudava. Nas mesmas situações em que lhe teriam batido no orfanato, ele corrigia Kate, mostrando-lhe a melhor maneira de fazer as coisas e lembrando-a do que ela se esquecia.

“Precisamos de extrair mais o metal” disse ele. “Com uma lâmina de foice, precisa de ser fino e afiado. Precisa de ser fatiado, e não de impacto.”

Kate acenou com a cabeça, ajudando a segurar o lingote no lugar enquanto ele lhe batia e depois bombeava o fole para pôr as chamas na temperatura correta. Havia tanto para aprender em torno da forja, tantas pequenas subtilezas que iam além de simplesmente aquecer metal e bater nele. Já hoje, ela tinha aprendido sobre a arte de soldar metal juntos na forja, sobre a escala que se formava trabalhando demasiado o ferro e sobre avaliar a diferença entre o ferro bom e o mau.

“Eu quero cobrir a metade traseira da lâmina com argila quando nós a fortalecemos”, disse Thomas, “porque ...?”

“Porque isso significará que ele esfria mais devagar do que a borda?”

supôs Kate.

“Muito bem” disse Thomas. “Isso significará que a borda é mais dura, enquanto o resto é menos frágil. Estás a ir bem, Kate.”

Kate não tinha a certeza de alguma vez ter tido alguém a encorajá-la antes.

Na sua vida até à data, só havia castigos sempre que ela fazia algo de errado.

Algumas lições eram mais fáceis do que outras. Trabalhar em metal exigia paciência que Kate não havia acumulado. Ela sempre queria fazer a próxima coisa, quando, às vezes, a única coisa a fazer era esperar enquanto o metal aquecia ou esfriava.

“Há coisas que não podes apressar” disse Thomas. “Tens tempo, Kate.

Saboreia a tua vida, não desperdices os momentos.”

Kate fazia o melhor que conseguia, mas mesmo assim, não era fácil.

Agora que ela tinha encontrado algo que gostava de fazer, ela não queria desperdiçar um único momento. Porém, *havia* muitos momentos desperdiçados, a maioria passados a procurar na forja ou na oficina nas proximidades por coisas que eles precisavam. Apesar dos talentos óbvios de Thomas como ferreiro, a organização claramente não era um deles.

“Eu vou buscar almoço para nós” disse Thomas. “Winifred tem estado a fazer pão. Não tentes forjar nada sozinha enquanto eu não estiver aqui.”

Ele saiu para a casa, e Kate ficou irritada sob o peso das instruções dele.

Se ele não lhe tivesse dito para não o fazer, ela provavelmente *teria* saltado e começado a trabalhar numa faca ou numa seção de ferro forjado.

Provavelmente numa faca, porque Kate conseguia ver a utilidade disso de uma maneira que não conseguia num suporte decorativo ou numa barra de portão.

No entanto, ela não conseguia ficar parada, não conseguia simplesmente descansar, apesar do calor e da proximidade da forja. Na ausência de algo melhor para fazer, Kate começou a reorganizar as coisas. As tenazes não faziam sentido num emaranhado aleatório dos trabalhos em ferro, pelo que Kate pendurou-as num gancho. As secções de metal não faziam sentido numa pilha irregular que não fazia distinção entre latão e ferro, aço duro e suave.

Kate começou a separá-las, organizando-as em pilhas arrumadas. Ela colocou as ferramentas em lugares que pareciam fazer sentido, com base nos lugares onde provavelmente Thomas iria precisar delas. Da forja, ela foi até à oficina, com os seus barris e as suas pilhas, colocando tudo no lugar, tentando trazer

algum tipo de ordem a todo aquele caos.

Demorou algum tempo, mas Kate conseguia ver como fazê-lo. Ela deu por si a deslocar-se pela oficina e pela forja, apanhando as coisas à medida que precisava delas. Então ela simplesmente colocava as coisas onde elas precisavam de estar para que resultasse. Ela varreu o chão, varrendo os fragmentos de metal que haviam caído lá e a areia que se tinha derramado ao fundir o latão e o bronze.

“Parece que estiveste ocupada” disse Thomas quando voltou.

Naquele momento, o medo entrou no coração de Kate. E se ela tivesse feito algo errado? E se ele a punisse por isso? E se ele lhe dissesse para sair, e Kate se visse de novo a ter de se desenvencilhar nas ruas de Ashton? Ela não tinha a certeza de conseguir voltar para isso, tão pouco tempo depois de ter encontrado um lugar onde estava em segurança.

“Não estás zangado, pois não?” perguntou Kate.

“Zangado?” disse Thomas com uma gargalhada. “Há anos que eu ando para organizar este lugar. Winifred está sempre a dizer-me para o fazer, mas com tudo o que há para fazer... bem, nunca o consegui fazer. Parece que fizeste um bom trabalho.”

Thomas entregou-lhe meio pão naquele momento, recheado com queijo e presunto. Era mais comida do que costumavam dar a Kate no orfanato, e certamente mais do que conseguira roubar para si mesma nas ruas. Ela queria pensar que tinha havido um tempo enquanto criança em que ela tinha sido bem alimentada e cuidada, mas a verdade era que Kate não se conseguia lembrar disso. Era difícil acreditar que aquilo era tudo para ela.

Mesmo assim, Kate comeu, porque não ia deixar que a comida fosse para o lixo. Especialmente porque ela estava a morrer de fome depois de trabalhar na forja durante tanto tempo. Ela devorou o pão a uma velocidade que fez Thomas levantar uma sobrancelha.

“Eu não tinha percebido que estavas com fome, ou teríamos parado mais cedo.”

Kate limpou a boca, percebeu que provavelmente não parecia muito civilizada naquele momento, e não se importou. Era algo com que a sua irmã se poderia ter preocupado, mas não era algo para ela se preocupar.

Ela olhou ao redor, desejando que Sophia tivesse encontrado algo tão bom quanto isto para si mesma. Kate não tinha certeza se isto duraria para sempre, porque, naquele momento, ela não conseguia imaginar nada que durasse para sempre, mas, se isto acontecesse, não se importaria. Isto era o mais próximo

da perfeição que ela poderia ter desejado.

Quando terminou de almoçar, parecia que Thomas tinha mais lições para ela.

“Tu queres saber mais de armas do que do resto, não é?” perguntou ele.

Kate assentiu.

“Antes de as poderes forjar, precisas de saber as diferenças entre elas.

Vem comigo.”

Ele foi à frente para a oficina, e entraram lá dentro. Graças à reorganização dela, ele não demorou muito para encontrar o que estava à procura. Kate estava efetivamente um pouco orgulhosa daquilo.

“Não há apenas espadas, punhais e machados” disse ele, erguendo esboços de lâminas e algumas lâminas de madeira que obviamente serviam como modelos. “Um espadim não é um sabre. Um coletor de lâminas improvisado não é um estilete. Precisas de aprender as diferenças no seu equilíbrio e peso, a maneira como eles devem ser usados e os lugares onde eles devem ser fortes.”

“Eu quero aprender tudo isso” Kate assegurou. Ela não queria nada além disso.

Thomas assentiu. “Eu sei. É por isso que quero que passes o resto do dia a experimentar lâminas e a esculpir uma que aches que seja melhor para ti.

Quando fizeres isso, vamos ver o que fizeste bem e o que ainda precisas de trabalhar.”

“Porquê esculpi-la?” perguntou Kate. “Porque não apenas forjá-la?”

Thomas olhou para ela com expectativa. “Tu já sabes a resposta para isso, Kate.”

“Porque a madeira move-se mais facilmente do que o aço” disse Kate.

“Exatamente.” Ele entregou-lhe uma faca entalhadeira. “Agora, mãos-à-obra, e vamos ver como te saís. Se ficar suficiente bom, até te vou deixar forjá-la.”

Essa perspetiva entusiasmou Kate mais do que qualquer coisa. Ela faria um bom trabalho com isso. Ela não se conseguia lembrar do seu pai, mas naquele momento, Thomas quase lhe parecia como se fosse um pai para si.

Ela iria fazer com que ele se orgulhasse de si.

Kate passou o resto do dia a aprender que a madeira não se movia tão facilmente quanto ela tinha pensado. Certamente, não se movia da mesma maneira que o aço, e as habilidades que ela tinha aprendido com Thomas não eram de grande utilidade quando se tratava de esculpir a sua arma de madeira.

A madeira não fluía como a água quando era aquecida. A madeira não dobrava da mesma maneira. Não se esticava em novas formas. Apenas se conseguia fatiá-la, tirando mais material para ver o que restava. Era preciso habituar-se a isso, e Kate pensava em cada golpe da faca enquanto procurava construir uma arma perfeita para si.

No canto do quintal, o seu cavalo roubado relinchou. Para Kate, ele parecia estar contente.

“Para ti é fácil” disse ela. “Nunca ninguém te fez fazer uma espada.”

Precisava de ser delgada e leve, é claro, porque ela não era tão grande ou tão forte quanto um rapaz. Mas ainda precisava de ser forte no punho, para que Kate pudesse esquivar-se sem que ele se partisse. A espada precisaria de um punho que protegesse a mão dela, mas que teria ao mesmo tempo teria de ser leve o suficiente para manter o equilíbrio correto. Não poderia ser muito curta, porque Kate não queria lutar contra adversários mais altos com a desvantagem adicional de uma lâmina mais curta do que a deles.

Ela refletia e considerava, moldando e remodelando, até finalmente ter uma lâmina que achava que poderia ser suficientemente boa. A lâmina parecia-lhe mais um espadim do que outro tipo de lâmina, mas apenas com curvas mais delicadas que iriam permitir golpear efetivamente. Era o tipo de arma que poderia ter resultado se um sabre tivesse sido projetado para combater em duelos, em vez de para piratear a cavalo.

Kate ergueu-a, com a sua mão a agarrá-la perfeitamente agora, moldada perfeitamente para os seus dedos. O peso da espada era exatamente o que ela esperava que fosse, leve o suficiente para que fluísse tão facilmente quanto a respiração enquanto ela cortava com ela pelo ar.

Ela tentou imaginar inimigos à sua frente, e atirava-se a eles, praticando ataques e golpes, fugas e toques. Na sua mente, ela lutava contra os rapazes do orfanato e inimigos de uma dúzia de terras. Ela recuava e saltava para trás, protegendo-se de golpes imaginários.

Kate podia sentir a necessidade de vingança a elevar-se em si naquele momento. Ela imaginou todas as pessoas que queria atacar com aquela espada, desde os rapazes que a tinham atacado a todas as freiras mascaradas que a tinham mantido, a ela e aos outros, prisioneiros virtuais. Dada a oportunidade, ela iria atacá-los a todos, um por um.

No meio de tudo aquilo, ela deu por si a sonhar acordada sobre um tempo diferente. Sobre a sua irmã a levantá-la e a atravessar a correr uma casa onde havia inimigos que ela não tinha entendido. Kate vislumbrou chamadas...

Ela desequilibrou-se, tropeçando nas ervas do pequeno quintal da forja.

“Estás bem?” gritou uma voz, e Kate levantou-se, envergonhada, olhando ao redor com hostilidade só de pensar que alguém poderia tê-la visto a cair.

Quase que por instinto, a sua espada de madeira elevou-se, dirigindo-se ao recém-chegado.

“Estou bastante contente por não ser uma lâmina real” disse ele.

Ele era mais alto do que Kate, com os cabelos loiros cortados num estilo que sugeria que fosse para que se mantivessem afastados do seu caminho. Ele não poderia ser muito mais velho do que Kate, com o seu corpo apenas a começar a preencher o músculo que ele teria quando fosse mais velho. Por enquanto, ele era delgado, com um aspeto rijo que Kate gostava.

Ele estava vestido com o uniforme de uma das companhias mercenárias, com um sobretudo cinza que, obviamente, tinha sido remendado após uma luta. Kate não tinha a certeza de estar preocupada com isso ou não.

Ela não tinha de todo a certeza do que sentir sobre ele, porque, naquele momento, o seu coração parecia estar a tentar sentir uma dúzia de coisas diferentes ao mesmo tempo. Para o que tinha de ser a primeira vez na sua vida, Kate sentiu-se nervosa ao pé de um rapaz.

“Tu não *pareces* estar aqui para roubar o meu pai” disse o rapaz.

“E não estou” disse Kate. “Isso é... quero dizer... eu sou Kate.”

O que havia de errado com ela? Isto estava mais perto da maneira como Kate esperava que a sua irmã reagisse ao pé de um rapaz bonito. E apenas considerando que ela estava a pensar que este rapaz era bonito dizia tudo sobre o que Kate não tinha a certeza de estar preparada para pensar.

As freiras na Casa dos Não Reclamados nem sequer tentavam ensinar coisas sobre o amor, casamento ou qualquer coisa que tivesse a ver com isso.

A suposição tinha sido que se as miúdas acabassem lá com um homem, seria porque elas haviam sido compradas para isso, e nada mais.

“Eu sou Will” disse ele, estendendo-lhe a mão. Kate conseguiu, por pouco, não deixar cair a sua espada de madeira enquanto lhe estendeu a mão também.

“Eu pensei que te tinhas juntado a uma das companhias mercenárias” disse

Kate. “Quero dizer, obviamente que te juntaste. Estás a usar um uniforme.”

Como é que ela se tinha tornado em algo tão tolo? Kate não sabia, e ela não gostava disso. Ela podia ver os pensamentos desse rapaz, e eles não estavam a ajudar.

Eu gosto dela. Ela é um pouco... irritadiça.

“Alistei-me” disse Will, “mas estamos de volta para treinar e procurar mais recrutas. As guerras sobre a água estão a ficar mais violentas. Prazer em conhecer-te, Kate. Estás a ajudar o meu pai?”

Ela assentiu. “Ele deixa-me ficar aqui enquanto eu ajudo com a forja.

Estou a aprender com ele.”

Ela viu Will sorrir ao ouvir aquilo.

“É bom saber isso” disse ele. “Eu estava preocupado quando me juntei. Eu pensei que ele não seria capaz de fazer tudo. Tenho de entrar agora, mas... fico feliz por estares aqui, Kate.”

“Estou feliz por estares aqui também” disse Kate, e depois amaldiçoou-se por dizê-lo. Quem dizia as coisas assim? Felizmente, Will já estava a dirigir-se para casa. Kate observou-o, tentando não admitir para si mesma o quanto ela gostava de fazer isso, ou o que sentia por ele naquele momento.

Ela gostava dele.

CAPÍTULO QUINZE

A julgar pela luz, era mais tarde do que Sophia pretendia quando ela acordou, e ela demorou algum tempo a lembrar-se que não estava nas ruas, nem nas camas difíceis da Casa dos Não Reclamados.

Ver Sebastian ao seu lado lembrou-lhe exatamente onde ela estava, e por um momento ela ficou tensa com a escala do engano com que se havia comprometido na noite passada. Se ela tivesse algum bom senso, ela se afastaria e não voltaria.

O problema era que ela não queria. Naquele momento, Sophia sentiu-se melhor do que em qualquer momento da sua vida. A noite anterior tinha sido tudo o que ela poderia ter esperado, e mais. Tinha sido doce, tinha sido apaixonada. Tinha sido efetuosa, e essa parte pelo menos tinha causado a Sophia mais que uma pequena surpresa.

Por instinto, ela estendeu a mão para fazer uma festa na cara de Sebastian com os dedos, apenas por gostar da sensação de lhe poder tocar. Sophia sentiu como se ela tivesse conhecido cada centímetro da pele dele na noite anterior,

mas mesmo assim, ela queria tocá-lo novamente naquele momento.

Ela queria ter certeza de que ele era real. Isso foi o suficiente para que Sebastian abrisse os olhos, e sorrisse para si.

“Então não foi tudo um lindo sonho” murmurou ele.

Sophia beijou-o por isso. Bem, por isso e porque ela queria. Ela queria fazer muito mais do que isso, mas Sebastian afastou-se.

“Eu...” Mesmo a tempo, ela lembrou-se do sotaque que era suposto ser dela agora. “Fiz algo de errado?” perguntou Sophia.

“Não, definitivamente não” assegurou-lhe Sebastian, e, naquele momento, Sophia sentiu os pensamentos dele enquanto ele olhava para ela. Ela esperava desejo, mas, em vez disso, havia mais do que isso. Ela conseguia sentir amor.

“Eu só preciso de ver as horas.”

Sophia viu-o olhar para um relógio no canto do quarto, com as suas mãos a deixarem claro o quanto eles tinham dormido.

“Meu Deus”, disse Sebastian, “já são estas horas?”

Os servos não me acordaram. Obviamente, eles adivinharam o que estava a acontecer.

Sophia pegou aquele pensamento desgarrado, e estendeu a mão para tocar no braço dele. “Espero não ter tornado as coisas difíceis para ti? Espero que não... te arrependas da noite passada?”

Sebastian abanou a cabeça. “Definitivamente não. Nem te atrevas a pensar isso. É só que eu deveria estar no Ridings hoje, inspecionando algumas das milícias locais. Eu queria não ter de o fazer, mas...”

“Mas tem deveres a cumprir” disse Sophia. Ela sabia, da noite passada, quanto os deveres faziam parte da vida de Sebastian. “Não faz mal, Sebastian. Eu entendo que tu precisas de ir.”

“Eu odeio fazer estas coisas” disse Sebastian. “Se não é preparar para a guerra, é para a caça. Eu continuo à espera que Rupert o faça, mas a nossa mãe insiste.”

Ele beijou-a novamente antes de se vestir, e Sophia gostava de o ver a fazê-lo. Ela nunca pensou estar assim, simplesmente a desfrutar de todos os pequenos movimentos feitos por alguém, tudo sobre eles. Ele vestiu-se de forma simples hoje, com uma túnica escura e calções trabalhados com bordados de prata, sobre uma camisa de linho pálido. As fivelas de prata no seu cinto e os sapatos brilhavam imenso por causa disso. Assim como os olhos dele.

Estava muito longe do que ele usara no baile, mas ainda assim...

“Oh” disse Sophia, mordendo o lábio. “Acabei de me aperceber que tudo o que *eu* tenho para vestir é o meu vestido de baile.”

Sebastian sorriu ao ouvir isso. “Eu pensei sobre isso. Não é muito, mas...”

Ele levantou um vestido de uma pilha de roupas. Não tinha o brilho do vestido de baile que Sophia tinha roubado, mas ainda assim era mais bonito do que qualquer coisa que ela alguma vez tivesse tido. Era um verde profundo e suave que parecia o tapete de musgo do chão da floresta, e parte de Sophia queria saltar da cama para experimentá-lo, independentemente de Sebastian ainda lá estar.

Ela mal se deteve a tempo ao lembrar-se da marca na sua barriga da perna que proclamava o que ela era para o mundo. Talvez a maquiagem da noite anterior tivesse aguentado, mas Sophia não podia correr o risco.

“Não faz mal” disse Sebastian. “É normal ficar mais envergonhada à luz do dia. Podes experimentá-lo quando eu sair.”

“É encantador, Sebastian” respondeu Sophia. “Muito mais encantador do que eu mereço.”

Não é um décimo tão encantadora quanto ela. Meu Deus, o amor é isto?

“Tu mereces muito mais” disse-lhe Sebastian. Ele aproximou-se para roubar um último beijo a Sophia. “Fica à vontade para ires onde quiseres no palácio. Os servos não te vão incomodar. Promete-me apenas que ainda estarás aqui quando eu voltar?”

“Com medo que eu me transforme em névoa e flutue para longe?”

perguntou Sophia.

“Eles dizem que, antigamente, havia mulheres que se revelavam ser espíritos ou ilusões” disse Sebastian. “Tu és tão bonita que eu quase poderia acreditar nisso.”

Sophia observou-o a ir, desejando o tempo todo que ele não o tivesse de fazer. Ela levantou-se, lavou-se com uma jarra de água e vestiu-se com o vestido que Sebastian tinha trazido para ela. Havia chinelos macios e castanhos que acompanhavam, e uma leve rede para o cabelo que passava por cima dos seus cabelos e brilhava ao sol.

Sophia entrou em tudo, e então começou a indagar-se sobre o que mais era suposto ela fazer. Nas ruas, ela teria saído e começado a procurar algo para comer. No orfanato, eles teriam tido tarefas para ela executar neste momento.

Ela saiu para os quartos exteriores da suite de Sebastian primeiro, vendo os locais onde as roupas dela haviam caído ontem à noite. Sophia arrumou-as, não querendo arriscar-se a perder as poucas coisas de valor que ela tinha.

Ela descobriu que um servo tinha deixado salsicha, queijo e pão nas câmaras externas, e então ela demorou alguns minutos para tomar o pequeno-almoço.

Depois disso, ela olhou para o resto do conjunto de quartos, assimilando uma coleção de cascas de ovos preservadas que provavelmente tinham vindo do outro lado do mar e um mapa pintado do reino que parecia ter sido pintado antes das guerras civis, porque ainda mostrava algumas das cidades livres enquanto espaços independentes.

Porém, havia tanto tempo para que Sophia ficasse apenas num só lugar. A verdade era que ela não queria ficar sozinha, à espera que Sebastian voltasse.

Ela queria ver o que conseguisse do palácio e realmente experimentar a vida onde, de alguma forma, ela se tinha incluído.

Ela saiu dos aposentos de Sebastian dentro do palácio, meio à espera que alguém se apressasse para si no momento em que ela o fez para lhe dizer para sair ou voltar para os quartos de Sebastian. Nenhuma das coisas aconteceu, e Sophia deu por si a conseguir vaguear facilmente pelo palácio.

Ela usou o seu talento para se manter afastada das pessoas, porém, não querendo arriscar ser apanhada a fazer a coisa errada, ou a que alguém lhe dissesse que ela não pertencia ali. Ela evitou os espaços que tinham mais pensamentos, limitando-se aos quartos e corredores vazios que pareciam se estender por milhas no tipo de emaranhados que só poderiam resultar de centenas de anos de construção e reconstrução.

Sophia tinha de admitir, era lindo ali. Não parecia haver uma parede sem pinturas ou um mural, um nicho sem uma estátua ou sem um vaso decorado cheio de flores. Todas as janelas tinham painéis de chumbo, geralmente com vitrais enviando diferentes cores de luz que se espalhavam pelos pisos de mármore, como se as pinturas de um artista tivessem sido derrubadas ali.

Lá fora, Sophia conseguia ver jardins de uma beleza deslumbrante, com a flora selvagem domesticada em fileiras formais de ervas e flores, árvores baixas e arbustos. Ela conseguia ver um labirinto formal lá fora, com os arbustos mais altos do que si. Ela começou a caminhar com mais propósito então, decidindo que seria agradável poder sair e aproveitar os jardins.

A única coisa que a impediu foi a visão de portas duplas com um sinal acima deles, proclamando a presença de uma biblioteca.

Sophia nunca tinha estado numa biblioteca. As freiras da Deusa Mascarada

alegavam que tinham uma, lá no orfanato, mas os únicos livros com os quais Sophia as havia visto eram o *Livro das Máscaras*, os livros de orações, os folhetos impressos a seu pedido e alguns trabalhos breves sobre os assuntos que elas alegavam ensinar. De alguma forma, Sophia suspeitava que esta biblioteca seria muito diferente.

Ela empurrou as portas com mais esperança do que expectativa, suspeitando que isso seria algo tão precioso que o trancariam, nunca lhe permitindo um acesso próximo.

Em vez disso, as portas de carvalho abriram-se com uma graça bem oleada, deixando-a numa sala que era tudo o que ela poderia ter imaginado e muito mais. Tinha dois andares, com uma camada de prateleiras cobertas por um nível em mezanino que continha ainda mais.

Todas as prateleiras continham livros, uns após os outros, encadernados em couro de todas as formas e tamanhos, amontoados de tal forma que Sophia mal conseguia acreditar que pudessem existir tantos num só lugar.

Uma grande mesa estava no coração da sala, enquanto os recantos tinham cadeiras que pareciam tão confortáveis que Sofia ficaria encolhida e dormiria em qualquer uma delas se ela não estivesse tão excitada naquele momento.

Em vez de fazer isso, ela foi ao redor da sala, retirando livros aleatoriamente e verificando os seus conteúdos. Ela encontrou livros sobre tudo, desde botânica até arquitetura, história até à geografia de terras distantes. Havia até livros que continham contos que pareciam ter sido inteiramente inventados apenas para entretenimento, como peças, mas

escritas. Sophia tinha o vago pressentimento de que as freiras mascaradas não teriam aprovado isso.

Essa foi provavelmente a principal razão pela qual ela escolheu um deles, instalando-se numa das cadeiras e lendo um conto de dois cavaleiros que estavam presos a lutar um contra o outro até que uma amante há muito falecida voltou do túmulo para lhes dizer qual mais amava. Sophia encontrou-se absorvida nas palavras, tentando dar sentido a todos os lugares dos quais falava, e apanhada na ideia de que alguém poderia conjurar outro mundo com nada para além de papel e tinta.

Talvez ela tenha ficado um pouco demasiado absorvida por isso, porque ela só apanhou os pensamentos do grupo de miúdas que se aproximavam tarde demais. Quando esses pensamentos lhe disseram exatamente *quem* se estava a aproximar, Sophia encolheu-se na cadeira, esperando que o livro que ela segurava servisse como um escudo suficiente para que ela não fosse notada.

“Estou a dizer-vos” disse Milady d’Angelica a uma das suas amigas,

“alguém me drogou na noite passada.”

“Isso parece terrível” disse-lhe outra, enquanto o tempo todo os pensamentos dela diziam a Sophia que ela estava a gostar da situação difícil da outra miúda.

“Quem poderia ter feito isso?” perguntou uma terceira, embora os *seus* pensamentos dissessem que ela sabia exatamente o que a sua amiga tinha pretendido com o príncipe, e ela assumiu que era apenas um erro.

“Eu não sei” disse Angelica, “mas eu sei que... *tu*. O que estás a fazer aqui?”

Sophia percebeu que a outra miúda estava a falar com ela, e então levantou-se, colocando o livro para o lado com cuidado.

“Havia algo que me querias dizer?” perguntou Sophia, demorando um pouco a olhar para as outras miúdas. Hoje, Angélica ainda estava linda, com uma roupa de equitação que dizia que talvez ela estivesse determinada a alcançar Sebastian se ela também não parecesse um pouco verde com os efeitos secundários do seu veneno. Das suas duas companheiras, uma era mais baixa e gordinha, com cabelo castanho médio, enquanto a outra tinha quase cabelo preto a cair-lhe pela cintura e era mais alta do que Sophia.

“Porque é que eu haveria de ter algo para *te* dizer?” A outra miúda ripostou, mas ela continuou mesmo assim. “Tu ficaste com algo na noite passada, que deveria ter sido meu. Sabes quem eu sou?”

“Lady d’Angelica” respondeu Sophia prontamente. “Desculpa, mas não sei o teu primeiro nome. Ainda assim, ouvi dizer que os teus amigos te chamam Angélica de qualquer maneira, portanto devemos manter-nos assim?”

Provavelmente era um tom tolo para utilizar com ela, mas Sophia tinha visto como essa miúda era com qualquer um que ela considerasse menos importante. Sophia não se podia dar ao luxo de recuar, porque isso a deixaria parecendo fraca o suficiente para atacar. O orfanato tinha-lhe ensinado essa lição, pelo menos.

“Achas que somos *amigas*?” contra-atacou Angelica.

“Tenho a certeza de que poderíamos ser boas amigas” respondeu Sophia, estendendo uma mão. “Sophia de Meinhalt.”

Angelica ignorou a sua mão ofertada.

“Uma estranha misteriosa que por acaso aparece a tempo para o grande baile” disse Angelica. “Alegando ser dos Estados Mercantis. Achas que eu não saberia se alguém assim tivesse estado na cidade? O meu pai tem interesses lá, e eu nunca ouvi o teu nome.”

Sophia esforçou-se por sorrir. “Talvez não tenhas andado a prestar atenção.”

“Talvez não” disse Angelica, estreitando os seus olhos. “Mas agora vou prestar. Achas que vou demorar muito para saber tudo sobre ti?”

Vou escrever para... não sei a quem vou escrever, mas vou descobrir.

Os pensamentos dela não pareciam tão certos quanto o resto de si, mas mesmo assim, Sophia congelou com a ameaça. Ela forçou-se a pensar.

“E como não consegues encontrar registos numa cidade destruída, vais denunciar-me?” perguntou ela. “Porquê, Angelica, se eu soubesse que tu serias tão ciumenta, eu ter-me-ia apresentado mais cedo.”

“Eu *não* sou ciumenta” respondeu Angelica, mas Sophia sentiu-o a sair dos seus pensamentos como fumo. “Eu só quero proteger o príncipe Sebastian de aventureiras garimpeiras.”

Ele é meu!

A força de tal fez Sophia dar um passo para trás. “Bem, isso é muito amável da tua parte” disse ela. “Vou garantir que lho digo quando ele voltar.

Tenho a certeza de que ele precisa de proteção do tipo de pessoas que, por exemplo, o tentariam envenenar para o levar para a cama.”

Angelica corou com isso, e, até mesmo ela, não conseguiu fazer isso parecer bom.

“Eu vou descobrir quem tu és” prometeu ela. “Eu vou destruir-te. Vais ficar numa esquina para te venderes.”

Sophia forçou-se a sair da biblioteca, mesmo sendo o lugar onde tinha planeado passar o resto do dia.

Tudo o que ela podia fazer era não tremer enquanto saía.

Ela pressentia que estavam a chegar problemas - e estas paredes do palácio já não pareciam tão seguras.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Kate não se conseguia lembrar de alguma vez se sentir como se fizesse parte de uma família. Não, isso não era verdade, porque ela tinha a sua irmã e *essa* ligação era como um consolo constante na sua mente. Ela também tinha imagens vagas e flashes de coisas anteriores ao orfanato. Um rosto sorridente a olhar para ela. Um quarto onde tudo parecia muito maior do que a forma minúscula de uma criança.

Ela nunca tinha tido *este* pensamento: estar simplesmente sentada numa mesa

com uma família a comer estufado e pão, sentindo como se ela encaixasse com o resto das pessoas lá. Thomas e Will estavam a rir-se. Até Winifred parecia mais feliz do que tinha estado quando Kate tinha chegado, mas isso era de se esperar. Ela tinha vindo como uma ladra; ela ficou como alguém que poderia ajudar na forja.

Provavelmente também ajudava Will estar ali. A presença dele parecia melhorar tudo, relaxando a mãe e fazendo o seu pai feliz por ele estar em segurança. Kate simplesmente gostava de olhar para ele, e pensar nisso fez com que ela desviasse o seu olhar envergonhada.

“Vais ficar em casa muito tempo?” perguntou a sua mãe.

Kate viu Will abanar a cabeça.

“Sabes que não é assim que funciona, mãe” disse ele. “As companhias livres não ficam por aí paradas por muito tempo. As guerras sobre a Água-Faca estão a piorar. Havvers caiu para os Desestabilizadores e para os contingentes do Verdadeiro Império uns após os outros. A companhia de Lord Marl foi paga para fazer uma revolta no Vale de Serralt e descobriu que eles tinham formado uma companhia de bandidos para roubar todos os que conseguiam.”

“Parece perigoso” disse Winifred, e Kate conseguiu perceber que ela estava com uma voz de preocupação. Kate não podia culpá-la. Ela queria proteger o seu filho.

Kate queria ouvir mais sobre o entusiasmo de ser um soldado.

“Como é que é, fazer parte de uma das companhias?” perguntou Kate. “É diferente de ser um soldado regular?”

Will encolheu os ombros.

“Não é assim tão diferente. Há tantas maneiras de um exército poder funcionar” disse Will. Ele parecia um pouco como se ele estivesse a tentar convencer-se a si próprio. “Embora, de qualquer maneira, o exército

permanente do reino não seja assim tão grande. Sempre teve por base a lealdade dos comandantes da companhia e a capacidade de comprar os seus serviços.”

Isso não parecia muito bom para Kate.

“O que acontece se alguém oferece mais?” ela perguntou.

Thomas respondeu a essa. “Então tens metade do teu exército a mudar de lado no meio de um conflito, mas os antepassados da viúva conseguiram sempre exceder os seus inimigos, e é melhor do que aconteceu nas guerras civis.”

“Com um grande exército central a matar as pessoas” disse Will. “Eu acho que a Assembleia dos Nobres não permitiria isso, embora o Príncipe Rupert tenha acumulado um pouco o exército.”

Kate viu Winifred sacudir a cabeça.

“Chega de conversas sobre guerras, violência e morte” disse ela. “Não me faz sentir segura saber que em breve vais voltar para toda essa crueldade, Will.”

“É seguro o suficiente, mãe” disse ele, estendendo a mão para pegar na mão dela. “A maior parte da guerra está à espera por aí. As companhias evitam-se umas às outras onde conseguem, e Lord Cranston é sempre cauteloso sobre para onde envia os seus homens.”

Kate não estava inteiramente satisfeita com isso. “Eu estava à espera de histórias de aventura.”

“Não tenho certeza se tenho muitas dessas” respondeu Will. Ele obviamente viu a sua cara de desapontada. “Mas tenho algumas. Eu conto-tas quando a minha mãe não ficar preocupada com elas.”

“Eu preocupo-me todas as vezes que saís para lutar” disse Winifred.

Eles continuavam a comer, e tudo o que Kate queria fazer era encontrar desculpas para perguntar a Will mais sobre a sua vida. Curiosamente, ele parecia igualmente interessado nela.

“Então, só estás a ajudar o meu pai em torno da forja há um dia?” perguntou ele.

Kate assentiu. “Eu... apareci ontem à noite.”

“Ela é uma ladra” corrigiu Winifred. “Ia roubar-nos tudo o que tínhamos.”

Kate ficou imóvel quando a outra mulher disse isso. Ela podia ver que a mãe de Will ainda não gostava completamente dela, e ela suponha que isso tivesse muito a ver com a forma como ela havia aparecido na forja. Ela não podia deixar de sentir, no entanto, que poderia ter algo a ver com outras

coisas: com o talento que ela tinha, e com a marca do orfanato na sua barriga da perna.

“Tudo não” disse Thomas, obviamente apercebendo-se do desconforto de Kate. “E ela tem sido uma boa trabalhadora desde então, Winifred.”

“Sim, suponho que sim.”

Kate podia ver o suficiente dos pensamentos da mulher para saber que era mais por desconfiança do que por não gostar dela. Ela não tinha certeza do que Kate iria fazer a seguir, e não ajudava que Winifred não confiasse

naqueles que tinham os seus dons, tanto quanto o marido. Kate retrocedeu, não querendo intrometer-se onde ela não era desejada.

“Isto parece uma história muito interessante para ignorar” disse Will.

“Kate, vais ter de me contar mais sobre isso. Talvez... nós pudéssemos ir à cidade mais tarde, juntos?”

Mesmo sem pressionar os pensamentos de Winifred, Kate percebeu o seu choque com isso.

“Will, eu acho que isso não é...”

“Tenho a certeza de que não vai haver problemas” disse Thomas. “Vocês os dois deviam sair juntos.”

Naquele momento, não havia nada que Kate quisesse mais.

Claro, não era tão simples como deixar a forja para trás. Kate ainda tinha de mostrar a Thomas o seu trabalho na espada, fazendo pequenos ajustes enquanto ele sugeria que o espigão precisaria ser mais espesso com o metal e o cone na borda menos quadrado.

Depois, havia as tarefas que Winifred encontrava de repente para ela, desde limpar no pátio até descascar vegetais em casa. Parecia óbvio para Kate o que ela estava a tentar fazer: a tentar demorar demasiado tempo para que ela não conseguisse ir para a cidade com o seu filho.

Kate contornou a situação ao escapulir-se quando ela não estava a ver, embora Thomas estivesse. Ele assentiu com o que parecia permissão. Isso era bom, porque Kate não queria correr o risco de o aborrecer.

Will estava à espera por ela no pátio, e Kate podia ver o entusiasmo escrito em cada linha dele.

“Estás pronta para ir?” perguntou ele. “Queres lavar-te primeiro, ou...”

“Porquê?” ripostou Kate. “Não estou suficiente bem para sair contigo?”

“Estás maravilhosa” disse Will, e isso era estranho em si mesmo, porque Kate não estava acostumada a elogios. Sophia era quem era elogiada, não ela.

“Ótimo” disse ela. “Além disso, acho que a tua mãe vai tentar manter-me aqui para sempre se não formos agora.”

“Então, é melhor irmos” disse Will, com uma gargalhada e olhando para a casa. Ele estendeu a sua mão para a mão de Kate, e para própria surpresa de Kate, ela deixou que ele a segurasse.

Eles caminharam em direção à cidade, e ficou claro que Will conhecia bem o caminho de uma maneira que Kate não conhecia. Ele ia pelas ruas largas enquanto o sol começava a cair, e Kate observava todas as pessoas que atravessavam as ruas enquanto caminhavam. A maioria delas eram apenas pessoas no seu caminho de volta para as suas casas, mas também havia artistas de rua: um homem a caminhar sobre andas mais altas do que a cabeça de Kate; um par de lutadores que lutavam para se atirarem um ao outro num poço cheio de areia.

“Onde vamos?” perguntou Kate.

“Eu pensei que devíamos ir a um dos teatros” disse Will. “Os Atores do Velho Rei estão em cena com uma versão de o *Conto de Cressa*.”

Kate não queria admitir que não tinha ouvido falar nem da peça nem dos atores, porque ela assumia que era algo que *todos* os que não haviam sido servos na Casa dos Não Reclamados saberiam. Em vez disso, ela acompanhava Will enquanto ele ia na direção de um edifício grande, redondo, semelhante a um celeiro pintado no exterior com cenas garridas. Já havia gente aglomerada ali, esperando que os atores os deixassem entrar, que estavam na porta para cobrar uma entrada.

Will pagou por ambos, e Kate ficou tão apertada no meio de uma multidão que ela mal conseguia respirar.

“Estás bem?” perguntou Will.

Kate assentiu. “É que eu nunca estive numa casa de teatro antes. Está muito lotada.”

Não demorou muito para que a peça começasse, e Kate ficou perdida na história de uma miúda de uma extremidade da península de Curl, que teve de viajar em busca de um rapaz cujo amor ela havia perdido. Kate não podia imaginar ir tão longe por um rapaz, mas ela ficou absorvida no espetáculo disso. Os Atores do Velho Rei haviam obviamente descoberto que o seu público queria ação e música, fogos de artifício e aparições súbitas. Eles faziam por isso, mesmo parando aqui e ali para discursos marcados para rimar que pareciam nunca mais acabar, como se tal fosse adicionado como uma tentativa de fazer a coisa toda melhor. Kate ria-se em voz alta em alguns dos momentos cômicos e olhava ansiosamente durante as lutas do palco.

Ela também ficou sempre de mau dada com William, não querendo soltá-lo ou arriscar perder contato com ele. Ela não sabia sobre se viajaria ao longo de Curl por ele, mas certamente iria percorrer o teatro lotado se o perdesse.

Quando eles saíram para a rua com o resto da multidão, Kate sentiu-se

ofegante com a peça. Ela sentia-se viva e acordada.

“Provavelmente devíamos ir para casa” disse Will, embora os seus pensamentos não concordassem com isso.

Eu não quero ainda.

“Daqui a pouco” disse Kate, ecoando os pensamentos dele. “Por enquanto... podemos caminhar um pouco?”

Will parecia surpreso com isso, como se estivesse à espera que ela desejasse voltar o mais rápido possível, mas ele assentiu com entusiasmo. Ele começou a liderar o caminho.

“Certamente. Nós podemos subir ao longo da fila do jardim.”

Kate não sabia o que isso era e achou-se agradavelmente surpreendida quando Will seguiu o caminho ao longo de algumas ruas até uma escada, levando-os até aos telhados da cidade. Por um momento, Kate pensou no esconderijo que ela e a sua irmã tinham encontrado, escondido atrás do conjunto de chaminés, onde ninguém as conseguiria encontrar para as magoar.

“Queres ir lá acima?” perguntou Kate.

“Confia em mim” disse Will.

Para sua surpresa, Kate confiou, e, habitualmente, ela não confiaria em alguém assim com tanta facilidade. Ela começou a escalar, e foi só quando chegaram ao topo que ela viu o que estava lá. Incrivelmente uma série de árvores estava ao nível do telhado, num jardim que parecia prolongar-se através de várias casas diferentes.

“Isto é lindo” disse Kate. “É como um pedaço de campo no meio da cidade.”

Era mais do que isso; era algo esperançoso e desafiador, que se opunha à pressão esmagadora da cidade num único ato de crescimento e vegetação.

Will assentiu. “Eles dizem que alguns nobres o plantaram como um lugar para pensar, mas depois dele morrer, as pessoas simplesmente continuaram com ele.” Começaram a caminhar ao redor do pequeno número de árvores,

onde lanternas penduradas atraíam mariposas lunares. “Provavelmente não conseguias ver muito da cidade, a crescer num orfanato.”

Kate congelou por um momento, porque sabia que não havia contado a Will sobre isso. Talvez a sua mãe lhe tivesse dito, esperando persuadi-lo a não fazer isso. Ela sabia que Winifred não a odiava exatamente. Ela estava preocupada com o impacto que a presença de Kate pudesse ter.

“Não. A porta era deixada aberta, mas isso era como uma provocação. Tu

poderias sair, mas sabias sempre que não havia nenhum lugar para onde ires. E se saíesses e voltasses...”

Kate não queria pensar em algumas das punições que ela tinha visto por isso. A Casa dos Não Reclamados tinha sido má no melhor dos tempos, mas aquelas tinham sido coisas para deixar as miúdas destroçadas e a olhar.

“Isso parece horrível” disse Will. Kate não queria compaixão, porque não queria ser alguém que precisasse disso. Mesmo assim, parecia diferente, vindo de Will e não de outra pessoa.

“E era” concordou Kate. “Elas sabiam que nos iriam vender, então passavam as nossas vidas a tentarem transformar-nos em pequenas coisas obedientes que teriam apenas habilidades suficientes para irem buscar o vinho de um nobre ou para trabalharem como aprendizes.” Kate fez uma pausa, colocando a mão contra uma árvore. “Mas não importa. Eu não estou lá agora.”

“Não estás” disse Will. “E estou feliz por estares aqui.”

Kate sorriu. “E tu?” perguntou ela. “Suponho que a guerra não é tão chata e segura como tu fazes crer à tua mãe.”

Na verdade, ela suspeitava que era tudo menos seguro. Ela queria ouvir a verdade, as batalhas e os planos menores, os lugares onde Will tinha estado. Ela queria ouvir tudo o que ele tinha para lhe dizer.

“Nem por isso” disse Will com um suspiro. “Lord Cranston deixa-nos quase sempre fora dos planos, mas quando tens de lutar, é aterrorizante. Há violência por todos os lados. E mesmo quando não tens de lutar, há a comida horrível, o risco de doença...”

“Tu fazes com que pareça tão heroico” disse Kate com uma gargalhada.

Will abanou a cabeça. “Não é. Se as guerras derramarem sobre a Água-Faca até aqui, as pessoas vão descobrir isso.”

Kate esperava que isso não acontecesse, mas, ao mesmo tempo, uma parte dela ansiava por isso, porque seria uma oportunidade para lutar. Ela queria lutar naquele momento. Ela iria lutar contra o mundo inteiro se ela precisasse.

O horror de tal não era importante. Também haveria glória.

“Metade do tempo, as batalhas são apenas uma vingança por outras batalhas de há uma vida ou mais” disse Will. “A vingança é inútil.”

Kate não tinha tanta certeza disso. “Há algumas pessoas de quem eu me *gostaria* de vingar.”

“Isso não resolve nada, Kate” disse Will. “Tu vingas-te, e depois eles querem

vingança, até que não sobre mais ninguém.” Ele parou por um momento e depois riu-se. “Como é que isto se tornou tão sombrio, tão depressa? Nós deveríamos estar a divertirmo-nos.”

Kate estendeu a mão para tocar no braço dele, desejando ter a coragem para fazer mais do que isso. Ela gostava de Will.

“Eu estou a divertir-me” disse ela. “E eu acho que tu soas muito corajoso, com o teu regimento. Eu gostaria de o ver.”

Will sorriu para isso. “Acho que será tão atraente quanto tu pensas.”

Kate suspeitava que seria tudo o que ela esperava e mais.

“Mesmo assim” disse Kate.

Quando Will assentiu, ela não poderia ter ficado mais feliz. “Tudo bem” disse ele. “Mas na parte da manhã. Irá parecer mais impressionante à luz do dia.”

Kate mal podia esperar.

CAPÍTULO DEZASSETTE

Sophia vagueava pelo palácio e, ao fazê-lo, era impossível não pensar em quão sortuda ela tinha sido. Ela tinha vindo do nada, e agora... agora parecia realmente que isto poderia ser a sua *vida* a partir de agora. Ela tinha encontrado o lugar que tinha andado à procura, e isso era tudo o que ela poderia ter desejado. O palácio era lindo.

Sophia queria ficar aqui. Mais do que isso, ela queria ficar aqui com Sebastian. Ela ficou a olhar para uma pintura de um nobre há muito falecido enquanto pensava no que poderia fazer para garantir que Sebastian não lhe pedisse para se ir embora. Era óbvio que ele gostava dela, mas como é que Sophia sabia que ele tinha intenções sérias? Ela estava feliz naquele momento, mas insegura. Ela não queria que nada arruinasse aquilo.

Sophia continuava a vaguear, sem saber onde ir em seguida. Ela não queria simplesmente voltar para os quartos de Sebastian, porque isso iria parecer como se Angélica e as suas amigas a tivessem levado a esconder-se, ou como se ela estivesse presa simplesmente à espera que Sebastian a salvasse. Ela não queria voltar para a biblioteca, porque era muito provável que elas estivessem lá.

Em vez disso, ela foi até uma galeria onde as pessoas caminhavam ao redor a olhar para as pinturas, e então ela desceu em direção aos aposentos dos servos na tentativa de obter a disposição do lugar. Ela foi até um solário coberto de vidro, onde as plantas delicadas estavam preparadas para crescer no maior

calor, e passou algum tempo sentada num recanto onde parecia que ninguém estava prestes a passar.

Foi nesse ponto que Sophia disse a si própria que estava a ser estúpida.

Afinal, ela tinha pelo menos uma amiga no palácio.

Ela demorou um pouco a encontrar Cora, saindo do salão de baile até encontrar o espaço onde a serva fazia negócios com maquiagem e perfumes.

“Minha senhora” disse Cora com um sorriso enquanto Sophia se aproximava. “Vem e senta-te. Vou colocar um pouco de pó nas tuas maçãs do rosto.”

“Cora, não precisas de me chamar assim” disse Sophia.

Cora assentiu. “Preciso, e tu precisas de te habituar a isso. Pelo que eu ouço das coisas sobre ti e o Príncipe Sebastian, vais ficar aqui por algum tempo. Tu precisas de te lembrares quem és.”

“Quem eu estou a fingir ser, queres tu dizer?” perguntou Sophia. Sophia de Meinhalt sentia-se como a grande máscara do que ela tinha usado no baile.

Cora levou-a até à cadeira. “Nunca podes dizer isso aqui. Não sabes quem pode estar a ouvir. De agora em diante, tu és Sophia de Meinhalt.”

O que seria de nós se a viúva descobrisse que o seu filho tinha sido enganado, eu não sei.

Sophia apanhou esse pensamento com clareza. Ela supôs que ela poderia entender a ideia de que poderia haver espiões, ou apenas servos em posição de ouvir mais do que deveriam. Afinal, ela passava a sua vida a ouvir mais do que deveria dos pensamentos das pessoas. Ela também podia entender o perigo. Ninguém gostava que o fizessem de tolo, e a viúva agiria para proteger o seu filho, não seria?

“Tudo bem” disse Sophia. “Mas eu ainda te posso ver, não posso? Mesmo uma nobre senhora precisa da sua maquiagem feita.”

“Precisa” concordou Cora, e começou a esfregar os traços de Sophia com um pó que transformou a sua pele naturalmente pálida em algo luminoso e livre de manchas. “E enquanto ela está a fazê-lo, ela pode contar-me como as coisas foram com um certo príncipe.”

“Maravilhosas” disse Sophia, incapaz de se segurar. “Ele é ... perfeito, Cora.”

Cora pintou-lhe os lábios apenas com uma pitada de vermelho. “Ele não foi o homem que eu sugeri.”

Ela ficou com raiva disso? Não, Sophia percebeu, com um olhar através dos pensamentos da sua nova amiga, que ela estava preocupada. Preocupada com

todas as coisas que podiam correr mal, agora que Sophia tinha escolhido um príncipe em vez de um insignificante e inferior nobre.

“Não foi algo que eu planeasse” disse Sophia. Ela queria que Cora entendesse isso. Ela não queria que ela pensasse que ela simplesmente tinha decidido ignorar o seu conselho.

“É só que... torna as coisas mais perigosas se correr mal” disse Cora.

“Sabes que há rumores que voam ao redor do palácio sobre ti agora?”

Sophia tinha imaginado que poderia haver, simplesmente pelo quanto Angelica tinha ouvido falar sobre ela. “Que tipo de rumores?”

“Que conseguiste afastar Milady d’Angelica para conquistar o coração do príncipe. Que és surpreendentemente bela e apareceste do nada. Que fugiste das guerras através das águas, e que tens inimigos perigosos lá. Eu juro que metade dos servos estão a tagarelar sobre o quão bonita és, ou quão maravilhosamente danças.”

Sophia abanou a cabeça. “Eu mal consegui dançar sem tropeçar.”

Isso fez com que a serva se risse. “Achas que isso importa? As pessoas veem o que querem ver.”

O que era, é claro, a razão pela qual Sophia tinha conseguido ter sucesso nisto em primeiro lugar. Toda a razão pela qual ela tinha conseguido encontrar um lugar na corte era porque as pessoas queriam ver a miúda misteriosa que fugia de um conflito e não a realidade.

“É só que...” começou Cora. “Toma cuidado. Já existem pessoas a tentar descobrir exatamente quem tu és. Ouvi dizer que Milady d’Angelica faz perguntas, e ela não é a única. Os nobres odeiam quando não sabem tudo o que há para saber.”

Sophia conseguia entender isso. “Vou tentar ter cuidado.”

Ela saiu, e ela suspeitava que estivesse ainda mais bonita do que tinha estado para o baile. Era difícil acreditar que ela estava a caminhar pelo palácio sem ninguém a desafiá-la. Talvez isso se devesse à sua surpresa por ela não estar a prestar tanta atenção aos pensamentos ao redor dela como deveria, ou talvez ela tivesse simplesmente se habituado à ideia de que ninguém a incomodaria enquanto ela passava por eles.

De qualquer forma, ela virou numa esquina e congelou ao ficar cara a cara com Rupert, o herdeiro do reino e o irmão mais velho de Sebastian.

Ele não estava vestido de uma forma tão brilhante quanto tinha estado na festa, mas estava perto. Havia *imenso* brocado de ouro numa roupa de veludo

vermelho, com lampejos de seda cremosa. Como Sebastian, ele era um jovem bonito, embora houvesse uma confiança, mesmo arrogância, na sua atitude que dizia que o Príncipe Rupert estava completamente ciente disso. Sophia observou os olhos dele a cruzarem-se sobre si numa combinação de surpresa, diversão e... admiração.

“Sua Alteza” disse Sophia, com uma vénia apressada. Ela teve de se lembrar da etiqueta, mesmo conseguindo ver exatamente o que Rupert era.

“E tu és Sophia, não és?” Ele não se incomodou em usar a mentira que era o sobrenome dela. Com qualquer outra pessoa, Sophia poderia ter tomado isso como simpatia. Com ele, ela podia ver que era simplesmente porque ele não sentia a necessidade de mostrar a ninguém assim tanto respeito. Ela era apenas mais uma miúda entre uma série delas, mesmo que estivesse com o seu irmão.

“Sim, Sua Alteza” disse Sophia. “Sophia de Meinhalt.”

Ele pegou na mão dela, tirando-a da sua vénia com toda a graça que

Sophia poderia esperar de um príncipe herdeiro. Ele não soltou a mão dela, segurando-o de uma maneira que deve ter parecido cortês e romântica para quem estivesse a ver, mas que fez com que Sophia efetivamente sentisse como se ele a estivesse a segurar no lugar, reivindicando com a certeza de um homem a agarrar o braço de um ladrão.

“Eu vi-te no baile na noite passada” disse ele. “A dançar com o meu irmão. Deverias ter ido ter comigo. Poderíamos ter dançado.”

Um olhar para os seus pensamentos disse a Sophia que a dança não estava em nenhum lugar na sua mente.

“Tu parecias ocupado com outras parceiras” disse Sophia com um riso delicado.

Rupert olhou-a diretamente nos olhos. “Eu não estou ocupado agora, e gostaria de descobrir exatamente o que tanto atraiu Sebastian. Talvez possamos ir a algum lugar.”

Sophia não precisava perguntar o que ele pretendia quando chegaram lá.

Ela podia ver isso na sua mente tão claramente como se alguém o tivesse pintado. Ela ficou grata pelo pó que Cora aplicara no seu rosto, porque escondeu a profundidade do seu rubor.

“Sua Alteza, eu não posso. O teu irmão...”

“Não está aqui” ressaltou Rupert.

Ela é apenas uma prostituta. Porque é que isso lhe importa?

“Sua Alteza” começou Sophia, tentando pensar numa maneira de sair dali sem ter que dar uma bofetada ao herdeiro do trono. Ela conseguia ver o modo como Príncipe Rupert a via: como algo a ser usado porque o irmão tinha.

Como um prémio a ser reivindicado simplesmente porque ele era o mais velho. Ele achava-a bonita, mas Sophia duvidava que ele a visse como uma pessoa real.

“Tenho a certeza que achaste o meu irmão doce e gentil” disse Rupert.

Novamente, Sophia apanhou imagens que a faziam querer afastar-se. “E aborrecido. Eu acho que tu e eu não seremos aborrecidos quando estivermos...”

“Sophia?”

Sophia nunca tinha ficado tão grata por nada como ficou ao ouvir o som da voz de Sebastian naquele momento. Ela conseguiu livrar-se de Rupert que a agarrava quando ele virou a esquina e se apressou para ele.

“Sebastian” disse ela com toda a felicidade por não estar no aperto de Rupert mais uma vez adicionada à felicidade normal de ver Sebastian. “Estás de volta. Espero que o dia tenha sido bom?”

“Se eu conheço o meu irmão” disse Rupert, como se nada tivesse acontecido, “ele terá estado completamente entediado. Sebastian, a mãe quer que comemos com ela em aproximadamente uma hora. Traz Sophia. Tenho a certeza de que a mãe a adorará. Ela parece encantadora.”

Sophia teve um último flash das coisas que ele estava a pensar sobre ela antes de ele se ir embora. Foi o suficiente para fazê-la agarrar-se ao braço de Sebastian e desejar que ela pudesse limpar da sua mente as coisas que ela tinha visto.

“Estou feliz por estares aqui” disse Sophia, encostando-se nele.

“Espero que Rupert não tenha sido muito insuportável” respondeu Sebastian. Sophia apanhou a preocupação. Tinha havido miúdas antes de Sophia, que Rupert havia afastado de Sebastian quando se aperceberam que ele era o que desejava ser mais extravagante. Elas não estarem aqui agora, apenas dizia o quão rápido ele as tinha afastado.

“Não, está tudo bem.”

Uma parte dela queria dizer a Sebastian exatamente o que tinha acontecido, mas o que poderia ela dizer? Que ela tinha lido a mente de Rupert e sabia o que ele queria?

“Ainda temos algum tempo antes do jantar” disse Sebastian. “Gostarias de dar uma volta pelo labirinto por um tempo?”

Sophia assentiu. Qualquer coisa, desde que fosse fora dali, e com Sebastian. Ela caminhou com ele lá para fora para os jardins, onde as lâmpadas começavam a iluminar as flores abertas no escuro, pálidas e prateadas.

“São orquídeas da meia-noite” disse Sebastian, obviamente observando o olhar de Sophia. “Elas abrem-se para atrair as mariposas que não estão à luz do dia, para que não tenham de lutar pela atenção das borboletas com as outras flores.”

“Elas sentem que não conseguem atrair as borboletas?” perguntou Sophia.

“Mas elas são lindas.”

Sebastian tocou no braço dela e o contato foi suficiente para enviar um arrepio ao longo da pele de Sophia. “Às vezes, as coisas mais bonitas podem surgir em momentos inesperados.”

Eles continuaram a entrar para o labirinto. Sophia teve a sensação de que Sebastian sabia o caminho lá dentro, porque ele fazia o caminho com confiança e ela não se conseguisse orientar lá.

“Parece um bom lugar para uma pessoa se perder por um tempo” disse Sophia. “É por isso que gostas de vir aqui?”

“Em parte sim” disse Sebastian. “Embora também signifique que temos alguma privacidade.”

Sophia aproveitou ao máximo, inclinando-se para beijá-lo. Ela não podia acreditar que ela era livre para fazer isso com alguém como Sebastian. Isso, e quase tudo o que queria. Mais do que isso, ela não podia acreditar que tinha encontrado alguém como ele.

Mas tinha, e Sophia mantinha-se chegada a ele enquanto eles continuavam a passar pelo labirinto.

“Há um relógio de sol no centro” disse Sebastian. “E uma pérgola com uma espreguiçadeira lá dentro.”

“Soa bem” disse Sophia com um sorriso. Um lugar para eles se sentarem juntos. Potencialmente um lugar para eles fazerem mais do que simplesmente sentarem-se. Sophia nunca se tinha sentido assim com ninguém antes. “Desde que conheças o caminho.”

“Conheço!”

Eles continuaram a ir ao longo dos trechos de paredes fechadas do labirinto formal. Era reconfortante saber que ele sabia o caminho para sair, mas mesmo

assim, ela deu por si presa em memórias: de correr ao longo de corredores estreitos, correr, esconder, esperando que não fossem encontrados.

De chamas, lambendo as bordas das coisas de tal forma que ela sentia o calor e saboreava a amargura do fumo. De dizer à sua irmã para ficar quieta, porque o mínimo som poderia...

“Sophia?” disse Sebastian num tom gentil.

Sophia voltou a si mesma, olhando para ele e colocando os seus braços em volta dele. “Desculpa. Não estava aqui por um momento.”

“Estás bem?” perguntou Sebastian. “Se não estás bem, talvez eu possa convencer a minha mãe de que não faz mal que tu não vás ao jantar.”

Mas Sophia pôde ver que não era realmente uma opção. O que a viúva queria, ao que parece, a viúva obtinha.

“Não, está tudo bem” disse ela. “Eu não gostaria de tornar as coisas difíceis com a tua mãe.”

E, no entanto, ela tinha uma sensação profunda de que as coisas com a mãe dele estavam prestes a ficar muito difíceis.

Sophia estava com Sebastian no lado de fora das portas para uma pequena sala de jantar, esperando que um servo os anunciasse. Ela tentava o máximo que conseguia não mostrar os nervos, mas o tremor da sua mão na dele deve tê-la denunciado.

“Esta tudo bem” disse Sebastian. “A minha mãe não é um monstro.”

Isso era mais fácil para ele dizer do que para ela acreditar. A viúva havia governado o reino sozinha desde a morte do seu marido, conseguindo não se surpreender com a Assembleia dos Nobres ou com a Igreja da Deusa Mascarada. Ela havia resistido a conspirações e problemas económicos, guerras além-mar e ameaças de rebeliões nas Colónias Próximas. Diante dela, Sophia sentia-se certa de que a sua mentira seria desmascarada num instante.

“Príncipe Sebastian e Sophia de Meinhalt!” anunciou um servo, abrindo a porta para uma sala de jantar que parecia muito pequena para os padrões do palácio. Isso era dizer que era menor que um edifício inteiro em outro lugar qualquer.

Havia uma mesa lá, e havia talvez meia dúzia de outras pessoas sentadas ao redor, todas vestidas com uma elegância de corte que, no entanto, era um passo menos formal do que poderia ter sido para um banquete oficial. Sophia reconheceu Príncipe Rupert, mas nenhum dos outros.

Ela rapidamente deu por si apanhada numa inusitada série de apresentações, obviamente projetada para colocá-la à vontade, mas que na sua maioria parecia impressioná-la quanto à sua profundidade.

Uma mulher num véu cinza prateado foi revelada como Justina, a mais Alta Sacerdotisa da Deusa Mascarada. Um homem com patilhas e cabelos grisalhos afinal era um almirante. Os outros eram um baronete, um governador de Shire e a esposa do governador. Parecia não haver um motivo particular para essa coleção de convidados que não fosse o que a viúva queria. Talvez estes fossem amigos da sua juventude, ou pessoas a seu favor que estivessem de passassem para a visitar.

O que fez com que Sophia ficasse mais nervosa foi quando a viúva entrou.

A Rainha Maria Viúva, da casa de Flamberg, não era uma mulher alta, e a idade a deixara cinza nos cabelos e na palidez, mas havia uma dureza de ferro na sua postura que dizia que nada a deitaria abaixo. Ela usava preto de luto, como tinha feito desde a morte do marido. Ela ficou na cabeceira da mesa, gesticulando para os outros lá.

“Por favor, sentem-se” disse ela.

Sophia fez isso, esperando que a presença dos outros permitisse que ela se ocultasse um pouco, apenas mais um convidado entre todos os outros lá. No entanto, quando os servos começaram a trazer pombo e galo silvestre, Sophia sentiu aqueles olhos de aço sobre ela.

“Sebastian, tens de me apresentar à tua convidada, querido.”

“Certamente, mãe. Esta é Sophia de Meinhalt. Sophia, esta é minha mãe, Mary de Flamberg.”

“Sua Majestade” Sophia conseguiu dizer, balançando no lugar o melhor que conseguiu.

“Ah, Meinhalt” disse a Viúva. “Um assunto tão triste. Diz-me, miúda, qual é tua opinião sobre as guerras que afligem o continente?”

Sophia podia ver o suficiente dos seus pensamentos para saber que isso era um teste, mas não o suficiente para saber o que a resposta deveria ser. No final, ela apanhou a sua resposta dos pensamentos de Sebastian, esperando que ele conhecesse a sua mãe o suficiente para que tal fosse uma boa escolha.

“A minha preocupação é que eles não vão lá ficar” disse Sophia.

“Uma preocupação que eu tenho a certeza que todos partilhamos”

respondeu a viúva. Sophia não podia dizer se tinha passado o teste da mulher mais velha ou não. “Embora pareça que o meu filho está grato por, pelo

menos, *algumas* coisas terem vindo pela Água-Faca. Conta-nos tu.”

Sophia fez o seu melhor, tentando disfarçar a falta de conhecimento como modéstia ou reticência. “Eu vim antes da cidade cair, Sua Majestade. Eu acho que tive muita sorte nisso.”

“A Deusa dá os seus presentes” murmurou a Alta Sacerdotisa.

“Efetivamente” disse a viúva. “Embora eu pareça lembrar-me de te ouvir dizer que ela nos dá presentes difíceis e agradáveis às vezes, Justina.”

Seguiram-se mais perguntas. Será que ela tinha gostado de patinar no rio no inverno lá? O que ela pensava dos diferentes lados da guerra? Sophia fez o melhor que conseguiu, mas o seu talento não conseguia ajudá-la em tudo, e ela não sabia muito sobre Meinhalt. Ela deveria ter passado mais tempo a ler sobre isso na biblioteca. No final, ela fez a única coisa que conseguiu, procurando uma distração.

“Almirante, sempre quis saber como é que é tentar acompanhar os movimentos de uma marinha completa. Como é que consegues fazê-lo?”

“Mapas, minha querida” disse ele. “Principalmente mapas.”

Ele claramente pretendia que isso fosse uma piada, então Sophia riu-se com ele. Ele entrou numa discussão sobre os vários métodos de combinação de gráficos náuticos. O Príncipe Rupert interrompeu, alegando que ninguém poderia querer saber sobre isso e começou a falar sobre caça em vez disso.

Sophia não se importou, desde que ela pudesse manter a discussão longe dela.

Os olhos dos outros não estavam sobre ela, na maior parte, mas havia exceções. A Alta Sacerdotisa olhava para ela de vez em quando com um olhar estranho que Sophia não se atrevia a tentar interpretar. Sebastian parecia estar a olhar para ela sempre que Sophia olhava para ele, numa expressão suave de amor, ou esperançosa, ou querendo ter certeza de que ela estava bem. Rupert olhou para ela mais de uma vez com um olhar de fome que dizia que o que tinha acontecido anteriormente entre eles não estava acabado. Isso foi o suficiente para fazer Sophia querer se agarrar perto de Sebastian e não o deixar ir.

E a viúva olhava para ela regularmente, como se estivesse a tentar entender Sophia ou a olhar para o seu coração. Havia algo imutável, certamente sem piscar, naquele esse olhar. Isso preocupou-a mais do que o resto tudo junto. Ela sentiu-se como um espécime mantido sob vidro para exame, incapaz de manter algo escondido. Naquele momento, ela sentiu-se como se fosse uma impostora, e cada olhar, cada palavra fora de lugar, apenas a fazia senti-lo mais. Por quanto tempo ela conseguiria manter este engano?

De alguma forma, ela conseguiu passar o jantar, trocando conversas educadas com os outros enquanto eles comiam o que parecia uma comida de festa completa. Sophia comia com moderação, e quando chegou a hora de sair, ela ficou muito agradecida por ter permissão para se levantar, pronta para se ir embora.

Claro, ainda havia despedidas, e uma a uma, Sophia encontrou-se a tomar as mãos dos outros convidados, murmurando despedidas e comentários sobre o quanto ela tinha desfrutado da noite. Mesmo o toque de Rupert não demorou mais de um segundo do que deveria.

A viúva sorriu quando Sophia ofereceu uma reverência, pegando-lhe na mão em vez disso.

“É bom ver que o meu filho encontrou uma miúda tão agradável e inteligente com quem passar tempo” disse ela, e Sophia teria ficado feliz com o elogio em qualquer outra circunstância. Assim, ela teve de se forçar a sorrir de novo e murmurar que era uma honra, por causa dos pensamentos que ela conseguia sentir por trás das palavras.

Descobrirei quem é essa miúda. Uma pessoa para o meu filho deve ser adequada, e as miúdas não aparecem do nada.

Sophia teve de lutar contra o desejo de fugir da sala. Ela ficou agradecida quando Sebastian pegou no seu braço, levando-a dali.

“Correu melhor do que eu esperava” disse Sebastian quando eles saíram.

“Acho que a minha mãe gosta de ti.”

Sophia sorriu de volta. “Espero que sim.”

Ela esperava, mas não acreditava nisso. Ela podia sentir os seus planos a deslindarem-se debaixo de si, destronando-se sob o peso da suspeita da viúva.

Naquele momento, uma parte de Sophia não queria nada além de fugir e não voltar.

Não. Ela não podia simplesmente se afastar de tudo isso. Não agora, não depois de tudo o que tinha passado, depois de ter trabalhado tão duro para chegar a esse ponto, assumido tantos riscos.

E depois de ela se ter apaixonado por Sebastian.

Por muito que ela quisesse, ela não podia simplesmente fugir.

Então ela percebeu num instante o que precisava de fazer: precisava de falar com a sua irmã. Kate era a prática. Kate teria um plano e, provavelmente, uma saída total desta confusão.

Ela iria se aventurar pelas ruas da cidade e fazer o que fosse preciso para encontrá-la.

Kate, ela enviou. *Estou a chegar.*

CAPÍTULO DEZOITO

Kate conseguia sentir a emoção a crescer dentro de si enquanto caminhava com Will para os arredores de Ashton. Lá, as casas deram lugar a espaços mais abertos, e Kate podia ver a vegetação das Ridings além, plana, aberta e livre.

Um dia, ela entraria naquele espaço aberto, mas não esta manhã. Esta manhã, Kate estava mais interessada no local à beira da cidade, onde as bandeiras cinza e azul do regimento de Will estavam.

“Tens a certeza de que desejas ir ver a minha companhia?” perguntou Will. Ele parecia surpreendido por Kate pensar que aquilo seria algo de interessante. “Há cem outras coisas que podíamos fazer hoje.”

Kate vislumbrou os seus pensamentos. Eles poderiam ir ao teatro ou andar num dos espaços verdes perto da cidade. Eles poderiam ir comer juntos a uma das tabernas ou vaguear até um espaço onde Will sabia que um violinista estaria a tocar e as pessoas estariam a dançar. Tudo isso parecia bom, mas não era o que Kate queria.

“Eu quero ver como é” disse Kate. “Como é que faço as melhores armas se não souber sobre o tipo de pessoas que as usarão?”

Era um bom argumento, mas não era toda a verdade. A verdade era que havia simplesmente alguma coisa por pensar que uma das companhias livres estava lá que fazia Kate ficar cheia de curiosidade. Eram homens que conseguiam viajar pelo mundo, combatendo inimigos e visitando lugares exóticos. Ela queria saber tudo sobre isso. Ela queria ver por si mesma.

Mesmo assim, Will parecia um pouco nervoso quando eles se aproximaram, e Kate podia ver que ele estava preocupado com o que poderia acontecer quando ele chegasse lá e como os outros membros do seu regimento podiam reagir a Kate. Kate estava determinada a não deixar que isso a afetasse. Ela queria isto.

Finalmente chegaram ao espaço onde o regimento estava acampado, barracas espalhadas por uma praça limpa para aqueles membros que não tinham famílias na cidade para os acolher, ou nos quais não se podia confiar para retornarem se se fossem embora. Kate supunha que também era para manter os soldados à beira da cidade, onde também não podiam causar muitos danos.

Havia homens lá, a treinar e a trabalhar, sentados por ali no calor do dia ou a

jogar entre eles. Kate viu recrutas inexperientes sem uniformes a treinarem a permanecer em formação enquanto um sargento lhes gritava ordens. Havia homens mais experientes a treinar em luta de espadas e tiros com arco, brocas de mosquete e a lutar.

Havia uma vantagem nisso, também. Kate deu por si a pensar nas preocupações sobre a possibilidade da guerra, com os homens a treinarem mais porque queriam estar prontos no caso de a violência chegar. Dois homens que lutavam com aço tosco pareciam estar a deixar contusões um no outro com a violência dos seus esforços.

“Eu sei que não é muito” disse Will, “e é um pouco difícil no momento, mas...”

“É perfeito” disse Kate.

Ela começou a andar no acampamento, gravitando para a barraca de abastecimento, onde espadas e espigões, arcos e bacamartes estavam em pilhas arrumadas. Moldes para tiro estavam ao lado de pedras de afiar para facas e alabardas. Um intendente de cabeça rapada olhou para ela com suspeita até ver que Will estava com ela, e, então, deixou que ela se movesse entre as armas, admirando o trabalho.

“Estás à procura de falhas nas lâminas?” ele perguntou, embora fosse óbvio que ele não acreditava que Kate soubesse por onde começar.

“Bem, as bordas dessas facas necessitavam de algum trabalho” disse Kate, “e acho que este machado empenou na borda enquanto se endurecia.”

Agora, o intendente olhou para ela com um certo nível de surpresa que Kate achou um pouco insultante.

“Kate tem estado a aprender com o meu pai enquanto eu estive fora” disse Will.

“Porque é que eu não haveria de saber sobre espadas?” exigiu saber Kate.

Ela continuou a caminhar ao redor do acampamento, assimilando tudo o que estava a acontecer lá, desde a ânsia dos recrutas enquanto eles trabalhavam para aprender as habilidades de soldar até aos cuidadosos movimentos de economia de energia dos veteranos.

Naquele momento, Kate sabia que isto era ainda mais próximo do que ela queria, do que a vida na forja. Na forja, ela estava a começar a fazer armas e a aprender sobre elas, mas esses homens conseguiam usá-las. Eles tinham as suas vidas onde viajavam e lutavam, trabalhando juntos e afastando-se da mundanidade da cidade.

Mais do que isso, se houvesse algum caminho que pudesse deixar Kate se aproximar da vingança, esse era o único.

“Gostarias de lutar?” perguntou Kate a Will, pegando em duas lâminas de prática de madeira. Elas eram mais pesadas do que aquela que ela havia projetado, com os punhos de carvalho ásperos na sua mão.

“Tens a certeza?” perguntou ele.

Em resposta, Kate atirou-lhe uma. Will apanhou-a, trazendo-o para uma posição de guarda. Kate copiou-o. Ele atingiu-a lentamente, e ela desviou-a, atacando-o novamente. Eles iam para frente e para trás, e Kate sentiu-se como se estivesse a apanhar o ritmo, desviando os golpes que chegavam muito perto dela, enquanto balançava os próprios golpes para que Will pudesse aparar. As espadas eram pesadas, mas Kate conseguia manter a dela no caminho dos ataques que vinham na sua direção.

“Tentando prepará-la para ela se juntar à companhia, Will?” gritou um homem mais velho. “Ou apenas a tentar impressioná-la?”

Kate recuou, perguntando-se como seria. Ela e Will podiam andar juntos, lutando um ao lado do outro, viajando para lugares que Kate mal tinha ouvido falar.

“Talvez eu me queira juntar” disse Kate, colocando os punhos nos quadris.

O veterano riu-se como se fosse a melhor piada que ele tinha ouvido o dia todo.

“Queres juntar-te? Oh, isso é bom. Deverias tê-la trazido antes disso, Will.

Nós precisamos sempre de uma boa gargalhada.”

Kate podia sentir sua mão a apertar o punho da sua espada de madeira.

“Estou a falar a sério” disse ela.

“Ouviram isso, rapazes?” gritou o veterano, e, ainda assim, parecia que ele estava a repetir uma boa piada que ele tinha ouvido. “Ela está a falar a sério.

Ela quer juntar-se aos homens de Lord Cranston!”

Isso provocou mais gargalhadas em torno do acampamento, e agora um círculo áspero de homens começou a formar-se em torno de Kate e Will.

Obviamente, eles tinham decidido que havia entretenimento aqui.

Kate conseguiu sentir o quão preocupado Will estava com tudo isso. Ele queria ir-se embora imediatamente. Ele queria que Kate voltasse à forja antes que qualquer outra coisa pudesse acontecer. Kate ficou ali, de frente para eles.

“Por *que é* que eu *não me haveria* de me juntar a vocês?” quis saber Kate.

“Se vocês estão tão preocupados de que a guerra esteja a chegar, não vão precisar de todos os que conseguirem obter?”

“Todos os *homens* que conseguirmos obter” disse o veterano. “Os regimentos não são um lugar para miúdas. Especialmente para aquelas que não têm idade suficiente para ficar longe das suas mães.”

Kate sentia a sua expressão endurecer enquanto a sua raiva aumentava.

“Cala-te. Tu não sabes nada sobre a minha mãe.”

Ela viu o veterano encolher os ombros. “Oh, o que vais fazer? Dançar com a tua espada de madeira como se tivesses alguma ideia do que fazer com ela?”

Will estava a ser suave contigo, miúda. Queres saber como é uma verdadeira luta?”

Kate podia sentir-se irritada agora. “Eu sei como é uma luta.”

Isso provocou outro riso dos homens ali reunidos, e havia uma espécie de crueldade por trás disso. Kate apanhou pensamentos de batalhas, momentos em que os homens tinham vindo com lâminas. Eles não a estavam a levar a sério. Mesmo Will parecia mais como se quisesse tirar Kate dali para fora do que apoiá-la.

“Acho que não sabes” disse o veterano. Ele gesticulou para um dos recrutas mais jovens, um rapaz que tinha mais gordura do que músculo, mas mesmo assim era maior do que Kate. “Tu, vai lá com uma lâmina de prática.

Vamos mostrar à miúda porque é que ela não é talhada para a guerra.”

O rapaz deu um passo à frente, parecendo nervoso quando pegou numa espada de madeira. Mesmo assim, ele colocou-se diante de Kate, ajustando o seu aperto na espada enquanto a erguia, como se a tentar lembrar-se do que estava a fazer.

“Isto não é uma boa ideia” disse Will. “Porque é que nós não...”

“Tu trouxeste-a até aqui” disse o veterano. “Agora lembra-te de qual é o teu lugar nesta companhia e sai do caminho. Se a miúda quer lutar, ela pode lutar.”

Kate estendeu a mão para colocar a mão no ombro de Will. “Tudo bem, Will.”

Ela saiu dali para enfrentar o oponente, erguendo a arma da maneira que tinha feito ao treinar com Will. Os homens ao redor dela riam-se, ou diziam piadas uns aos outros, ou faziam apostas exatamente sobre quanto tempo aquilo duraria.

“A luta continua até que um de vocês ceda” disse o veterano. “Queres ser um de nós, miúda? Tens de nos mostrar que não és fraca. Comecem!”

Os poderes dela deram-lhe muitos alertas sobre os primeiros dois golpes, deixando-a esquivar-se para trás para fora de alcance para que eles atravessassem o ar. Mas os seus poderes não eram um guia perfeito, e Kate ainda tinha de confiar nos seus reflexos e nas suas reações, lutando por instinto, tentando por a sua espada no caminho.

Quando o fez, o impacto desceu pelo seu braço. O recruta que ela estava a enfrentar poderia ter peso a perder, mas ele ainda batia com todo o poder que o seu tamanho lhe dava. A espada de Kate estremecia a cada golpe, e ela sabia que esse rapaz queria magoá-la naquele momento. Ele queria provar aos homens que ele era um deles; que tinha a mesma dureza, a mesma crueldade.

Kate cedia sob os ataques.

Kate pode ver então o quanto Will tinha estado a deter-se quando ele tinha estado a lutar com ela. Não tinha havido este impacto implacável, ou este nível de agressão por trás dos golpes. Apesar disso, Kate cerrava os dentes e tentava contra-atacar. Ela imaginava que ela teria, pelo menos, uma velocidade maior do que o rapaz, embora o peso da lâmina de treino até isso tornasse difícil.

Kate atacava e golpeava, apenas para encontrar os seus golpes bloqueados com tanta violência como havia ocorrido antes com os ataques do rapaz. Kate recuou, tentando pensar se conseguia fingir os ataques do rapaz, talvez, ou deslizar à volta dele com o seu tamanho e agilidade menores.

“Não fiques aí parado!” gritou o veterano. “Ataca-a! Encurrala-a!”

Kate queria reclamar porque o rapaz estava a ser treinado a partir do banco, mas não havia tempo para isso. O rapaz atacou-a, pressionando, forçando a sua lâmina contra a dela enquanto se aproximava. Assim, não houve espaço para Kate usar a sua velocidade, enquanto ele poder usar o seu tamanho e a sua força.

Ele bateu com o punho da sua espada de treino de madeira, com o seu formato arredondado a acertar na mandíbula de Kate. Ela sentiu a madeira a atingir os seus ossos com um baque e, por um momento, o mundo pareceu girar. O rapaz atingiu-a de novo, e ela caiu ficando apoiada num joelho.

“Não pares” disse o veterano. “Se um inimigo está para baixo, acabas com ele!”

Kate tentou levantar a sua espada para bloquear o golpe seguinte, mas, desta vez, o impacto foi suficiente para arrancar a arma da sua mão, atirando-a a

girar para as ervas enlameada. O rapaz atingiu-a uma e outra vez, com a lâmina de madeira. Ele não se reteve, como se fazê-lo fosse demonstrar fraqueza diante dos outros. Em vez disso, o rosto dele ficou avermelhado com o esforço de balançar a espada, como se por Kate ainda lá estar o deixasse ainda mais irritado.

Kate já havia sido espancada antes. Ela sabia que a arte daquilo era absorver os golpes, nunca mostrar dor, apenas aceitar o que não podia mudar.

Ela não podia ceder a isso, no entanto. Em vez disso, ela atirou-se para a frente, tentando enfrentar o rapaz e manter a luta em andamento.

O punho da espada de madeira atingiu-a novamente na mandíbula e ela caiu ficando estendida nas ervas. O rapaz baixou a espada batendo-lhe nos ombros, depois nas costas, obviamente determinado a não parar até que lhe dissessem.

Will aproximou-se, então, arrancando a lâmina das mãos dele com facilidade. Kate supunha que deveria ter ficado grata por ele estar a meter-se, mas, naquele momento, ela sentiu isso como uma demonstração do quão pouco qualificado o oponente tinha sido, que acabava de vencê-la. Will foi ajudá-la, e Kate afastou a sua ajuda, obrigando-se a levantar-se.

“Eu consigo” disse ela.

“Isto é tudo o que consegues fazer” o veterano disparou do lado. “Will, tira essa miúda do nosso campo. Não quero vê-la novamente. O único lugar para as mulheres no exército é como esposas e prostitutas.”

Kate queria cuspir no rosto dele, mas suspeitava que isso só daria lugar a mais um golpe, e naquele momento, ela mal podia suportar aquilo que acabara de ter. Desta vez, quando Will tomou o seu braço, ela deixou-o.

“Vamos” disse Will, “precisamos sair daqui antes que eles decidam fazer algo pior.”

Kate assentiu, deixando-o ajudá-la no campo de treino. Ela nunca se tinha sentido tão humilhada. Ela tinha pensado que conseguia lutar, mas um rapaz maior tinha sido o suficiente para vencê-la. Ela teria adicionado o nome dele à lista de quem ela se queria vingar, mas isso era um problema em si mesmo.

Como é que ela poderia esperar vingar-se se ela não conseguia sequer vencer uma luta num campo de prática? Como é que ela conseguia fazê-lo assim tão fraca, tão impotente?

CAPÍTULO DEZANOVE

Sophia sentiu-se estranha, saindo das terras do castelo e entrando na cidade. Um dos guardas dos portões acertou o passo com o dela, e ela virou-se, olhando para ele, sem saber o que ele queria.

O príncipe tira-nos de funções se deixarmos que algo aconteça.

“Estás a seguir-me porque acha que é o que o Príncipe Sebastian quer?”
perguntou Sophia.

“Sim, minha senhora” disse o guarda.

Uma parte dela queria dizer-lhe que não era o *que* ela queria, porque havia lugares onde ela precisava de ir hoje, que se visitavam melhor sem ninguém estar a observar. Mas ela não o fez, porém, e não apenas porque teria sido suspeito que uma nobre recusasse esse tipo de proteção.

A verdade era que Ashton *era* um lugar perigoso. Só de pensar em lá entrar enchia Sophia com uma sensação de medo por todas as coisas que podiam acontecer. Ela tinha visto o lado mais sombrio da cidade no breve tempo que tinha passado na rua, e pior, ela sabia que ainda poderia haver perseguidores lá fora.

“Muito bem” disse Sophia, tentando pensar na maneira como um nobre o colocaria, “mas uma parte disso é... um assunto delicado. Posso confiar na tua discrição?”

“Absolutamente, minha senhora. Gostarias que eu levasse a sua bolsa?”

Sophia apertou contra si o saco de couro que um servo lhe havia trazido. O conteúdo poderia dar-lhe muitos problemas.

“Não é preciso” disse ela. “Há um presente para Sebastian envolvido.” A mentira veio com bastante facilidade. Era a única coisa em que Sophia podia pensar que poderia garantir que o príncipe não ouviria todos os detalhes.

“Da minha parte, ele não vai ouvir sobre isso” prometeu o guarda.

Primeiro, porém, ela tinha uma mensagem para enviar.

Kate! Consegues ouvir-me?

Ela não obteve uma resposta, é claro. Era demais pedir que o poder delas funcionasse tão facilmente através de uma cidade como através de um quarto.

Mesmo assim, Sophia convocou uma imagem de uma das praças abaixo do palácio, esperando que a sua irmã a captasse e conseguisse vir.

Era impossível saber se Kate tinha recebido a mensagem, pelo que então Sophia iniciou a sua *outra* tarefa na cidade. Ela perguntou ao redor da praça, sendo discreta, levantando pensamentos onde ela precisava até encontrar o

que estava à procura. Era difícil fazê-lo com a presença do guarda poucos passos atrás de si, mas para crédito dele, ele não comentou nem tentou

dissuadi-la. Ela conseguia ver o porquê de tal através dos pensamentos dele.

Os nobres fazem coisas estranhas. Não é o meu lugar.

Quando ela chegou à loja de penhores, Sophia fez o melhor para parecer uma jovem nobre nervosa. Não foi precisa muita representação, apenas alguns pensamentos sobre o que poderia acontecer se as pessoas erradas a vissem aqui. Já era suficiente mau que o guarda ainda estivesse perto de si, observando cada movimento seu.

“Espera aqui por mim” ordenou Sophia, e depois entrou na loja.

No interior, um homem com roupa caras que, obviamente, já tinham sido remendadas muitas vezes, olhou para ela cautelosamente.

“Em que posso ajudá-la... minha senhora?”

“É delicado” disse Sophia.

“A descrição é minha palavra de ordem.”

“Eu encontro-me com poucos fundos na sequência do último baile e, obviamente, nunca mais posso vestir este vestido... estaria interessado nele?”

E ele estava, embora muito abaixo do que ele valia na realidade. Mesmo assim, a pequena pilha de Royals e xelins que ele lhe entregou parecia uma fortuna. Pela primeira vez, o roubo que ela tinha efetuado da roupa parecia ser o que era, porque agora Sophia conseguia ver exatamente o quanto ela havia tirado de Angelica e dos outros.

Ainda assim, ela precisaria do dinheiro para fazer o papel da nobre Sophia de Meinhalt, e não se poderia dar ao luxo de ficar com o vestido até um dia em que ele pudesse ser reconhecido. Era melhor jogar pelo seguro e livrar-se dele.

Ela tinha acabado de concluir a transação quando olhou lá para fora através da janela da loja e viu uma figura familiar nas bordas da multidão.

Sophia viu a sua irmã a assistir como se estivesse pronta para correr ao primeiro sinal de problemas.

Levar um guarda com ela para ver Kate provavelmente não seria uma boa ideia.

“Há uma outra saída daqui?” perguntou Sophia.

“Minha senhora, és *muito* cautelosa para não ser vista” disse o penhorista.

“Não precisas de te preocupar. Há uma razão pela qual estou tão perto do bairro nobre.”

Ele deixou-a sair por uma porta traseira, e Sophia escapuliu-se à volta pelo local onde o guarda estava parado. Ela conseguiu comprar duas tartes de enguia e cerveja no caminho de volta através da praça na direção da sua irmã.

Ela questionava-se de como é que as coisas tinham corrido para Kate nos últimos dias e esperava que tivessem corrido bem. Ela certamente esperava que as coisas tivessem sido menos complicadas com a sua irmã do que com ela.

No momento em que Sophia viu a sua irmã caminhar na sua direção na praça, no momento em que viu o rosto de Kate, ela percebeu que as coisas eram tudo menos simples para ela.

Ela tinha contusões, e parecia que ela tinha um lábio aberto, apenas começando a cicatrizar. Uma das mãos dela estava com uma ligadura, como se de uma queimadura, e ela estava se a mover-se sem a sua energia e força habituais. Sophia correu para ela, envolvendo os seus braços em torno de Kate.

“O que te aconteceu?” perguntou Sophia. “Estás bem?”

“Não é nada” disse Kate, e Sophia pôde ver o seu ar de determinação, o que significava que Kate estava a tentar ser corajosa.

Não podes esconder as coisas de mim, Sophia enviou, e, assim por perto, não era como um envio às cegas através de toda a cidade. *O que aconteceu?*

“Todo o tipo de coisas” disse Kate. Ela pegou numa das tartes de enguia quando Sophia a ofereceu. “É parte do porquê de eu poder ter vindo. Thomas dispensou-me da forja depois de tudo.”

“Foi ele que te fez isso?” perguntou Sophia. Ela não sabia o que podia fazer a alguém que tivesse magoado a sua irmã assim, mas ela iria lembrar-se de alguma coisa.

“O quê?” perguntou Kate. “Não. Isto é... embaraçoso. Eu tentei alistar-me numa das companhias livres.”

“Tentaste alistar-te num regimento?” perguntou Sophia. “E eles *bateram-te* por causa disso? E é daí que são todos esses ferimentos?”

“Não todos” admitiu Kate. “Eu queimei-me quando me atrapalhei na forja.

Ah, e alguns tripulantes da barcaça atiraram-me para fora da barcaça quando eu tentei sair da cidade.”

Isso era a última coisa que Sophia queria ouvir. Ela queria que a sua irmã fosse *feliz*.

“Oh, Kate, porque é que não conseguiste ficar em segurança? Ser o tipo de miúda que gosta de estar sentada na biblioteca e ler?”

“Eu sou, lembras-te?” respondeu Kate. “Eu levei-nos até lá.”

Sophia tinha-se esquecido que a biblioteca tinha sido o primeiro lugar onde elas tinham ido à procura de segurança. Parecia uma vida passada, mesmo tendo sido apenas uma questão de dias.

“Tu irias adorar a biblioteca no palácio” disse Sophia. “Eles têm mais livros do que ninguém poderia desejar ler.”

“Deves adorar aquilo lá, então” disse Kate. “Eu nem consigo acreditar que conseguiste entrar.”

“Não foi fácil” Sophia assegurou-lhe. “Eu tive que entrar sorrateiramente no meio de um baile.”

Sophia começou a contar-lhe a história, e ela observou os olhos da irmã a arregalarem-se em resposta.

“Tu seduziste um *príncipe*?” perguntou Kate, com óbvia descrença.

“Acho que sim... nós seduzimo-nos um ao outro” disse Sophia. Ela não queria pensar no que ela tinha com Sebastian como sendo o tipo de manipulação simples que alguns nobres perpetravam com aqueles que tinham mais dinheiro. “Ele é maravilhoso, Kate.”

“E tu estás obviamente a sair-te bem” disse Kate, com um gesto em direção às roupas ricas de Sophia.

“Sim, eu...” Sophia hesitou, então abanou a cabeça. “É perigoso aqui também. Já há pessoas a fazerem perguntas, perguntando quem eu sou. Eles podem não me estarem a bater, mas há miúdas lá que... eu aborreci-as quando Sebastian me escolheu. Elas não se vão esquecer.”

Kate estendeu a mão para colocar uma mão no seu braço. “Parece que devemos ambas ser cuidadosas. Tens a certeza que estás a fazer o que é certo?”

“Tu estás...?” ripostou Sophia. Ela não podia deixar que Kate visse a verdade: que ela não tinha a certeza. Que havia uma parte dela que queria se afastar de tudo antes que corresse muito mal. Ela tinha algum dinheiro. Ela e Kate podiam pegar num barco no rio e sair da cidade. Exceto... que ela não tinha a certeza de conseguir deixar Sebastian tão facilmente.

“Eu preciso fazer isso” disse Kate. “Estas contusões não são nada. Eu *vou* aprender a lutar. Eu *vou* chegar a onde eu não tenha de depender de *ninguém*.”

Para Sophia, ela parecia estar a tentar convencer-se a si própria, mas Sophia

não disse nada. Ela sabia o que era querer acreditar que as coisas acabariam bem, mesmo que houvesse tantas coisas que pudessem dar errado.

“E” disse Kate, “há um rapaz. O seu nome é Will.”

A sua irmã parecia esperançosa agora. Sophia conhecia aquele tom, porque ouvia isso na sua própria voz quando falava sobre Sebastian.

“Conta-me sobre Will” disse Sophia com um sorriso.

“Ele é maravilhoso” disse Kate. “Era para o seu regimento que eu ia, e...”

“E estavas a tentar impressioná-lo?” perguntou Sophia.

Kate ficou um pouco envergonhada. Um pouco...”

Sophia colocou um braço em volta da sua irmã. “Kate, não devias estar a fazer coisas que te podem vir a magoar.”

“Tu também não” respondeu Kate. “Parece muito perigoso no palácio.”

Ela parou por um momento. “Ainda poderíamos fugir. Vem comigo agora.

Podemos ir, sair da cidade e encontrar outro lugar.”

Sophia desejava poder. Ela não queria nada para além de cuidar da sua irmã e de se certificar de que ela nunca mais fosse magoada.

“Eu não posso” disse ela em vez disso, mesmo custando-lhe fazê-lo. “Eu tenho que fazer isto. Eu tenho de voltar.”

Kate abraçou-a. “Tens a certeza?”

Sophia não tinha certeza, mas não podia deixar a sua irmã ver isso.

“Podes contar comigo” disse ela em vez disso. “Se eu te ouvir a chamar, eu virei.”

“Eu também” prometeu Kate. “Onde quer que tu estejas, onde quer que tu vás, eu irei se tu precisares de mim. Farei uma tempestade no palácio se o tiver de fazer.”

Ela provavelmente faria, e só de pensar nisso Sophia sorriu.

“Entretanto, leva isto” disse Sophia, pressionando a maioria das moedas que ela tinha obtido pelo vestido na mão da sua irmã. “E Kate? Que tal tentares gastar mais tempo nas bibliotecas do que a ser espancada?”

Ela viu a sua irmã assentir.

“Talvez o faça” disse Kate. “Talvez o faça.”

Kate voltou a atravessar a cidade, verificando, como habitualmente, se havia alguém que lhe quisesse fazer mal. A luta nos campos de treino havia-a ensinado que havia sempre alguém que iria tentar prejudicá-la. Onde quer que ela fosse, alguém iria gostar de provar que era mais forte, ou que ela não valia nada.

Ela quase tinha pedido a Sophia para ajudá-la a sair de tudo no que ela estava envolvida, quase pediu à sua irmã mais velha que a deixasse fora de perigo como uma criança indefesa. Se ela não tivesse conseguido ver o quão precárias eram as coisas para Sophia também, Kate poderia até ter feito isso.

Ou talvez não. Não antes de ela ter aprendido a lutar. Não antes de ela ter a sua vingança. A sua irmã tinha sido capaz de lhe dar uma pista de como o fazer, pelo menos.

Ela não tinha ido à biblioteca do centavo desde o dia em que ela e Sophia tinham fugido da Casa dos Não Reclamados. Mesmo agora, aproximar-se da velha estrutura parecia um movimento estúpido, porque, e se alguém estivesse a ver, à espera que ela o fizesse? Kate só podia esperar que nem mesmo as freiras mascaradas fossem tão vingativas. Elas tinham mais miúdas para além dela para atormentar, afinal.

Ela entrou sorrateiramente lá para dentro, acreditando que Geoffrey estava lá na mesa exterior, lançando o que ele provavelmente pensava ser um olhar severo sobre aqueles que tentavam entrar. Quando Kate se aproximou, ela pôde ver a sua surpresa.

“Kate, eles não te apanharam. Eu... fico contente. E desculpa-me por eu não me ter atrevido a esconder-te.”

Kate não lhe disse que o perdoava. Ela não tinha o hábito de perdoar as pessoas. Mesmo assim, ela ignorou-o, tirando um centavo do dinheiro que Sophia acabara de lhe dar.

“Eu quero usar a biblioteca. Vais chamar os vigias enquanto eu o fizer?”

“Não, claro que não. E não precisas de pagar. Eu devo-te isso, pelo menos.”

Ele devia mais do que isso, mas, por enquanto, Kate estava disposta a ignorá-lo. Havia coisas que ela precisava saber, e Geoffrey tinha sempre teve uma boa noção de onde encontrar as coisas na organização caótica da biblioteca do centavo.

“Onde posso encontrar livros sobre combates, Geoffrey?” perguntou Kate.

“*Existem* livros sobre isso?”

Geoffrey estendeu as mãos. “Existem. Nós temos histórias de alguns dos

grandes guerreiros do passado e manuais sobre a guerra moderna com lanças e mosquetes. Há até um par de livros escritos pelos mestres da espada do continente.”

Kate começou com aqueles, porque eles pareciam os mais promissores, mas, de certa forma, eram os livros mais decepcionantes que tinha lido. Um continha linha após linha uma série de ilustrações, mas não tinha palavras para acompanhá-las, e pareciam estar numa ordem completamente aleatória.

Outro estava escrito numa das línguas de toda a Água-Faca, e mesmo sem saber as palavras, Kate podia ver que era mais sobre mostrar quantas coisas o escritor sabia do que as ensinar. Era uma maneira de proclamar as suas aptidões, ou talvez garantir um posto como mestre de esgrima, e não algo desenhado para aprender.

Ela começou a ler os livros que se focavam nos contos dos grandes guerreiros do passado: Renaud de Bevan, o insular McIlty. Kate pôde ver desde o início que eram apenas coleções de contos populares, e mesmo as partes que falavam sobre como tinham alcançado a sua grande força não pareciam nada que Kate conseguisse fazer. Transportar um bezerro nos seus ombros todos os dias até ela crescer? Lutar com todos os homens que conhecesse até que todos estivessem afastados dela? Parecia impossível.

O livro seguinte não pareceu muito melhor. Era um volume magro e estranho, que parecia ser um meio manual de espadas, meio fantástico sobre a vida de um espadachim chamado Argent. Parecia promissor no início, porque o seu trabalho afirmava que ele vinha de Ashton, mas havia fragmentos que pareciam pura ficção. Havia mesmo uma secção que afirmava que ele tinha começado a vida como um espadachim habilidoso, mas fraco, mas tinha ganhado força ao ir a uma clareira da floresta ao sul da cidade e ao enganar os espíritos que encontrou numa fonte lá. Estava completo com um mapa, alegando mostrar o local onde ele tinha ido e apontando para sinais que levavam até lá: um marcador de caminho, um conjunto de passos de pedra e muito mais. Kate suspirou e posou o livro com mais força do que provavelmente deveria.

“Cuidado, Kate” avisou-a Geoffrey. “Sabes que é melhor não danificares os livros que outros podem querer ler.”

“Não consigo ver ninguém que queira ler isso” Kate ripostou.

“Espadachins que obtêm a sua força a partir de fontes mágicas? Mestres de lâminas imbatíveis que aparecem do nada? É um absurdo.”

Ela viu Geoffrey olhar para o livro. “Essa é a história de Argent, não é?”

Sim... sim, tens razão... deves ignorá-lo.”

Eu não quero que ela acabe como ele acabou. É melhor se ela achar que é uma fábula.

“Geoffrey” disse Kate, “o que é que não me estás a contar? Esse Argent era uma pessoa real.”

“Não, acabei de te contar...”

Real e perigoso.

“Geoffrey” disse Kate com um tom de advertência. “Não me ajudarias quando eu precisasse de ti. Tu estás em devida para comigo. Diz-me a verdade.”

Geoffrey pareceu esmorecer, olhando para baixo.

“Argent era um espadachim quando eu era jovem” disse ele. “Ele não era muito bom. Então ele foi-se embora da cidade. Não por muito tempo.

Certamente não por tempo suficiente para ser tão bom quanto era quando voltou. Ele derrotou d’Aquisto e Newman um após o outro em ataques de treino! Quando as pessoas lhe perguntaram como ele o fez, ele falou sobre uma fonte ao sul da cidade, e isso foi tudo o que ele alguma vez disse sobre isso.”

“Estás a dizer que é real?” perguntou Kate. “Estás a dizer que eu poderia...”

“Não, Kate” insistiu o bibliotecário. “Não poderias. Porque sabes o que aconteceu com Argent? Ele desapareceu, no auge dos seus talentos. Ele lutou contra todos que havia para lutar, ele escreveu o seu livro, e depois ele *desapareceu*. Há quem diga que os sacerdotes da Deusa Mascarada o levaram, mas há outros... outros que dizem que foi outra pessoa ou outra coisa.”

Kate pôde sentir o medo a sair de Geoffrey naquele momento. Ele estava a falar a sério sobre isso, mas essa seriedade não a fez partilhar o medo dele.

Em vez disso, essa seriedade entusiasmava-a, porque significava que era real.

Essa fonte podia existir.

“Promete-me, Kate” disse ele. “Promete-me que não vais procurar isso. É perigoso.”

“Eu prometo” disse Kate, levantando a mão como para fazer juramento.

Ao mesmo tempo, ela ficou a pensar no mapa que tinha visto no livro, tentando lembrar-se dos seus detalhes.

Pareceu ser suficiente para Geoffrey. Kate ouviu-o suspirar de alívio e voltar

para os seus livros enquanto Kate pensava no seu próximo passo.

Era ela que conseguia ler a mente do bibliotecário e não o contrário. Isso significava que ele não conseguia ver o que Kate realmente pretendia.

Isso significava que ele não conseguia ver a mentira.

CAPÍTULO VINTE

Sophia voltou para o palácio, entrando o mais silenciosamente possível, mas incapaz de evitar os olhares de algumas pessoas lá. Ela viu os servos apressando-se ao vê-la, e perguntou-se para quem é que eles se estavam a apressar para contar. Ela viu Angelica a olhar para baixo a partir de uma varanda, com uma expressão de trovão.

Algo estava a acontecer, e as pessoas estavam a mover-se muito depressa para que Sophia conseguisse fixar-se num qualquer para descobrir o que se passava. Ela tinha impressões vagas de violência e tensão, de homens que se preparavam para o conflito. Porém, porque é que Angelica ficaria chateada com isso? Não fazia sentido.

Por um momento, a incerteza de tudo foi quase o suficiente para fazer Sophia se virar e voltar para a cidade, porque algo tinha de estar errado, e naquele momento, a única coisa que Sophia conseguia pensar era que eles poderiam ter descoberto sobre si. Se eles soubessem, ela precisava de fugir e fugir agora.

Se esse fosse o caso, porém, Angelica não pareceria triunfante? Porque é que ela não estaria ali para se regozijar ao ver Sophia a ser rebaixada? Esse pensamento foi suficiente para fazer Sophia continuar, entrando pelo palácio, à procura de respostas. À procura de *Sebastian*.

Ela não precisou de procurar longe para encontrá-lo. Ele estava à espera de ela na entrada dos seus quartos, parecendo surpreendentemente um soldado num sobretudo de azul real, com uma espada pendurada no seu quadril. Ele estendeu uma mão enluvada em direção a Sophia, e ela agarrou nela.

“Sebastian? Está a acontecer alguma coisa?”

Sebastian assentiu. “Muitas coisas. Para começar, tenho um dia planeado para nós.”

Ele sorriu ao dizê-lo, sem dizer mais. Nos pensamentos dele, Sophia apanhou uma miscelânea de coisas. Havia... um barco?

Havia, na verdade, um barco. Sebastian caminhou com Sophia até um pequeno afluente do rio que atravessava a cidade, cercado pelos jardins do palácio, com os pica-peixes a esvoaçar numa das raras manchas claras de água em Ashton. Havia um pequeno barco, esculpido com dragões e dourado

até brilhar, com um quarteto de homens de um azul hepático nos remos e um sofá num pequeno convés acima.

Sebastian ajudou-a a entrar, e o barco deslizou das suas amarras com golpes suaves. Nas ervas da margem do rio, um par de faisões dourados pavoneavam-se, enquanto Sophia pensava que podia ver cervos ao longe.

“É lindo aqui” disse Sophia. “Mais bonito do que o resto do rio.”

“Estamos bastante a montante” disse Sebastian. “Antes que a cidade a tenha afetado demais.”

Sophia adivinhou que Ashton poderia pegar em qualquer coisa e transformá-la em algo feio. Certamente, isso aconteceu com as pessoas muitas vezes, endurecendo-as em formas dispostas a tirar qualquer coisa aos outros. De alguma forma, no meio de tudo, Sebastian não era assim. Ele era amável, generoso e perfeito.

Eles remavam pela cidade para outro trecho de vegetação, onde os salgueiros se arqueavam sobre a água, e um pequeno pântano levavam a um jardim cheio de flores coloridas, que por sua vez atraíam abelhas vibrantes e borboletas de cores vivas. Havia também um cobertor espalhado, com um piquenique colocado sobre ele.

“Planeaste tudo isso para mim?” perguntou Sophia.

“Tudo isso e mais” assegurou Sebastian. Ele gesticulou para um local onde um cavalete estava instalado logo além do cobertor de piquenique, e uma mulher com um avental de artista estava lá, já a trabalhar no fundo da cena do jardim.

“Quem é?” perguntou Sophia.

“Laurette van Klet” disse Sebastian. “Ela vai ser um grande artista, maior do que Hollenbroek, quando os nobres por aqui virem o seu trabalho. Não pude pensar em ninguém melhor para te pintar.”

“Para *me* pintar?” perguntou Sophia. Até a ideia disso a surpreendeu um pouco. A ideia de que alguém quisesse pintá-la parecia algo irreal, algo impossível. As pinturas que ela tinha visto no palácio eram de príncipes e reis, rainhas e nobres. Havia também figuras alegóricas, cenas mitológicas e mulheres de grande beleza. Não havia nenhuma órfã que Sophia tivesse visto.

“Não deixes que a minha presença te distraía” disse a mulher. “Eu não uso nada a formalidade enfadonha dos retratos dos outros. Continua como estavas.”

Era um sentimento estranho, pedirem-lhe para que se divertisse da mesma

maneira que um general poderia ter ordenado as tropas para a batalha.

Mesmo assim, Sophia tentou, sentada no cobertor de piquenique enquanto Sebastian se aproximava dela, oferecendo-lhe um ovo de codorniz.

Era tão bonito, ali ao sol, a morder frutas cristalizadas e doces, beijando Sebastian, apenas desfrutando desse espaço fechado que o resto do mundo parecia não conseguir tocar. Sophia mantinha-se perto de Sebastian, e era fácil perder-se na sua presença, de tal modo que, apesar do artista estar pouco afastado, e apesar dos remadores que os tinham levado lá, Sophia sentia-se como se estivessem sozinhos no mundo.

Então os remadores trouxeram instrumentos do barco e começaram a tocar, harpa, flauta, tambor e alaúde. A enorme incongruência fez com que Sophia se risse.

“Ali!” gritou Laurette. “Eu quero capturar o teu rosto assim.”

Para surpresa de Sophia, ela não pediu a Sophia para segurar a postura. Ela apenas colocou a ponta dos seus dedos nas têmporas dela, como se estivesse a tentar perfurar o momento no seu cérebro.

“É o dom dela” disse Sebastian. “Ela consegue lembrar-se de um momento e pintá-lo perfeitamente.”

“Porque é que o irias pintar de outra maneira?” perguntou a artista, soando surpreendida pela própria ideia.

Sophia podia vê-la a olhar para si, desde a forma como ela estava de lado até à forma como o seu vestido tinha subido até à barriga da perna. Pelos padrões dos retratos enfadonhos que ela tinha visto no palácio, este provavelmente seria revolucionário, ou pelo menos chocante.

Sophia ficou ali, e agora era um sentimento estranho, saber que alguém estava a ver cada movimento que ela fazia. O que é que a mãe de Sebastian pensaria do retrato? Isso faria com que a viúva pensasse que ela era uma pessoa ainda menos aceitável para o seu filho do que deveria ter pensado depois do jantar na outra noite?

“Tudo isto” disse Sophia. “Tenho a sensação de que te estás a esforçar por me impressionares, Sebastian.”

“Não deveria?” ele contrapôs. “Eu dar-te-ia o mundo se me deixasses.”

Era uma daquelas coisas que soavam como se fosse demasiado romântico para ser verdade, mas Sophia podia ver que Sebastian estava a ser sincero, exatamente como ele o disse. Ele literalmente dar-lhe-ia qualquer coisa; queria dar-lhe tudo.

Parecia ter começado com as melhores iguarias que as cozinhas do palácio poderiam produzir. Havia fatias de veado assado em pão preto, tortas doces que continham bagas dos jardins do palácio, cobertas com açafrão que deviam ter entrado num navio mercante. Havia mesmo uma torta que tinha ganso, pato e codorniz, todos em camadas dentro um do outro.

“Tudo isso.” Sophia abanou a cabeça. “É suficiente que tu estejas aqui comigo.” Ela ficou ainda mais surpreendida por ver que *ela* também estava a ser sincera. Ela havia chegado ao palácio com a intenção de garantir uma vida melhor para si mesma, mas naquele momento ela não teria se importado de estar numa barraca, desde que Sebastian estivesse lá com ela. “Não precisas de sair do teu caminho para fazer qualquer outra coisa.”

“Isso é uma coisa amável de se dizer” disse Sebastian. “Mas eu quero que tudo seja perfeito para ti.”

Era perfeito. Desde que ela tinha chegado ao palácio, era como se ela estivesse a andar num sonho, e não um dos sonhos que a atormentavam de noite, com imagens meio lembradas de uma casa em chamas, atravessando corredores com a sua irmã. Este tinha sido, em vez disso, o tipo de sonho que parecia impossível na sua beleza, oferecendo coisas que Sophia assumira que não chegariam a ver a luz do dia.

No entanto, aqui estava ela, com um príncipe do reino, comendo os melhores alimentos, sendo-lhe tocadas serenatas por músicos qualificados, tendo o seu retrato pintado. Se alguém lhe dissesse que isso iria acontecer mesmo poucas semanas atrás, Sophia teria assumido que era uma piada e uma cruel. Ela teria assumido que era apenas uma maneira de piorar a sua orfandade com a promessa de que não poderia chegar a isso.

“Está tudo bem?” perguntou Sebastian, estendendo a mão para ela.

Sophia pegou nas mãos dele, beijando-as. “Apenas lembranças do passado.”

“Eu não quero que nada esteja errado hoje. Quero pelo menos um dia perfeito, antes...”

Sophia inclinou a cabeça para um lado. “Antes do que, Sebastian?”

Ela viu a resposta para isso antes de ele a dizer, e ela já estava a desanimar com as palavras que ela tirou da mente dele quando ele falou.

“Já ouviste falar que as guerras estão a piorar?”, disse Sebastian. Ele abanou a cabeça. “O que é que eu estou a dizer? Tu própria viste como as coisas ficaram más, com todos os diferentes lados, as pequenas guerras.”

“Mas eles não estão aqui” salientou Sophia. Ela desejava poder fazer mais do que isso. Ela desejava poder fazer com todas as guerras, ameaças e

preocupações se afastassem de Sebastian.

“Ainda não” disse Sebastian, “mas as guerras são como pequenos riachos que fluem para um rio, e esse rio está a fluir na nossa direção. Quando havia uma dúzia de lados a lutar entre si, era fácil ignorar, e ser uma ilha ajudou por um tempo, mas agora, com tudo aqui... há aqueles que acham que somos fracos.”

“E então vais mostrar-lhes que não és” disse Sophia. “Esperando que eles não contra-ataquem.”

Havia mais amargura nisso do que ela pretendia. Ela tinha visto em primeira mão o que a violência conseguia fazer, mesmo que não tendo estado na guerra. Mais do que isso, ela ficou preocupada com Sebastian. Ela não queria arriscar que ele fosse ferido.

“É algo que é necessário” disse Sebastian. “Mais importante, não é algo sobre o qual eu tenha muita escolha. A minha mãe decidiu que eu preciso parecer mais como um verdadeiro príncipe.”

Sophia ter-se-ia rido com isso se não fosse tão sério. Sebastian ia para a guerra, onde não havia garantias de segurança. Onde qualquer coisa poderia acontecer.

“Mais como Rupert, queres tu dizer? Confia em mim; em comparação com ele, em comparação com *qualquer um*, tu és o príncipe perfeito.”

“Quem me dera que fosses apenas tu a tomar a decisão” disse Sebastian.

“Então eu poderia ficar aqui contigo. Assim, a minha mãe diz que eu tenho de parecer como um príncipe para a Assembleia dos Nobres. Foi por isso que me foi atribuída uma comissão. Vou ser um oficial na cavalaria da casa real.”

“Esforçando-te para ser o mais arrojado possível?” perguntou Sophia, mas no mesmo instante em que perguntou, ela sentiu-se a ficar destruída.

Mais do que isso, uma sensação de suspeita começou a crescer dentro de si. Tinha havido guerras no continente desde que Sophia se conseguia lembrar, mas só *agora* a mãe de Sebastian o estava a enviar para participar?

Era realmente sobre algum aumento da violência, ou a viúva estava à procura de uma maneira de separar o seu filho da miúda que ele acabara de conhecer?

Sophia sabia que a mãe de Sebastian não confiava nela.

Ou talvez Rupert o tivesse feito. Talvez o irmão mais velho tivesse sussurrado as coisas certas nos ouvidos da sua mãe sobre fazer de Sebastian um homem ou sobre a necessidade de ser visto a sair-se bem nas guerras.

Sophia tinha visto o ciúme quando os dois tinham estado juntos. Ela também tinha visto o que ele queria dela. Era isso apenas uma maneira de a isolar?

Sophia não queria pensar mais sobre o que isso poderia significar. Havia o risco para Sebastian, o perigo que vinha com uma guerra... mas também o problema mais prático de que ele não estaria ali. Na melhor das hipóteses, ela ficaria no palácio à espera dele. Na pior das hipóteses, eles poderiam pedir que ela se fosse embora no momento em que a proteção dele se fosse embora. Eles poderiam expulsá-la de uma maneira que seria um pequeno insulto para um verdadeiro nobre, mas que seria devastador para ela.

“Não tenhas medo, Sophia” disse Sebastian. “Tenho a certeza de que não estarei em perigo, e, também, não deixarei que nada te aconteça. Isso é parte do porquê de eu fazer tudo isto. Eu quero certificar-me.”

Sophia franziu a testa um pouco. “Queres certificar-te do quê?”

“Que vais dizer sim.”

Sophia ficou petrificada e Sebastian levantou-se, voltando para o espaço onde o barco deles estava amarrado. Havia algo na sua mão, e quando Sophia viu que era uma caixa de joias, ela mal ousou respirar. Ela conseguia pensar em pelo menos uma coisa que Sebastian poderia fazer, que explicaria muito do que estava a acontecer hoje. Algo que também ajudaria muito a explicar o quão furiosa Angélica havia parecido estar no palácio.

Quando Sebastian se colocou sobre um joelho, Sophia levantou-se surpresa, mas isso só facilitou que ele pegasse na mão dela, segurando-a, enquanto abria a caixa que segurava.

O anel lá dentro brilhava de ouro branco, com diamantes que deveriam ter vindo do outro lado do mundo e safiras profundamente roxas que eram quase igualmente raras. A aliança era uma coisa de fios entrelaçados, numa trança delicada e elegante. Era o tipo de anel em que um joalheiro mestre provavelmente havia trabalhado durante dias, e tinha um sentido de antiguidade que sugeria que provavelmente tinha sido uma herança real desde bem antes das guerras civis.

“Sophia” disse Sebastian. “Eu teria querido ter o meu tempo antes disso, mas a verdade é que eu já sei o que quero quando se trata de ti, e eu... eu quero fazer isto antes de ir. Eu quero que sejas minha esposa.”

“Estás a pedir-me em casamento?” perguntou Sophia.

Sebastian assentiu.

Só havia uma resposta para isso. Tal acabou com qualquer objeção que

Sophia pudesse ter pensado, qualquer preocupação que ela pudesse ter tido sobre como as outras pessoas poderiam reagir. Ela puxou Sebastian para os seus braços, segurando-o firmemente enquanto o beijava.

“Sim, Sebastian! Sim, caso-me contigo.”

CAPÍTULO VINTE E UM

Kate quase bateu na mão dela três vezes no dia seguinte, ela estava tão distraída. Ela continuava a olhar para o local onde o seu cavalo roubado estava amarrado, mastigando feliz ervas e aveia velha. A primeira vez que aconteceu, Thomas riu-se e disse-lhe para ter cuidado. A segunda vez, ele franziu a testa.

Desta vez, ele parou enquanto forjava um conjunto de ferraduras, deixando as chamas abafarem-se de volta para um brilho alaranjado.

“Não, não pares por causa de mim” disse Kate. “Se parares de trabalhar o metal, irá...”

“Eu sei o que vai fazer” disse Thomas. “Mas eu preferiria desperdiçar o esforço do que ter-te a ti a partir todos os seus nódulos dos dedos por balançares um martelo cego.”

Kate também não queria isso, mas estava disposta a correr o risco se a alternativa fosse desapontar o ferreiro. Ela não ia arruinar o trabalho dele só porque ela estava ocupada a sonhar com fontes que poderiam conceder habilidades com uma espada.

“O que foi?” perguntou Thomas. “O Will está lá fora a distrair-te?” Ele foi até à janela. “O cavalo? Estás a pensar em nos deixar, Kate?”

Havia uma nota de decepção nisso, e Kate poderia entendê-lo. Thomas tinha-lhe dado tanto, e aqui estava ela, sem prestar atenção ao trabalho que ele tinha para ela.

“Não é isso” disse Kate. “É só... ouviste o que aconteceu no campo de treinos?”

Ela viu Thomas a abanar a cabeça e imaginou que ele tivesse obtido os detalhes de Will. Ou isso, ou um dos soldados tinha falado sobre isso ao vir para arranjar um dente de uma greva ou um capacete.

“Existe um lugar onde eu poderia aprender a lutar” disse ela.

“Irias para lá e não voltarias?” perguntou Thomas.

“Eu voltaria” insistiu Kate. “Eu não quero deixar de estar aqui.”

Ela ficou surpreendida ao descobrir que era verdade. Esta era a primeira vez

que ela tinha tido algo como se fosse uma verdadeira casa; a primeira vez que ela tinha tido pessoas que pareciam preocupar-se com ela. Até Winifred parecia estar a caminho disso. Era apenas porque estava profundamente preocupada com o bem-estar do seu filho e do seu marido. Este era o primeiro lugar onde Kate tinha sentido como se estivesse a fazer algo útil.

Depois, havia Will. Kate não a tinha certeza do que havia com Will, ainda não. Ela nunca tinha tido a oportunidade de ver rapazes como qualquer coisa, a não ser como intimidações e ameaças, mas agora aqui estava um e ela gostava dele. Ela gostava muito dele.

“Então, parece que deverias ir” disse Thomas. “Antes que a tua distração signifique que te magoes a ti própria.”

“Mas...” começou Kate. Ela tinha pretendido terminar o trabalho do dia, pelo menos.

Thomas abanou a cabeça. “Eu safo-me sem uma aprendiz mais um dia.

Ou dois, se precisares. Vai tratar das tuas coisas. Eu vou tentar salvar estas ferraduras.”

Kate não precisava de um segundo convite. Ela correu para o cavalo que ela tinha roubado, olhando em volta até encontrar o material para andar a cavalo e, depois, começou a apertar tudo no lugar. Ela estava a meio disso quando viu Will sair da casa.

“Kate! Tu não vais, pois não?”

Ele parecia preocupado que ela pudesse ir, talvez preocupado que ela quisesse ir-se embora depois do que tinha acontecido com o seu regimento.

“Eu não me vou embora para sempre” disse Kate, e sorriu ao pensar que era o tipo de coisa que um rapaz poderia dizer quando ele estava a ir para a guerra. “É só... há coisas que eu preciso de fazer. Eu preciso de ficar mais forte.”

“Porquê?” perguntou Will. “Tu estás em segurança aqui. Eu poderia protegerte.”

Kate abanou a cabeça. Isso não era bom o suficiente. Ela não queria apenas estar segura quando Will estivesse por perto para protegê-la. Ela não queria ter de confiar noutra pessoa para ficar segura, mesmo nele. Ela queria ser forte por direito próprio, e agora havia uma maneira.

“Eu poderia ir contigo” sugeriu Will.

“Eu acho que preciso fazer isto sozinha” disse Kate, porque qualquer outra coisa significaria explicar exatamente o que ela pretendia. Mesmo depois de tudo o que Geoffrey tinha dito, ela ainda tinha dificuldade em acreditar que

poderia haver uma fonte mágica que pudesse torná-la imbatível. Tentar explicar isso ao Will seria ainda pior.

“Pelo menos tenta ficar em segurança?” disse Will, movendo-se para ficar perto dela. Tão perto que, por um momento, Kate pensou que ele iria beijá-la.

Porém, ele não o fez e Kate sentiu uma certa decepção por isso.

Talvez quando ela voltasse.

“Sim, vou tentar” disse Kate. “E volto em breve, vais ver.”

Ela voltaria. Com a força que conseguisse da fonte, ela poderia fazer todas as coisas que queria.

A viagem até a floresta levou mais tempo do que Kate esperava. O seu cavalo era forte e rápido, mas Kate não era uma cavaleira assim tão experiente para enviá-lo para sul num galope completo. Em vez disso, ela cavalgou a um ritmo constante, mantendo-se nas largas e pavimentadas estradas ao início, depois saindo para os trilhos de terra com as árvores a aparecerem.

Ela tentou lembrar-se do mapa que estava no livro. O ponto marcado era específico, mas ela não tinha visto o mapa por muito tempo. Tinha havido algo sobre marcadores de caminho e uma escada. Kate só esperava que fossem óbvias.

E eram. Ela encontrou o primeiro deles antes de chegar à floresta. Era um bloco de pedra, com desenhos suavizados pelo tempo e pelo clima. Os dedos de Kate rastrearam um padrão que poderia ter sido uma fonte, ou poderia ter sido a goela de uma grande besta. Havia uma flecha cortada na pedra, apontando para um caminho menor. Kate foi por lá.

Lentamente, a folhagem começou a cercar Kate, pressionando até que ela teve de desmontar e levar o cavalo. Ela não queria deixá-lo, mas o trilho estava a ficar demasiado estreito pelo que ela poderia ter de o fazer se as coisas continuassem assim.

Ela vislumbrou pedra trabalhada junto do trilho, e isso era um tal contraste com os ramos emaranhados que a puxavam que ela parou, olhando-a mais de perto. Kate afastou um emaranhado de hera com o pé, e viu que debaixo dele havia o bloco de pedra de um passo. Outro estava acima dele, e outro, num conjunto de passos na pedra que tinham estado quase perdidos para o tempo e para o musgo.

Kate amarrou o seu cavalo naquele momento, tirando uma faca das suas alforjas e a espada de madeira que ela tinha feito como uma maneira de praticar a conceção de lâminas. Ela usou a lâmina de madeira para limpar

uma parte da folhagem emaranhada à frente de si, cortando com a faca sempre que precisava de uma ponta afiada.

Ao cortar ela revelava mais pedra sob a forma de outro marcador, esse quase tão alto quanto ela. Tinha símbolos esculpidos, nas linhas e remoinhos de uma linguagem que não tinha nada a ver com o reino. Havia outra coisa também: uma imagem de uma fonte.

A respiração de Kate susteve-se perante aquilo, e ela apressou-se no resto dos passos, ousando esperar que tudo fosse real. Ela tinha tido a certeza de que tudo aquilo era uma história, e, portanto, que ela não seria capaz de encontrar a fonte, mesmo que existisse. Agora, parecia que tal poderia estar a pouca distância.

Os pés de Kate escorregavam e tropeçavam enquanto ela subia os degraus de pedra, com o musgo a aparecer por baixo dela, enquanto os espinheiros que pareciam sólidos quando ela os puxava provavam não serem grande coisa. Ela acabou por se apoiar na sua lâmina de treino da mesma forma que alguém poderia ter usado um bastão, usando-o para testar o chão à frente dela enquanto ela subia os passos em ruínas. Cada um parecia projetado para desafiá-la enquanto ela caminhava para a frente.

“Espero que a fonte valha a pena” disse Kate enquanto ela subia.

Embora não fosse tão longe, a subida foi bastante difícil e levou-lhe longos minutos para chegar ao topo. Quando o fez, havia outro caminho curto através de árvores ainda mais densas, que pareciam bloquear a luz, transformando o mundo em algo estranho e desconhecido. Elas se entrelaçavam para formar uma espécie de arco frondoso, e Kate atravessou-o, para um espaço aberto do outro lado.

Não havia árvores aqui, apenas mais da pedra antiga que ela tinha escalado para chegar aqui. A pedra estava nas ruínas de algo que parecia muito mais velho, com fragmentos de paredes a saírem das ervas como dentes, e colunas partidas que pareciam que se erguiam sobre as ervas. Todas elas eram as relíquias em ruínas de algum tempo muito anterior, antes das guerras civis, talvez antes do reino.

A fonte estava no centro, e um olhar para ela fez Kate ficar destroçada.

Noutro momento, podia ter sido impressionante. Era larga e escura, cortado da pedra local tão finamente que parecia ser uma extrusão natural da paisagem em vez de uma estrutura artificial. Tinha uma forma de concha larga, ondulando-se para cima com uma estátua de pé no centro que poderia ter sido uma mulher em tempos, mas agora estava tão coberta de musgo que era difícil dizer.

A fonte já não estava a fluir.

Isso, mais do que o resto, disse a Kate quão inútil era a sua jornada agora.

A pedra desmoronada não era promissora, mas, em última análise, não significava nada. No entanto, ela tinha vindo por uma fonte. Ela tinha assumido que poderia haver algo especial sobre a água lá, algo mágico.

Agora que não havia água, parecia como se ela se tivesse deixado entusiasmar pelo que Geoffrey lhe havia dito. Parecia estúpido, gastar o seu tempo aqui em vez de na forja, a criar a espada que era atualmente apenas de madeira.

Kate sentou-se de costas para a fonte, fechando os olhos para afastar as lágrimas. Tinha sido tão estúpida por vir aqui. Estúpida por pensar que ela poderia ser tão forte quanto os rapazes do regimento de Will. Tinha sido um sonho vazio.

“Porque que é que uma fonte tornaria alguém forte?” Kate exigiu saber da floresta ao redor dela.

“As fontes não conseguem” disse uma voz de mulher. “Mas se as pessoas estão à procura de uma fonte, é mais fácil para mim encontrá-las.”

Os olhos de Kate abriram-se, e ela levantou-se, segurando a sua espada de madeira na frente dela. Uma mulher estava ali, vestindo uma túnica com capuz de um verde de floresta profundo. Ela tinha cabelos escuros que pareciam estar emaranhados com hera, e olhos de um verde folha que pareciam combinar com as plantas ao seu redor. Ela era mais velha que Kate, talvez trinta, mas com um olhar que dizia que ela poderia ser ainda mais velha do que isso.

“Já fui ameaçada com muitas coisas antes” disse a mulher. Ela afastou suavemente a lâmina de prática de Kate. “Nunca com uma vara.”

“Eu...” Kate baixou a arma. “Desculpa, apanhaste-me de surpresa.”

“Mas tu vieste a este lugar” disse ela. “Vieste procurar ajuda, ou não estarias aqui.”

“Eu simplesmente não estava à espera...” começou Kate. Ela percebeu que ela deveria parecer uma idiota. “Quem és tu?”

Instintivamente, Kate estendeu a mão para ler a mente da outra mulher, mas tudo o que ela encontrou era algo que se sentia tão sólido como um muro. A tentativa dela de a atravessar não resultou e Kate olhou para a outra mulher em choque.

“Eu sou alguém que não é assim tão fácil de ler por um dom como o teu” respondeu ela, embora ela não parecesse irritada com a intrusão. quanto

muito, ela parecia feliz por isso, o que foi uma reação que Kate não esperava.

“E agora tu estás a questionar-te se nós somos iguais. Nós não somos iguais, miúda. A minha é uma versão muito mais sombria dos teus poderes. E muito mais retorcida. Uma com a qual deves ter cuidado em não te intrometeres demais.”

De repente, Kate sentiu um instante da mente desta mulher, como se fosse enviada para ela, e ela involuntariamente ergueu as mãos para os ouvidos e gritou. Era tão escuro, tão horrível, um borrão de imagens horríveis, todas a moverem-se demasiado rápido para se distinguirem, mas deixando uma impressão de horror incrível.

Finalmente, parou.

Kate tirou as mãos dos seus ouvidos, respirando com dificuldade, com os olhos arregalados. Nunca na vida dela alguém tinha invadido a sua mente assim. Ela tinha todo esse tempo assumido que ela era impermeável. Que a mente dela era mais poderosa do que a mente de qualquer outra pessoa.

Ela olhou para esta mulher - se era o que ela era - de cima a baixo, com um novo medo e um novo respeito. Talvez não devesse ter vindo aqui afinal.

A mulher sorriu em troca, um sorriso feio e invasivo.

“Quem és tu?” perguntou Kate novamente.

A mulher ficou em silêncio por um longo período de tempo. Finalmente, ela falou.

“Alguns me chamam de Siobhan” disse ela. “Mas os nomes são apenas rótulos para os fracos. Tu vieste aqui por um motivo. Pergunta o que queres, e eu digo-te o preço.”

Kate catrapiscou.

“Eu não entendo” disse Kate.

A mulher franziu a testa, e Kate pôde adivinhar a desaprovação.

“Não me faças perder tempo, miúda. Vieste aqui por algum motivo.

Estavas à procura de algo. “O que é?”

Kate engoliu em seco, mas recusou-se a deixar-se intimidar pelo tom de Siobhan. Ela seria forte.

“Eu quero ser capaz de lutar” disse ela. “Eu quero ter poder suficiente para que nunca mais fique indefesa.”

A outra mulher ficou em silêncio durante alguns batimentos cardíacos.

Kate podia sentir cada um a bater dentro do seu peito. O que faria ela quando a outra mulher dissesse que não? O que faria ela quando Siobhan lhe dissesse que era impossível, e que Kate estava a perder o seu tempo?

“Tu tens um talento, e eu poderia ensinar-te a construir sobre isso. Eu poderia ensinar-te a lutar de maneiras que não têm nada a ver com a força bruta dos homens. Eu poderia ensinar-te a explorar os poderes para lá de tudo o que já viste.”

Ela fê-lo parecer tão simples, quando toda a sua vida, tinha sempre sido dito a Kate que havia coisas que eram muito maléficas até mesmo para falar.

Havia uma razão pela qual Kate e Sophia haviam escondido o que conseguiam fazer.

“Já não terias de temer o que és” disse Siobhan. “Poderias ser forte.

Poderias ser *livre*. A minha espécie pode ajudar a tua, se nos deixares.”

Uma parte de Kate queria dizer que sim, mas ela sabia que era melhor não o fazer. As pessoas raramente eram tão generosas.

“E o que é que *tu* quererias?” perguntou Kate.

Siobhan pareceu satisfeita “Em troca, duas coisas.”

“*Dois* coisas?” reagiu Kate.

“Tu estás a pedir-me muito” respondeu a mulher. “Duas coisas não parece não ser razoável.”

Ela fez com que parece quase uma piada, como se todo fosse um jogo.

Houve algo sobre o riso que se seguiu, que quase não pareceu humano.

Parecia que a própria floresta se estava a rir.

“Que coisas?” perguntou Kate, apesar disso.

“Sê minha aprendiz e aprende tudo o que desejo ensinar-te.”

Isso não parecia muito diferente do acordo que ela tinha com Thomas. Não parecia muito diferente, de muitas maneiras, do melhor tipo de acordo que poderia ter resultado da sua orfandade.

“E a segunda coisa?” perguntou Kate.

A mulher entrou na fonte e, por um momento, brilhou. Kate viu uma imagem brilhante e nova, cheia de água. A estátua acima brilhava, e parecia demasiado semelhante à bruxa que lá estava para o gosto de Kate.

Ocorreu um longo silêncio. Então:

“Um favor.”

Kate inclinou a cabeça para um lado. “*Que* favor?”

Siobhan riu-se novamente com aquela gargalhada preocupante. Ela parecia estar a divertir-se com isto demasiado. “Eu ainda não decidi. Mas tu farias isso, fosse o que fosse.”

Isso era uma coisa muito maior para pedir. Kate não tinha a certeza de que ela poderia aguentar isso.

Ela abanou a cabeça. Era demais. Era mesmo demais. Ela sentia a escuridão desta mulher, e sentia que, fosse qual fosse o favor, seria horrível. Seria como vender a sua alma.

Ela afastou-se da fonte, um passo de cada vez.

“Não” disse ela, surpreendida por ouvir as suas próprias palavras, surpreendida por ouvir-se a si própria recusar a única coisa que ela sempre tinha querido.

A mulher simplesmente sorriu em troca, como se sabendo que Kate não tinha escolha.

Kate recuou, e assim que ela alcançou os degraus, ela correu, tropeçando.

A gargalhada louca de Siobhan seguiu-a.

“Eu estarei aqui quando mudares de ideias.”

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Sophia ainda não podia acreditar que Sebastian a tinha pedido em casamento. Ela mal se tinha conseguido acostumar a ter encontrado um lugar no palácio como amante dele, e agora, de repente, o anel dele estava no dedo dela. Ela não conseguia acreditar que as coisas tinham avançado tão rapidamente, e que agora ela se ía casar. Parecia que ela estava a ser transportada por uma corrente, tão depressa que não havia forma de saber o que estava a acontecer metade do tempo.

Sophia não sabia que planejar um casamento poderia envolver tanto. Ela sabia que não seria apenas uma questão de encontrar um sacerdote, quando se tratava de realeza, mas havia complexidades que ela nunca tinha considerado.

Havia banquetes para serem organizados, anúncios a serem feitos. Havia mesmo permissões a serem procuradas, porque a viúva e a Assembleia dos Nobres teriam que dar a sua bênção antes que o casamento de um príncipe pudesse avançar. O último, de acordo com os funcionários a quem ela perguntou, seria uma formalidade. Esta era uma questão em que os nobres

fariam o que o seu governante dissesse.

Conseguir que a mãe de Sebastian concordasse soava como qualquer coisa, menos como uma formalidade. Ela tinha sido gentil o suficiente durante o jantar, onde Sophia a tinha conhecido, mas Sophia não era assim tão estúpida para acreditar que uma governante ficaria feliz por um dos seus filhos se casar com alguém que não conseguia cimentar uma aliança ou trazer novas terras. Atualmente, Sophia encontrava-se rodeada por um pequeno grupo de ajudantes, com um funcionário que revia toda a etiqueta para pedir permissão, uma costureira a trabalhar em desenhos para um vestido de casamento e o cozinheiro do palácio a falar sobre se eles deveriam preparar cisne ou ganso.

“Obviamente, é a tradição *aqui*, mas pensei que talvez eu pudesse fazer uma seleção de iguarias da tua terra.”

Os seus nomes reluziram pela mente do cozinheiro, então Sophia escolheu duas e depois ignorou a situação.

“Tenho a certeza de que irá ficar maravilhosa, qualquer uma que escolhas”

disse Sophia. Ela desejava que Cora estivesse ali para a ajudar a escolher um caminho através de tudo aquilo.

Ela desejava que Sebastian estivesse ali, em vez de se encontrar em preparação para o exército e para o papel que ele iria ter lá dentro. Sophia sentia como se houvesse pouco que ela pudesse fazer sozinha e estar com ele... bem, isso era uma espécie de *motivo* de tudo isto, não era? Qual era o motivo de se casar se o seu futuro marido nem sequer estava lá?

Se ela estivesse apenas a fazer isso para ter uma boa vida, isso talvez não tivesse importância. Ela poderia ter projetado o casamento de sonho, sem a presença quase desnecessária de um marido. Sophia podia imaginar Angelica sentindo-se bastante feliz num dos quartos de Sebastian, dando ordens aos servos enquanto planeava a sua posição enquanto sua esposa.

Sophia queria Sebastian. Mais do que isso, ela amava-o. Ela sentia a dor da necessidade sempre que ele não estava ali, e o mundo parecia iluminar-se sempre que ele estava. Agora, parecia que ela estava presa no meio de preparativos para um casamento, sem a oportunidade de ver o marido dela.

Naquele momento ele estava ali, e Sophia levantou-se para se atirar para ele num abraço. Ela ficou chocada quando ele deu um passo para trás.

“Sebastian?”

“Vem comigo, Sophia” disse ele.

“Do que se trata?” perguntou Sophia. Ela tentou tirar a resposta dos

pensamentos de Sebastian, mas, naquele momento, esses eram um emaranhado, cheios de dores e confusão. Havia tanta coisa lá ao mesmo tempo para se focar em qualquer uma das vertentes. “Aconteceu alguma coisa? Sebastian, o que é que se passa?”

“Eu estava à espera que tu me pudesses dizê-lo” disse Sebastian, num tom que fez o sangue de Sophia parecer transformar-se em gelo. Algo tinha corrido mal. As miúdas no castelo tinham inventado um rumor sobre si, ou a mãe dele tinha recusado o casamento. Talvez a loja para a qual ela tinha vendido o vestido tivesse chegado a contar a Sebastian sobre a sua nova noiva. Havia tantas coisas que poderiam ter corrido mal com o plano dela, que parecia sempre como se o mesmo estivesse apenas preso por um fio.

Sophia não sabia o que havia corrido mal, portanto ela seguiu Sebastian pelo palácio, passando do edifício principal para os quartos de hóspedes, indo para um onde tudo parecia comum, exceto um guarda estar no lado de fora da porta.

“Obrigado” disse Sebastian ao homem. “Podes ir agora.”

“Sim, sua alteza” disse o homem. Ele foi-se embora, mas apenas a sua presença fez Sophia questionar-se sobre o que estava a acontecer ali.

Quando Sebastian abriu a porta, ela teve uma espécie de resposta. A sala tinha sido reutilizada como um estúdio de artistas, a maioria dos móveis

despojado para abrir caminho para telas esticadas, prontas para o trabalho.

Sophia não precisava perguntar para quem era: eram obviamente para Laurette van Klet, a artista que Sebastian tinha trazido para criar um retrato de Sophia. Os esboços de Sophia diziam-no. Mesmo os começos de uma pintura que estava no coração de tudo, eram a óleo. Ainda não estava nem de perto nem de longe pronto e Sophia suspeitava que fosse, ele próprio, uma peça preparatória para um trabalho maior, mas ainda faltava mais do que ela tinha pensado, mostrando-a como ela tinha estado no jardim, informal e mais bonita do que ela suspeitava ser na vida real.

“Que tal?” perguntou Sebastian.

“Bem, é lindo” disse Sophia. “Mas eu não entendo...”

“Aqui” disse Sebastian, apontando para um ponto na pintura. Um ponto onde o vestido de Sophia tinha subido na alegria casual do dia, revelando um trecho da sua barriga da perna e a marca que estava ali sentada como uma acusação.

Ela tinha-a coberto com maquiagem para o baile. Já o havia feito intermitentemente desde então, mas hoje ela não tinha. Ela tinha-se

esquecido. Ter-se-ia também esquecido para o passeio ao longo do rio? A verdade era que ela não sabia, mas a evidência estava ali na frente dela. A única questão era o que ela iria fazer agora.

“Eu não entendo” foi tudo o que ela conseguiu pensar para dizer.

Sebastian abanou a cabeça. “Não me mintas, Sophia. Laurette pinta o que vê. *Somente o que ela vê.*” Ele alcançou-a então, e apesar de Sophia começar a afastar-se para trás, ele pegou-a pelos ombros. “Algumas das mulheres que estão por aí pelo palácio também têm estado a falar, a dizer que algo parece errado em ti. Eu pensei que elas estavam apenas com ciúmes, mas e se não estiverem?”

Sophia tentou detê-lo quando ele levantou a bainha do seu vestido, sabendo que, assim que ele o fizesse, estava tudo acabado. Porém, não havia nada que ela pudesse fazer, e em poucos momentos, o símbolo da orfandade tatuada na sua barriga da perna era fácil de ver.

Sebastian olhou para ele por vários segundos, e depois recuou. Sophia podia sentir o choque a apoderar-se dele, com os seus pensamentos a aparecerem tão depressa que era difícil acompanhá-los a todos. Ela viu-o a sentar-se no chão no meio dos cavaletes preparados, parecendo como se ele estivesse a tentar afastar o mundo.

“Sebastian” começou Sophia, querendo dirigir-se a ele para o consolar, mas isso não funcionaria, não é? Não quando tinha sido ela a magoá-lo.

Ele olhou para cima, e Sophia pôde ver o brilho das lágrimas nos seus olhos. Era algo que ela não esperava, e algo que definitivamente ela nunca queria ter sido a causa.

“Porquê?” quis saber ele. “Porque é que me mentiste, Sophia? Isso é mesmo o teu nome verdadeiro?”

“Sim” assegurou-lhe Sophia. Pela primeira vez desde que ela o tinha conhecido, ela deixou cair o sotaque que ela tinha assumido. “Mas não de Meinhalt.”

“Nem a tua voz é real?” perguntou Sebastian, e agora ele parecia perturbado. “Nós conhecemo-nos há... o quê? Dias, na melhor das hipóteses.

Nós não sabemos nada um sobre o outro, não é? *Quem és tu?*”

Sophia engoliu em seco com aquela pergunta. Era uma que ela própria não tinha a certeza de saber a resposta. Ela tinha tentado criar uma resposta, mas não era a verdadeira. Ela perguntou-se a si própria a questão repetidamente sem uma resposta. Ainda assim, doía ouvir isso de Sebastian.

Ela queria desesperadamente contar-lhe tudo. Sobre si mesma, sobre o seu passado e, acima de tudo, sobre o quanto ela realmente o amava. Sobre como o seu amor por ele era real, mesmo que tudo o resto fosse falso. Sobre como ela nunca quis magoá-lo. Sobre como ela mentir, ela se comportar assim, nem sequer ser ela.

Mas no seu frenesi de emoções, as palavras ficaram presas na sua garganta. Tudo o que ela conseguiu foi:

“Eu não queria que fosse assim.”

Sebastian levantou-se, indo até uma das telas. Tão repentinamente como uma tempestade, ele pegou numa e partiu-a, rasgando-a.

“Tu enganaste-me!” gritou ele. “Aproveitaste-te de mim! Estavas apenas atrás da minha fortuna! Da minha posição! Nunca te importaste comigo!”

Ela sentiu uma dor no peito ao ouvir aquelas palavras, com a violência súbita de tudo aquilo, de ver a sua imagem a ser rasgada. Era uma imagem apropriada à forma como ela se sentia consigo mesma, com a sua vida, tudo a ser rasgado em pedaços sobre ela.

Apesar dos seus melhores esforços, ela começou a chorar. Ela ficou ali e chorou como uma criança sem ninguém para a confortar.

Tal pareceu surpreender Sebastian. Ele parou o que estava a fazer, e a sua raiva diminuiu. Ele olhou fixamente para ela, como se arrependido, como se percebesse que tinha ido longe demais.

E, no entanto, ele não foi confortá-la.

Ela queria tanto ler os seus pensamentos, e, no entanto, eles eram um grande espetáculo de emoções empoladas, de sentimentos contraditórios, que ela não os conseguia ler.

“Eu não tenho nenhum lugar para onde ir” Sophia soltou involuntariamente.

Ela imediatamente arrependeu-se. Ela não queria mais a sua compaixão, ou a sua ajuda.

E ainda assim, ele ficou ali parado, em silêncio. A sua raiva e choque pareciam estar a acalmar, o seu rosto parecia estar a conformar-se com algo como compaixão ou piedade.

Ela não queria pena. E muito menos dele.

Ela queria amor. Amor verdadeiro. E ela percebeu naquele instante que, mesmo que tivesse encontrado isso com Sebastian, o perdera para sempre.

Sophia recuou.

Limpendo as lágrimas que lhe caíam, ela tirou o anel que ele lhe havia dado. Ela deixou-o cair no tapete, porque ela não se atrevia a tocar em Sebastian novamente e não podia levá-lo com ela.

Ela queria desesperadamente dizer: *eu quero que saibas que, apesar de tudo o resto ser mentira, o meu amor não era.*

Mas naquele momento, um soluço subiu na sua garganta, tão grande, que afugentou todo o discurso.

Tudo o que ela conseguiu fazer foi virar-se e fugir. Fugir deste castelo, deste homem que ela amava, e desta vida que se encontrava para lá do seu alcance.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Kate voltou para Ashton com frustração, mas também com uma espécie de paz. Frustração, porque ela não tinha ganhado a força que estava à procura.

Paz, porque isso tornava as coisas mais simples em muitas maneiras. Ela não podia aceitar a oferta da bruxa, e então a sua vida voltaria aos dias em que seria aprendiz de Thomas na forja, tentando aprender sobre as lâminas, dando-lhes balanço no ar.

Não era o que ela tinha querido quando ela tinha partido para a cidade, mas tinha o potencial de ser uma boa vida, particularmente com Will lá.

Talvez não tenhas obtido o que querias na vida, mas talvez as alternativas ainda possam ser boas. Pensar que Will estaria a aguardar na forja fez Kate sorrir quando ela chegou aos arredores da cidade. Já não demoraria muito para que ela voltasse.

Kate desmontou, levando o cavalo pelo último trecho na direção da forja.

Ela havia cavalgado tempo suficiente por um dia, com as pernas doridas com o esforço.

“Quando voltarmos” disse ela ao cavalo, “vais poder ter uma vida tranquila novamente, e eu serei a melhor aprendiz que Thomas poderia pedir.”

Ele era definitivamente um professor melhor do que a alternativa. Ele era gentil e paciente, e crucialmente, ser uma aprendiz de ferreiro não apresentava risco de dever a uma bruxa um favor sem nome. Havia algumas coisas que ela não podia fazer, mesmo pela força para se conseguir vingar.

Percebendo que trazia uma espécie de paz, como se uma chama que tinha ameaçado consumir tudo em Kate se tivesse enfraquecido.

Talvez fosse uma coisa boa. Talvez tudo isso fosse um sinal de que ela deveria deixar de lado a violência. Talvez.

“Aí estás tu!” disse uma voz. Eu conheço-te!

E Kate conhecia aquela voz. A última vez que a tinha ouvido, o seu dono tinha-a perseguido até ao limite do rio, determinado a bater-lhe até ela se transformar em puré antes de a arrastar de volta para o orfanato.

Com certezas, quando ela olhou, o maior dos rapazes das docas estava lá, atropelando-se na direção dela com a certeza de alguém que sabia que não havia lugar para onde Kate ir. Ele demorou o seu tempo, e Kate sabia o suficiente sobre as táticas dos intimidadores para saber que ele estava apenas a dar-lhe tempo para a assustar.

Ela conseguia ler dos seus pensamentos que ele mal podia acreditar na sua sorte por a ter encontrado finalmente depois de procurar por tanto tempo.

Ele não estava com bom aspeto. Ele ainda tinha contusões da briga nas docas, mas que estavam agora combinadas com novas marcas que claramente vinham de um espancamento. Se tivesse sido outra pessoa, Kate poderia ter sentido alguma pena dele. Mas assim, ela afastou-se dele, perguntando-se se ela conseguiria subir para o cavalo e fugir nele.

“Não vale a pena fugires” disse ele. “Eu passei dias à tua procura, sua pequena cabra! Os outros voltaram para o orfanato, disseram que prefeririam ser vendidos para uma mina do que continuar à procura. Mas eu continuei.”

“Que bom para ti” Kate ripostou. Ela ainda estava a caminhar em direção ao cavalo. Se ela conseguisse montá-lo, ela poderia ficar longe desse idiota tão rapidamente quanto ela tinha chegado ao rio.

“Que bom para mim, que mau para ti” disse o rapaz. “*Não tentes fugir.*

Achas que eu não sei que estás a trabalhar para o ferreiro? Eu procurei por ti.

Eu perguntei por ti. E agora...”

Kate desistiu de ir em direção ao cavalo, não recuando enquanto o rapaz avançava.

“E agora?” perguntou Kate. “Não tens dois amigos para te ajudar desta vez.”

“Achas que eu preciso deles? Para lidar com uma miúda? Eu apanhei-te, evitei os perseguidores, e agora vou fazer com que implores para que eu te arraste de volta.”

Kate tirou a lâmina da prática do cinto dela. Era apenas de madeira, mas ainda tinha tamanho suficiente para ameaçar.

“Tu precisas de pensar sobre isto” disse Kate.

“Estou a pensar” disse o rapaz. “Estou a pensar que quando eu te levar de

volta, eles irão deixar que eu me junte a um dos gangues de caça. Vou pagar a minha orfandade com a minha primeira captura. Eu poderei fazer o que eu quiser, então.”

Kate suspirou com a estupidez de tudo aquilo. Ela sabia tudo sobre a forma como os planos funcionavam no mundo real. “Tu *já* podes fazer o que queres. Olha, como é que te chamas?”

“Zachariah” disse o rapaz defensivamente, como se estivesse à espera de algum truque.

“Bem, Zachariah, vê onde estás. Não estás no orfanato, pois não? Não estás no meio da orfandade. Tu podes-te ir embora e fazer o que quiseres.

Evitaste os perseguidores por um dia ou dois, então por que não para sempre?

Não há assim tantos no país, pois não? Podes simplesmente virar costas e ires-te embora.”

Parecia tão óbvio para ela. Nenhum deles estava no orfanato ou em perigo.

O rapaz seguiria o seu caminho, ela seguiria o dela, e a Casa dos Não Reclamados não teria controlo sobre eles. Ele poderia forjar uma vida lá fora, encontrando, por exemplo, uma quinta para trabalhar ou, mais provavelmente, seguir uma vida de roubos. Isso não era o suficiente?

“Eu poderia” disse ele. “Eu não quero. O que eu *quero* fazer é bater-te até ficares em sangue, gritar pelos vigias, e depois rir-me enquanto eles te arrastam de volta. Guardas!”

Ele gritou tão alto que Kate estremeceu.

“Guardas! Há uma fugitiva!” Ele olhou para Kate com um sorriso no rosto. “E quando eles te pegarem, eles vão fazer com que desistas dessa tua irmã. Talvez eu consiga chegar...”

“Tu não falas sobre a minha irmã!” gritou Kate, dando balanço a lâmina de prática na direção da cabeça dele. Ele estremeceu e a lâmina atingiu-o no ombro, ressaltando.

“Eu vou bater-te até te transformar em puré” prometeu ele, avançando para a atacar. Ele atirou-se a Kate, e, num instante os dois caíram ao chão, com o impulso da rapidez a atirá-los aos dois juntos.

Kate atingiu-o com a sua lâmina de madeira, mas o rapaz agarrou-a, torcendo-a da sua mão. Ele atingiu-a com força, e naquele instante, Kate poderia estar de volta ao campo de treino ou ao cais. Ela sentia o sabor a sangue da mesma maneira, sentia a cabeça a rodar. Ela tinha o mesmo sentimento de absoluta impotência, e ela *odiava* isso.

“Eu vou deixar-te a parecer como se estivesses sido pontapeada por esse teu cavalo” disse ele. “Depois vou encontrar a tua irmã, e eu vou arrastar-vos às duas de volta.”

Kate estendeu a mão para a espada de madeira que ele tinha arrancado da sua mão. Ele atingiu-a novamente, e então agarrou a espada ele mesmo, erguendo-a.

“Oh, queres isto?” perguntou ele.

“Não” respondeu ela, e sua voz parecia estranha mesmo para si mesma.

“Eu só quero que estejas muito ocupado.”

Ela puxou da sua bainha a faca dela de comer e enterrou-a no peito dele num só movimento.

Foi mais fácil do que ela tinha pensado que seria. A faca era afiada e a carne do rapaz era macia, mas mesmo assim, não parecia como se fosse assim tão fácil matar alguém. Não deveria ser assim tão simples simplesmente deslizar uma faca sob as costelas de uma pessoa, ouvindo-a ofegar quando esta atingia o seu coração.

Zachariah parecia em choque com a dor súbita de tal. Ele parecia ter a tentar dizer algo, talvez chamar novamente o vigia, mas as palavras não apareciam. Em vez disso, o sangue escorria-lhe pelo canto da boca, e ele caiu, com o seu peso a cair para cima de Kate.

A pior parte foi que o seu poder permitiu que ela visse o momento em que ele morreu, com os seus pensamentos a passarem da dor e do pânico para uma espécie de vazio total enquanto o seu espírito fugia de si. Ela persentiu o instante em que ele morreu, e ela sentiu...

... bem, o que é que ela sentiu? Essa era uma pergunta mais difícil do que Kate tinha pensado. Que ele a tinha merecido, principalmente. Que ela precisava de sair de baixo do peso morto dele antes de ficar esmagada. Não era remorso. Ainda não. Não era o pânico que Kate tinha a certeza que deveria ter sentido, porque acabava de *matar* alguém.

Em vez disso, ela sentiu-se quase estranhamente calma sobre isso. Ainda assim, como o centro de uma tempestade, como se o resto do mundo não estivesse realmente a acontecer. Kate libertou-se do volume maior do rapaz, limpando a sua faca e depois vendo que havia sangue na sua túnica também.

Não havia nada que pudesse fazer sobre isso, no entanto.

À distância, assobios e gritos sinalizaram a aproximação dos guardas, ou apenas de moradores locais a juntarem-se quando alguém tinha pedido ajuda.

Era o que eles faziam quando havia perigo, não era? Eles gritavam e todos aqueles que viviam lá juntavam-se para perseguir os ladrões ou afugentar os lobos. Ou enforcar assassinos. Kate ouviu-os a aproximarem-se e, por mais tempo, tudo o que ela conseguiu fazer foi ficar ali, a tentar entender.

Agora, a emoção começava a fluir após todo o choque. Ela tinha acabado de matar uma pessoa, e todo esse horror pousou sobre si como um peso de chumbo. Independentemente do motivo, independentemente da situação, ela tinha acabado de esfaquear alguém. Se os vigias viessem atrás de si, ou a justiça mais áspera da multidão, faria alguma diferença que ele lhe estivesse estado a bater quase até à morte no momento em que ela o tinha matado?

De alguma forma, Kate duvidava disso. Ela voltou para o seu cavalo, meio tropeçando, numa combinação de emoção e de dores por ter sido espancada.

Ela precisou de três tentativas para o montar, elevando-se para a sela de maneira desajeitada e quase caindo até mesmo nesse momento.

Ela não sabia o que fazer com o corpo de Zachariah, não tinha a certeza de que *pudesse* fazer alguma coisa, quando o peso morto dele era muito para se mover. Em qualquer caso, os sons de problemas estavam a aproximar-se, e não havia tempo. Então ela deixou-o ali, no meio da estrada, cavalgando na direção do ferreiro.

Enquanto Kate cavalgava, as implicações totais de tudo o que acabara de começar começaram a interiorizar-se em si. Ela era do orfanato, fugindo do seu destino, que havia matado uma pessoa quando ele a tentou levar de volta.

Eles iriam matá-la por isso, e seria um milagre se eles apenas a enforcassem por isso, em vez de a deixarem numa forca para morrer à fome ou a partirem numa roda.

Ela estava quase a chegar ao ferreiro quando se apercebeu da verdade: ela não podia voltar. Kate não sabia se alguém a tinha visto a lutar contra Zachariah. Certamente, alguém teria ouvido o que ele estava a gritar. Não demoraria muito para que as pessoas descobrissem que tinha sido ela que ele tinha encontrado, especialmente se ele estivesse estado a fazer perguntas sobre si.

Se ela voltasse, ela levaria problemas diretamente para a porta de Thomas e Winifred. Diretamente para Will. Qual era a pena por ajudar um assassino?

Só de pensar que alguma coisa poderia acontecer com Will fez com que Kate se sentisse angustiada.

Ele e Thomas estavam na rua quando Kate chegou. Ela não desmontou.

Ela não se atreveu, porque se ela desmontasse, eles poderiam convencê-la a ficar, ou poderiam dizer-lhe que a iriam proteger daquilo que viria quando não

iriam conseguir. Quando ninguém iria conseguir.

“Kate” disse Will com um sorriso. “Estás de volta! Isso é bom, vieste mesmo a tempo, o meu pai e eu temos uma surpresa para...”

“Will” disse o seu pai, cortando-o a palavra. Thomas, obviamente, viu mais do que o seu filho tinha visto. “Cala-te um momento. Algo está errado.”

Kate estava no cavalo, apenas a olhar para eles, sem saber o que dizer.

Parecia errado dizer qualquer coisa, porque no momento em que ela o fizesse, ela traria uma grande imensa dor para as únicas pessoas que alguma vez lhe haviam mostrado bondade.

“Kate?” disse Will. O que está a acontecer? Porque é que tens sangue na tua túnica? Alguém te atacou?”

Kate assentiu. “Um rapaz da Casa dos Não Reclamados. Ele queria levar-me de volta. Ele atacou-me e...” Era difícil chegar ali e dizê-lo. Ela não queria que Will ou Thomas pensassem que ela era um tipo de monstro.

“E?” perguntou Thomas.

“E eu matei-o” disse Kate. “Não tive escolha.”

Aquilo era verdade? Parecia que não ela não tinha tido outras opções quando mergulhou a faca, mas a verdade era que, naquele momento, ela tinha *querido* Zachariah morto. Ele merecia, depois de tudo o que tinha feito, e de tudo o que ele ameaçava fazer.

“Entra” disse Will. “Nós precisamos esconder-te.”

Porém, Thomas percebeu melhor. “Eles iriam encontrá-la mesmo que a escondêssemos, Will. Eles vão saber que eu tenho uma nova aprendiz. Não demorará muito.”

“Então o que vamos fazer?” perguntou Will.

Kate respondeu a isso. “Só tenho uma coisa que posso fazer: tenho de me ir embora. Se eu me afastar da cidade, eles não vão procurar por mim para sempre, mas se eu ficar aqui, eles vão fazer-nos mal.”

“Não” disse Will. “Podemos evitar que isso aconteça. Podemos lutar contra eles.”

Kate abanou a cabeça naquele momento. “Não podemos. Não contra todos eles. Eles acabariam por vos matar juntamente comigo, e eu não quero isso, Will. Eu tenho de ir.”

Kate conseguia sentir a dor e o desapontamento a sair a ferver de Will.

Isso coincidia com o que ela sentia naquele momento, mas ela sabia que ele não entendia os perigos que estavam a vir.

“Eu não quero que tu vás” disse ele.

“E eu não quero ir” respondeu Kate. “Mas eu tenho de o fazer. Desculpa, Will. Thomas, obrigado, tu deste-me uma casa, e quem me dera ter aprendido mais.”

“Terias sido uma boa aprendiz” disse Thomas. “Eu tenho algo para ti. Ia ser uma surpresa para ti. Will?”

Will não respondeu por um momento, mas depois assentiu. Ele foi a um lugar onde um pano cobria algo, afastando-o. Kate viu o brilho de uma espada. Mais do que isso, era uma espada que ela reconhecia, porque ela usava a versão em madeira no seu quadril.

“Não houve tempo suficiente para fazer mais do que forjar a lâmina básica” disse Thomas. “Eu pretendia que a nitidez, o envoltório da alça e os detalhes funcionassem para serem parte do teu treino, mas é forte e é leve.”

Ele pegou nela e entregou-a a Kate. Estava muito longe de estar terminada, mas ainda assim era mais do que ela poderia esperar. Era comprida e leve, parecendo como se estivesse perfeitamente equilibrada quando ela colocasse uma alça sobre ela. Provavelmente era a coisa mais linda que ela alguma vez tinha possuído.

“Trabalhei nela com o meu pai” disse Will. “Nós queríamos que ela te desse as boas-vindas de volta. Agora... acho que é um presente de despedida.”

“Não sei o que dizer” disse ela. “Obrigada. Muito obrigada aos dois.”

Kate pegou nela colocando-a no lugar ao lado da lâmina de madeira, de modo que as duas pendiam lado a lado do seu cinto. Ela sentiu como se devesse dizer algo mais do que apenas obrigado. Havia muito mais que ela *queria* dizer, tanto que queria fazer, mas ela ainda conseguia ouvir os gritos ao longe, aumentando quando eles acharam o corpo que ela deixara para trás.

Esses gritos deixaram claro que não havia tempo suficiente para mais nada.

Ela teve de se contentar em se inclinar da sela para baixo, beijando Will rápida e bruscamente, sem sequer ter a certeza que o estava a fazer bem. Ela não tinha tido assim tanto tempo para praticar beijos. Ela endireitou-se para cima antes que ele conseguisse dizer alguma coisa, embora isso não fizesse muita diferença quando o talento dela lhe contou todas as coisas que ele queria dizer, de qualquer maneira. Mesmo que as ouvir assim lhe custasse, fazendo com que parecesse que ao virar-se ela iria ficar destroçada.

Kate fê-lo de qualquer forma. Ela colocou os calcanhares no cavalo e afastou-se, ouvindo os gritos que estavam a aumentar à medida que mais pessoas começavam a procurá-la. Ela não tinha de pensar para onde estava a ir. Havia apenas um lugar para onde ela *poderia* ir, se quisesse sobreviver.

Parecia que a mulher na fonte iria conseguir o que queria, afinal.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Sophia caminhava pelas ruas de Ashton, e desta era pior do que antes. Na última vez, ela tinha acabado de sair do orfanato, simplesmente grata por se estar a afastar de lá. Ela também tinha tido a sua irmã ao seu lado, e entre as duas, tinha parecido que tudo era possível.

Agora, no entanto, havia uma dor devido à sensação de perda que existia desde que Sebastian lhe havia dito que ela tinha de se ir embora. Não importava que ele não quisesse isso mais do que ela. O que importava era que ele havia dito isso. Ele a tinha-a posto na rua tão seguramente quanto o irmão dele teria depois de ter obtido o que queria. Ele tinha dito que era para proteger Sophia, mas não era mesmo para se proteger a ele também? Será que ele não estava realmente preocupado com o que aconteceria quando a sua mãe ou os outros nobres descobrissem por quem ele se tinha apaixonado?

Sophia sentia o calor das lágrimas a caírem-lhe ao caminhar e nem tentou segurá-las. Ninguém olhava para ela enquanto ela continuava a andar pelas ruas calcetadas de um dos bairros mais ricos de Ashton. Ninguém olhava para o seu coração despedaçado que vagueava. Ninguém se preocupava o suficiente para olhar.

Kate! Ela enviou pela milionésima vez. *Onde estás?*

E, no entanto, não chegava nenhuma resposta.

Pela primeira vez na sua vida, Sophia sentiu-se verdadeiramente sozinha.

Estar na rua era pior desta vez por causa de tudo o que ela quase tinha tido.

Sophia sentia-se como se estivesse à beira de tudo o que poderia ter desejado: uma vida segura com um homem que amava e que parecia corresponder ao seu amor; um lugar entre os nobres mais ricos do reino; aceitação como algo mais do que apenas uma órfã, adequado apenas para a orfandade à medida da escolha daqueles que a comprassem.

Sophia continuou, não querendo parar onde ela poderia ser vista e reconhecida. Era embaraçoso o suficiente que isso acontecesse, sem pensar no que poderia acontecer se alguém do palácio a visse. Ela não queria pensar em como Milady d'Angelica se regozijaria se descobrisse que Sophia tinha sido forçada a sair do palácio, de casamento cancelado.

Ela realmente não queria pensar sobre o que poderia acontecer se ela descobrisse a verdade. O que aconteceria se a nobre miúda percebesse que ela havia sido enganada, derrotada pelo amor do príncipe por uma miúda que era apenas uma da orfandade?

O que Sebastian diria que tinha acontecido? Que ela tinha sido chamada de volta ao seu país adotado? Que tinha havido algum escândalo sem nome?

Sebastian diria alguma coisa? Talvez a viúva desse a conhecer que até mesmo mencionar Sophia de Meinhalt incorreria em seu descontentamento, e não se passaria mais nada.

O que quer que acontecesse, Sophia não poderia voltar, e isso também piorava as coisas. Quando ela abandonou o orfanato, tinha havido um vislumbre de esperança no seu sonho de encontrar um lugar entre os nobres.

Agora, Sophia sentia como se tivesse gasto a sua última esperança, sem mais nada para além da perspectiva de uma vida pior ainda por vir.

Pelo menos, ela não ia dormir de costas para uma chaminé esta noite. Ela ainda tinha o dinheiro que tinha obtido ao vender o seu vestido roubado. Ela poderia comprar... bem, se Sophia fosse cuidadosa, poderia comprar muitas coisas, mas naquele momento doía muito pensar em todas as coisas que poderiam acontecer a seguir. Ela só queria um quarto para a noite para poder dormir e chorar a dor de ser afastada da vida de Sebastian.

Poderia ela ter feito algo diferente? Sophia perguntava-se a si mesma uma e outra vez enquanto olhava à sua volta, à procura de uma estalagem que ainda pudesse ter um quarto para ela. Não parecia haver uma boa resposta para isso. Ela poderia ter feito um trabalho melhor ao disfarçar a sua marca, obviamente, mas a verdade era que, independentemente do cuidado que ela tivesse tido, mais cedo ou mais tarde, alguém iria vê-la. Estava lá, rotulando-a indelevelmente como algo menor; algo para ser odiado. Ela ter-se-ia esquecido da maquiagem noutra ocasião, ou sairia com a água da chuva, e então...

Bem, talvez nessa altura não fosse apenas Sebastian a ver. Talvez uma dúzia de nobres estivesse lá para agarrá-la e exigir a sua vida pelo insulto, em vez de apenas ser um homem que se importava com ela.

Sophia continuou até encontrar uma estalagem longe do palácio. Ela queria estar longe do distrito nobre para que ela não fosse reconhecida por nenhum dos nobres ali ou pelos seus servos, mas não queria ir até às piores partes da cidade. Havia alguns lugares onde ela não queria voltar, mesmo que lhe custasse mais uma ou duas moedas ficar aqui.

Ela entrou, tentando evitar mostrar muita da dor que atravessava o seu

coração, fazendo com que ela se sentisse como se ela simplesmente devesse continuar a caminhar até cair de exaustão. A estalagem estava muito longe do luxo do palácio, mas parecia estar limpo, e as pessoas que estavam lá

pareciam mais comerciantes que passavam pela cidade do que duros trabalhadores docas ou mercenários.

Sophia não se sentia segura ali, porque onde é que ela *poderia* estar segura quando ela mesmo tinha estado em perigo no palácio? Mesmo assim, seria bom o suficiente para esta noite. Depois disso... bem, Sophia não conseguia pensar para lá disso. Talvez ela vivesse a sua vida como ladra, usando o seu poder para sentir quando as pessoas não estavam a olhar até ela ser finalmente apanhada. Talvez ela tentasse encontrar a sua irmã, embora Sophia odiasse a ideia de levar os seus problemas para qualquer que fosse a vida que Kate tivesse encontrado para si mesma.

Ela caminhou até ao balcão da estalagem, esperando a atenção do estalajadeiro e tirando algumas moedas.

“Eu gostaria de um quarto para esta noite” disse ela. Era difícil dizer tanto assim sem derrubar soluços.

O estalajadeiro abanou a cabeça com firmeza. “Não temos mais quartos.”

Mas...

“Não temos mais quartos” repetiu o homem, e desta vez, Sophia percebeu os pensamentos por trás disso.

Vinda da rua sem bagagem e soando como se fosse dos bairros de lata.

Ela acha que eu não conheço uma prostituta quando vejo uma? Se eu tiver que atirá-la para fora de barriga para baixo, porém, não vai parecer bem.

Os pensamentos de todos os outros lá disseram-lhe que eles estavam a pensar mais ou menos a mesma coisa. Para eles, não havia nenhuma maneira de poder ser outra coisa senão a libertação de um homem rico.

Talvez fosse mesmo o que ela era, de certa forma.

“Vou ter de encontrar outro lugar então” disse Sophia, tentando virar-se com o que ela esperava que fosse um pouco de dignidade. Chegou à porta antes que das lágrimas voltarem, e saiu para a rua, esperando que a crescente escuridão escondesse do mundo o quanto ela estava aborrecida.

Cada passo doía-lhe agora, uma sensação de falta de objetivos e inutilidade atravessava tudo o que Sophia fazia. Ela não tinha conseguido encontrar um lugar no palácio. Ela não tinha tido o bom senso de ir com a sua irmã. Ela nem sequer conseguia encontrar uma estalagem que a acolhesse.

Ela não sabia o que ia fazer depois.

Sophia começou a caminhar em direção ao rio, para as partes mais pobres da cidade. Naquele momento, ela não tinha a certeza, porque é que o estava a fazer, quer fosse para encontrar uma estalagem mais barata onde eles não se importassem com o que ela parecia ser, quer fosse simplesmente para continuar a caminhar ou para se atirar para o abraço frio do rio. Naquele momento, todos as três pareciam igualmente prováveis, e Sophia não tinha a certeza de se importar com a diferença.

Ela continuou a ir para as ruas mais estreitas onde as casas se aglomeravam e não havia a mesma sensibilidade para os edifícios serem mantidos em boas condições. Ela passou por figuras em becos sem olhar para elas, e ignorou uma oferta ordinária gritada para ela de uma porta.

Ela estava tão magoada naquele momento que estava entorpecida com isso, com a cidade a transformar-se num ruído de fundo para o peso esmagador em torno do seu coração. Sophia arrastava os seus passos, não se importando com os sons de Ashton enquanto os habitantes da noite acordavam e entravam nas ruas.

Talvez esse entorpecimento fosse o motivo pelo qual ela não ouviu os passos seguindo atrás de si. Foi certamente por isso que ela não esticou o seu talento para apanhar os pensamentos daqueles que a rodeavam. Ela tinha problemas suficientes com os seus próprios pensamentos naquele momento, sem acrescentar mais homens perguntando-se se eles conseguiriam comprá-la para a noite, ou bandidos perguntando-se se deveriam lutar contra alguém.

Foi apenas ao continuar a caminhar que a verdade chegou até si: alguém a estava a seguir.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Kate afastou-se a cavalo da única felicidade que ela alguma vez tinha sido capaz de encontrar, forçando-se a não chorar. Ela andava mais rápido do que tinha andado o dia todo, ignorando a parte em que agora estava a escurecer e deixando o seu cavalo simplesmente fugir.

Ela tinha de fugir, porque ela era uma fora da lei agora. Ela tinha matado uma pessoa. Ela tinha roubado este cavalo. Qualquer um que a seguisse tentaria cortar a sua garganta ou arrastá-la para uma forca agora, não a levando de volta para a Casa dos Não Reclamados.

Tinha havido os gritos da busca algures atrás de Kate quando ela tinha partido. Aqueles já haviam enfraquecido num silêncio agora, e Kate só tinha de esperar que não fosse porque eles estavam a descarregar a sua raiva em

Will e na sua família. Ao se ir embora, ela esperava ter feito com que parecesse que ela estava a trai-los juntamente com todos os outros, e esse problema iria segui-la a ela, e não a eles.

Ela cavalgou até ficar demasiado escuro para continuar, e a estrada era apenas uma diferença no reflexo da luz da lua. Até mesmo o seu cavalo estava a não querer continuar, indo para o lado da estrada, enquanto abrandava. Kate apanhou a dica, afastando-se cinquenta passos da estrada antes de amarrar o seu cavalo aos galhos de um arbusto baixo e tirando a sela das suas costas.

Ela dormiu no chão áspero, fria porque não podia arriscar uma fogueira, com a espada que Thomas lhe tinha dado ao lado dela no chão, caso alguém viesse. Ela não sabia o que faria com isso se o fizessem. Será que ela os mataria, da mesma maneira que tinha matado o rapaz que tentou levá-la de volta? Será que ela poderia escorraçar-los se não o fizesse?

Kate dormiu em sobressalto, incapaz de manter os olhos fechados por muito tempo. Os medos vagueavam com os pesadelos, até ela quase não conseguir contar qual era o quê. Ela estava a fugir de sombras numa casa em chamas, ou havia realmente pessoas ali a ir atrás dela? Kate acordou sobressaltada uma dúzia de vezes, sentando-se com uma respiração acelerada, apercebendo-se que os atacantes que estavam a ir atrás dela eram fragmentos de sonhos.

Foi só quando o sol surgiu que ela viu que o seu cavalo se tinha libertado do arbusto onde ela o tinha amarrado. Tinha desaparecido, com as marcas a afastarem-se na distância. Kate andou num círculo largo, tentando encontrá-lo, mas ele tinha desaparecido. Talvez tivesse fugido para viver de uma forma selvagem. Talvez tivesse voltado para o dono do qual ela o havia roubado.

De qualquer maneira, significava que ela tinha de andar. Kate pegou nos sacos da sela, na espada e nas poucas outras posses que ela tinha e depois partiu a pé. Ela não sabia se os perseguidores viriam atrás dela agora, mas ela foi por um caminho diferente das pegadas dos cascos, primeiro, mantendo no chão de pedra onde ela não deixaria pegadas, simplesmente para se certificar de que qualquer pessoa que tentasse rastreá-la fosse pela direção errada. Só quando ficou bem longe do local onde ela tinha acampado é que Kate partiu de novo na direção da floresta.

Ela afastou-se da estrada enquanto caminhava, movendo-se entre as bordas dos campos e os pequenos trilhos que serpenteavam ao lado das estradas reais. Isso significava que havia poucas hipóteses de ser vista por alguém que pudesse saber o que ela tinha feito, mas também significava que o sol estava alto antes de Kate ver as árvores a aproximarem-se. Naquele momento, ela já estava cansada e com fome; ela apenas tinha abafado a sede bebendo água da chuva recolhida no buraco de uma pedra baixa.

Kate estava contente por as coisas estarem a correr melhor para a sua irmã do que para ela. Talvez elas fossem dois lados de uma escala, para que quando as coisas estivessem a piorar para Kate, a vida de Sophia melhorasse.

Resumidamente, Kate pensou no que poderia acontecer se ela se dirigisse para o palácio, pedindo ajuda a Sophia. Se ela estava tão perto de um príncipe, talvez ela pudesse conseguir algum tipo de perdão por Kate por tudo o que ela havia feito.

Kate riu-se com esse pensamento, continuando a dirigir-se para as árvores.

Se ela aparecesse no palácio, eles a mandariam embora na melhor das hipóteses, enforcá-la-iam na pior das hipóteses. Havia apenas uma direção para a qual ela poderia ir, e ela já estava a ir para lá.

Kate dirigiu-se para as árvores, procurando o início da escada de pedra que levava até à fonte. Kate tinha considerado todas as outras possibilidades, mas a verdade era que não *havia* opções reais. Ela tinha destruído tudo isso no momento em que a sua faca de comer tinha deslizado sob as costelas de Zachariah. Talvez ela se estivesse a dirigir para isso desde o momento em que ela e Sophia tinham fugido do orfanato, apanhadas pelo destino tão seguramente quanto teria sido por qualquer orfandade.

Kate não queria acreditar nisso, mas ela ainda estava a andar em direção ao local onde a fonte e Siobhan esperavam por ela.

Pelo menos, ela assumia que estava. Aqui na floresta, era difícil dizer para onde é que ela estava a ir. As árvores aglomeraram-se ao seu redor, empurrando Kate de volta e forçando-a a afastar-se do caminho a cada passo.

Este não tinha sido o caminho pelo qual ela tinha vindo da primeira vez que ela estava aqui, e agora a lama agarrava-se às suas botas, sugando-a enquanto os ramos a arranhavam quase como se estivessem a guardar o lugar.

Kate sentiu um lampejo de diversão vindo da frente. Ela endireitou-se e escutou. Não havia som, mas esse sentimento era inconfundível. A bruxa?

Ela estava aqui. A olhar para ela. Desfrutando do seu sofrimento.

Ela estava a aproximar-se.

A chuva começou a cair, caindo com força por entre as árvores e fazendo com que as roupas de Kate se colassem à sua pele.

“Eu sei o que tu estás a fazer” gritou Kate. “Deixa-me passar, caramba!”

Não houve resposta.

Mesmo assim, a sua atitude pareceu aliviar.

Os espinhos ainda picavam Kate, mas eles não se enroscavam nem a impediam. A lama ainda sugava os seus pés, mas não ameaçava tirar-lhe as botas. As árvores não bloqueavam o caminho agora, mas pareciam encaminhá-la.

Finalmente, ela encontrou um pequeno caminho que parecia familiar. Ela tinha estado aqui ontem; ela tinha a certeza disso. Ela viu a pedra desmoronada dos primeiros degraus.

Ela olhou para cima e preparou-se.

E então, um passo de cada vez, ela começou a subir.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Sophia olhou para trás, tentando ver as pessoas que a seguiam. Ainda assim, ela não viu nada.

O medo crescia dentro de si, forçando-a a continuar em frente. Ela virou numa rua lateral e os passos continuaram a acompanhar os dela, e ela prestou-lhes mais atenção. Os passos seguiam o ritmo dos seus próprios passos, acelerando com ela, desacelerando quando ela procurava ao redor por ameaças. Havia muitos pensamentos na cidade para ter a certeza de quem a seguia ou porquê, mas ela tinha a certeza de que havia pelo menos três pensamentos próximos de si.

Ela caminhou mais depressa, acelerando o seu passo.

Ela começou a correr. Ela escolheu as direções ao acaso, seguindo pelo escuro sem se preocupar para onde estava a ir. Ela foi para um pátio, atravessando uma porta meio aberta e tentando acalmar a sua respiração o suficiente para que ela não a denunciasse. Com cuidado, tão devagar que quase não foi perceptível, Sophia fechou a porta. Ela não queria deixar nenhum vestígio da sua presença.

Ela ficou ali nas sombras, esperando que quem quer que a estivesse a seguir continuasse, deixando-a sozinha no momento em que ela se tornasse num problema grande demais. Era assim que os predadores trabalhavam na cidade. Eles apenas perseguiram o que era fácil e deixavam qualquer coisa mais difícil bem sozinha. Se ela conseguisse não fazer barulho e ficar fora da vista, então eles passariam por ela e procurariam outro alvo em outro lugar.

Então, ela apanhou um lampejo dos pensamentos deles e soube que isso não funcionaria. Ela recuou da entrada, procurando ao redor por uma arma, mas não havia nada, e em qualquer caso, Sophia não era a sua irmã. Ela não tinha a capacidade de combater os atacantes. Ela poderia conversar com eles, persuadi-los, fugir deles, mas não combatê-los.

Sophia deu por si a procurar uma saída e quando viu uma pilha de caixas no lado oposto do pátio começou a escalar. Elas não chegavam até às telhas inclinadas do telhado, mas chegavam suficientemente perto. Ela já havia atravessado os telhados da cidade antes; poderia fazê-lo novamente. Ela sentia a aspereza das caixas de madeira sob as mãos enquanto se esforçava a subir de caixa em caixa, tentando fazer um percurso até ao telhado de telhas acima. Quando ouviu a porta do pátio a abrir-se, Sophia tentou mover-se mais rápido. Ela sentiu as caixas a moverem-se abaixo dela, e então, num instante, Sophia estava a cair.

Sophia sentiu o impacto da calçada lá em baixo ao atingir o chão, e nem conseguiu gritar com a dor quando a força derrubou toda a sua respiração.

Em seguida, puseram-lhe as mãos em cima, e Sophia esperneou, tentando libertar-se. Não fez qualquer diferença.

Um pano desceu sobre o rosto de Sophia, fechando a pequena luz que havia, dificultando a respiração. Mãos pressionavam, e agora Sophia *não conseguia* respirar. Ela continuava a lutar, mas conseguia sentir a sua força a desvanecer, e a escuridão que não tinha nada a ver com o pano começou a aproximar-se da borda da sua visão.

Uma voz veio até si, aparentemente vinda de longe.

“Achavas mesmo que conseguirias escapar da Deusa Mascarada?”

CAPÍTULO VINTE E SETE

Kate subia sem parar, e, desta vez, os degraus pareciam infinitos. Ela tinha a sensação de que estava a ser punida, testada. Talvez ela estivesse a ser lembrada que ela era algo diferente de Siobhan, algo inferior.

Ela continuou a ir, apesar disso, forçando-se a subir.

Quando chegou ao topo, ela sentiu-se pronta para entrar em colapso. Ela aproximou-se da fonte, e naquele momento, ela desejava que estivesse cheia, para que ela pudesse beber água fresca.

Siobhan estava parada ao lado da fonte, parecendo elegante e intocada pela chuva. Ela sorriu, e havia crueldade ali.

Ela ficou ali, a olhar para Kate em silêncio, com os olhos a atravessarem-na a arder.

Claramente, ela estaria à espera que Kate falasse primeiro.

“Eu... eu não tenho mais nenhum sítio para onde ir” disse Kate finalmente, curvando a cabeça, cheia de vergonha.

Ainda assim, Siobhan esperou, claramente querendo mais.

Kate respirou fundo.

“Eu matei uma pessoa” acrescentou ela. “Eles iam-me levar de volta para o orfanato, e eu matei-o.”

Ela viu a outra mulher assentir com entendimento.

“As lições aprendidas no sangue são sempre as mais difíceis” disse ela finalmente. “Mas também são as mais fortes.”

Siobhan estendeu a mão.

O toque da sua pele era tão suave quanto musgo ou uma escova de seda.

“Aprendeste o que eles farão contigo por esse mundo fora. Aprendeste porque é que precisas de ser forte.”

Kate abanou, ela própria, a cabeça. Ela *precisava mesmo* de ser forte. Ela precisava de ser forte para que ninguém a pudesse magoar novamente, e nenhum daqueles que a perseguiam, lhe conseguisse tocar. Para que ela pudesse proteger a sua irmã. Para que ela pudesse vingar-se de uma infância que lhe havia sido tirada.

Ela ainda precisava de mais do que isso. Ela precisava de um lugar onde ela pudesse estar segura.

Siobhan caminhou até ao lado oposto da fonte. A cena cintilava e Kate estava a olhar para a água corrente.

A fonte estava viva novamente.

Kate ficou impressionada com o poder da mulher. No entanto, ela temia as águas diante de si, sabendo o preço que elas traziam.

Siobhan levou a sua mão para baixo com uma pequena concha de prata e encheu-a com uma mão firme.

Ela então virou-se para Kate, segurando-a.

“Estás preparada, Kate?”

Kate alcançou-a com uma mão trêmula e pegou na concha. Era incrivelmente pesada, antiga, uma coisa em si própria de grande poder.

Ela olhou para as águas brilhantes dentro dela, e ficou surpreendida com a pouca água que tinha. Menos do que uma tigela pequena.

Contudo, a quantidade suficiente para mudar a sua vida para sempre.

Suficiente para torná-la a guerreira mais forte que alguma vez havia vivido.

E suficiente para colocá-la na dívida desta bruxa para sempre.

Não era um pacto que ela tivesse querido fazer.

No entanto, este era um mundo difícil e cruel, e Kate tinha-se apercebido que não podia confiar em ninguém além de si mesma.

Ela queria esse poder. Ela queria essa força.

Ela queria destruir aquele orfanato.

E ela queria tornar-se na melhor guerreira que alguma vez tinha vivido.

Então, com uma mão a tremer, ela ergueu a concha na direção dos seus lábios. O metal estava frio e a água estava ainda mais fria.

E ela fechou os olhos.

E bebeu.



AGORA DISPONÍVEL!

UMA CORTE PARA LADRAS

(Um trono para irmãs—Livro #2)

“Morgan Rice surgiu com o que promete ser mais uma série brilhante, submergindo-nos numa fantasia de valentia, honra, coragem, magia e fé no seu destino. Morgan conseguiu mais uma vez produzir um conjunto forte de personagens que nos faz torcer por eles em todas as páginas... Recomendado para a biblioteca permanente de todos os leitores que adoram uma fantasia bem escrita.”

— Books and Movie Reviews, Roberto Mattos, (sobre a Ascensão dos Dragões)

De Morgan Rice, Bestseller #1, chega uma nova série inesquecível de fantasia.

Em UMA CORTE PARA LADRAS (Um Trono para Irmãs – Livro Dois), Sophia, de 17 anos, encontra o seu mundo virado de pernas para o ar ao ser afastada do mundo romântico da aristocracia e de volta aos horrores do

orfanato. Desta vez, as freiras parecem ter a intenção de a matar. No entanto, isso não lhe dói tanto como o seu coração destrozado. Será que Will se vai aperceber do seu erro e vai voltar para ela?

A sua irmã mais nova, Kate, de 15 anos, embarca no seu treino com a bruxa, atingindo a maioridade sob os seus auspícios, dominando a espada, ganhando



mais poder do que ela alguma vez imaginou ser possível – e determinada a embarcar numa missão para salvar a sua irmã. Ela dá por si imersa num mundo de violência e combate, de magia que anseia – e, porém, numa que a pode vir a consumir.

Um segredo é revelado sobre os pais desaparecidos de Sophia e Kate, e tudo pode parecer o que não é para as irmãs. O destino, na verdade, pode estar virado de cabeça para baixo.

UMA CORTE PARA LADRAS (Um Trono para Irmãs – Livro #2) é o segundo livro de uma deslumbrante nova série de fantasia repleta de amor, desgosto, tragédia, ação, magia, feitiçaria, destino e suspense de tirar o fôlego. Um livro que não se quer parar de ler, ele é preenchido com personagens que vão fazer com que você se apaixone, e com um mundo que você nunca vai esquecer.

Livro #3 na série—UMA CANÇÃO PARA ORFÃS—será publicado brevemente.

“Uma ação carregada de fantasia que irá certamente agradar aos fãs das histórias anteriores de Morgan Rice, juntamente com os fãs de trabalhos tais como O Ciclo da Herança de Christopher Paolini...Fãs de ficção para jovens adultos irão devorar este último trabalho de Rice e suplicar por mais.”

—The Wanderer, A Literary Journal (sobre a Ascensão dos Dragões)

UMA CORTE PARA LADRAS

(Um trono para irmãs—Livro #2)



Sabia que eu já escrevi múltiplas séries? Se não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo e faça o *download* do primeiro livro de cada série!

Livros de Morgan Rice

O CAMINHO DA ROBUSTEZ

APENAS OS DIGNOS (Livro #1)

UM TRONO PARA IRMÃS

UM TRONO PARA IRMÃS (Livro #1)

UMA CORTE PARA LADRAS (Livro #2)

UMA CANÇÃO PARA ORFÃS (Livro #3)

DE COROAS E GLÓRIA

ES CRAVA, GUERREIRA, RAINHA (Livro #1)

VADIA, PRISIONEIRA, PRINCESA (Livro #2)

CAVALEIRO, HERDEIRO, PRÍNCIPE (Livro #3)

REBELDE, PEÃO, REI (Livro #4)

SOLDADO, IRMÃO, FEITICEIRO (Livro #5)

HEROÍNA, TRAI DORA, FILHA (Livro #6)

GOVERNANTE, RIVAL, EXILADA (Livro #7)

VENCEDORA, DERROTADA, FILHO (Livro #8)

REIS E FEITICEIROS

A ASCENSÃO DOS DRAGÕES (Livro #1)

A ASCENSÃO DOS BRAVOS (Livro #2)

O PESO DA HONRA (Livro #3)

UMA FORJA DE VALENTIA (Livro #4)

UM REINO DE SOMBRAS (Livro #5)

A NOITE DOS CORAJOSOS (Livro #6)

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)

UM GRITO DE HONRA (Livro #4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)

UM REINADO DE AÇO (Livro #11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro #14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro #15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro #16)

O DOM DA BATALHA (Livro #17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)

ARENA DOIS (Livro #2)

ARENA TRÊS (Livro #3)

VAMPIRO, APAIXONADA

ANTES DO AMANHECER (Livro #1)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro #1)

AMADA (Livro #2)

TRAÍDA (Livro #3)

PREDESTINADA (Livro #4)

DESEJADA (Livro #5)

COMPROMETIDA (Livro #6)

PROMETIDA (Livro #7)

ENCONTRADA (Livro #8)

RESSUSCITADA (Livro #9)

ALMEJADA (Livro #10)

DESTINADA (Livro #11)

OBCECADA (Livro #12)

Morgan Rice

Morgan Rice é a best-seller nº1 e a autora do best-selling do USA TODAY da série de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por dezassete livros; do best-seller nº1 da série OS DIÁRIOS DO VAMPIRO, composta por doze livros; do best-seller nº1 da série TRILOGIA DA SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por três livros; da série de fantasia épica REIS E FEITICEIROS, composta por seis livros; e da série de fantasia épica DE COROAS E GLÓRIA, composta por oito livros; e da nova série de fantasia épica UM TRONO PARA IRMÃS. Os livros de Morgan estão disponíveis em edições áudio e impressas e as traduções estão disponíveis em mais de 25 idiomas.

[TRANSFORMADA \(Livro n 1 da série Diários de um Vampiro\), ARENA UM \(Livro n 1 da série A Trilogia da Sobrevivência\) e EM BUSCA DE HERÓIS \(Livro n 1 da série O Anel do Feiticeiro\) e A ASCENÇÃO DOS DRAGÕES \(Reis e Feiticeiros – Livro n 1\) estão disponíveis gratuitamente no Amazon!](#)

Morgan adora ouvir a sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.morganricebooks.com e juntar-se à lista de endereços eletrónicos, receber um livro grátis, receber ofertas, fazer o download da aplicação grátis,

obter as últimas notícias exclusivas, ligar se ao Facebook e ao Twitter e manter-se em contacto!

Document Outline

- [UM TRONO PARA IRMÃS](#)
- [MORGAN RICE](#)
- [CONTEÚDO](#)
- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO CATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZASSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZASSETTE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZANOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [AGORA DISPONÍVEL!](#)